

# PREÁ

REVISTA DA FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO  
SECRETARIA EXTRAORDINÁRIA DE CULTURA DO RN

Ano 9 | 2011 | Janeiro · Fevereiro · Março · Abril

#23

A hand holding a gloved hand against a yellow background with a city skyline at the bottom.

# AGORA É MÃ

O Rio Grande do Norte começou a trilhar um novo caminho, avançar rumo ao desenvolvimento socioeconômico e ocupar o seu lugar de destaque entre os estados do Nordeste. O caminho é longo, porque nem tudo se resolve da noite para o dia. É preciso esforço, determinação e paciência. Olhar para trás é apenas um exercício para saber onde o nosso estado foi parar e o que deve ser reconstruído a partir de agora. O Rio Grande do Norte dos últimos oito anos sofreu com a falta de planejamento, a paralisação de obras e a ausência de grandes investimentos que gerassem crescimento.

# MÃOS À OBRA

Mas quem sabe aonde quer chegar não pode olhar apenas pelo retrovisor. Por isso, tão importante quanto reconstruir, é avançar. E os primeiros passos já estão sendo dados: enxugando gastos de custeio e pessoal, reerguendo os serviços fundamentais e equilibrando o orçamento com a capacidade de investimento.

Daqui para frente, os resultados vão aparecer a curto, médio e longo prazos.

Porque para construir o futuro que a gente quer é preciso fazer o máximo que a gente pode. E é o que está sendo feito. **Agora é mãos à obra.**

♦ f a c e a f a c e

# OLHAR F

Diva, fotografada por Chico Canhão, na década de 80.

PREA

# EMINIINO

por Mário Ivo Cavalcanti

**REUNIR DIVA CUNHA E ADA LIMA EM UMA MESMA CONVERSA É COINCIDIR DUAS TRAJETÓRIAS, POÉTICAS E PROFISSIONAIS, QUE A DISTÂNCIA GERA-CIONAL SÓ APROXIMA. ENQUANTO ADA, AOS 25, PARTE PARA SEU SEGUNDO LIVRO, DIVA JÁ PUBLICOU SEU QUINTO DE POESIA, QUE VEM SE JUNTAR A OUTROS QUATRO NA ÁREA DE CRÍTICA E PESQUISA LITERÁRIA. ENQUANTO DIVA SE DIZIA “DA PÁ VIRADA/ A DA VIDA TORTA”, EM SUA ESTRÉIA TARDIA, ADA, À ÉPOCA COM DOIS ANOS, SE DEFINIRIA DEPOIS, E IGUALMENTE ESTREANTE, COMO UMA “MENINA GAUCHE”. NÃO À TOA, AMBAS RECORREM À LOUCURA PARA DESCREVER SEUS INÍCIOS ACADÊMICOS – ADA, APENAS ENTRANDO NO MESTRADO; DIVA, APOSENTADA DA UFRN E AINDA MERGULHADA EM LEITURAS, PESQUISAS, ESTUDOS, E DE VOLTA ÀS SALAS DE AULA, EM UM ETERNO E SAUDÁVEL RECOMEÇO.**

**DIVA** Como não sou disciplinada, enchi o meu dia de aulas, estou assim, pareço uma estudante, não saio do CEFET.

**ADA** Eu saí do jornal justamente pra poder me preparar para a seleção do mestrado.

**DIVA** Mas você é formada em Letras ou Jornalismo?

**ADA** Eu me formei em Jornalismo em 2004, Letras em 2010 e ingressei agora no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da UFRN, na área de Linguística Aplicada.

**DIVA** Eu tinha 23 anos quando comecei a ensinar, e de cara me deram quatro turmas. O curso de Letras tinha sido federalizado, era um dos grandes empregos da época, todo mundo querendo ser melhor – e eu fiquei louca. Só vivia pra estudar. Larguei Jornalismo e fui ensinar Literatura Portuguesa. Hoje, quando faço uma retrospectiva, reconheço que aprendi Literatura com a Literatura Portuguesa, que por sua vez aprendi ensinando. Eu não tinha sido uma boa aluna. Foi a época das greves, 68, eu vivia fazendo discurso em cima das mesas, estudar que era bom...

**ADA** Eu já era o contrário, nunca me envolvi com o movimento estudantil.

**DIVA** Sim, mas você viveu outros tempos, as coisas estão frias.

**ADA** A última greve que eu peguei foi quando eu fazia Jornalismo, 2000, 2001, uma greve que durou três meses.

**DIVA** Meu curso de Letras pegou o auge da confusão. Além das grandes bandeiras nacionais, aqui tinha também o problema específico da Faculdade de Filosofia, Letras e Artes, que era estadual e queria ser federalizada. E eu, da esquerda festiva, perdia meu tempo fazendo barulho. Fui estudar quando passei no concurso e me vi diante de quatro turmas pra ensinar. Foi duro, mas foi bom. No início dos anos 70, quando o mestrado chegou ao Brasil, eu, desesperada, decidi sair. Houve um seminário na Academia Nortteriogradense de Letras sobre Literatura Brasileira e trouxeram Gilberto Mendonça Teles, que me encaminhou para um mestrado na PUC, no Rio de Janeiro. Foi importantíssimo na minha vida, foi quando eu conheci os professores que estavam na onda – Silvano Santiago, Cleonice Berardinelli... Pra quem vive aqui é preciso sair...

**ADA** Você terminou o mestrado e voltou logo pra Natal?

**DIVA** É. Tirei licença de três anos, defendi a tese e voltei pra cá. Nesse ínterim, minha vida mudou: no terceiro ano eu estava grávida e fiquei viúva. Esse período também foi muito importante porque foi no Rio que eu conheci minha parceira intelectual, Constância Lima Duarte. O professor Waldson Pinheiro era o chefe de departamento, e como a UFRN estava crescendo, me pediu para que eu indicasse alguns colegas para o cargo de professor visitante. Mas ninguém quis, porque Natal era uma vi-

Formatura em Letras, 2010: Ada.



lazinha. Em 78 isso aqui era uma beira de praia, era uma delícia, mas ninguém queria ficar num lugar que não era um centro de irradiação.

**ADA** Não tinha tradição nenhuma em pesquisa.

**DIVA** Nada. Eu falei com Silviano e ele disse “e os seus amigos?” – meus amigos eram Constância e Eduardo Duarte – e eu disse “mas eles também não querem”. “Mas como? Eles precisam ao menos conhecer”. Aí eles vieram. E foi muito importante, porque fizemos uma parceria, eu e Constância, primeiro em Literatura Portuguesa e depois passamos para a Literatura do Rio Grande do Norte.

**PREÁ** Quando começou esse interesse pela Literatura Potiguar?

**DIVA** Interesse eu sempre tive, mas não tinha livro, não tinha nada, alguém fazia uma conferência, você corria para assistir. Tarcísio Gurgel, na apresentação da *Informação da Literatura Potiguar*, conta como eu, participando de uma de suas palestras, pedi “Tarcísio, pelo amor de Deus, escreva, escreva o que você sabe”. Foi um interesse que foi crescendo. Eu convivia muito com Vicente Se-rejo e ele já naquela época tinha aquela preocupação de colecionador e me passava algumas coisas. Constância, por outro lado, resolveu que o tema do seu doutorado seria Nísia Floresta e começou a procurar material para ver se justificava... então, nós fomos descobrindo, procurando, mas foi uma dessas coisas que acontecem, a *onda*...

**PREÁ** Uma *onda* que vocês criaram...

**DIVA** Sim, mas esse *vocês* não somos só eu e Constância, tem mais gente. Hoje, a gente vê pessoas como Ana Laudelina lançando um livro sobre Auta de Souza em São Paulo.

**ADA** Eu não vou mentir: eu conheço muito pouco da Literatura daqui, tenho até vergonha de falar.

**DIVA** Mas não tenha, não, você é novinha...

**ADA** Quando eu entrei no curso de Letras, meu interesse maior era Literatura, especialmente Fernando Pessoa, que é minha grande paixão. Fui me apai-

xonando pela área de Linguística e não larguei mais. Atualmente estou com um projeto sobre Quadrinhos, a construção de sentido no gênero.

**DIVA** Esses interesses a gente vai despertando aos poucos. Eu sempre gostei de Literatura, sempre fui apaixonada, desde menina que vivia agarrada com os livros, e quando entrei para a vida acadêmica fui levada para a Literatura Portuguesa. Quando eu comecei a en-

trar na Literatura do RN, eu senti um prazer, uma alegria tão grande... Tanto assim que a proposta inicial da minha tese de doutorado – eu fiz os créditos e a qualificação na Espanha – era inspirada em Câmara Cascudo, no estudo dos temas espanhóis na Cultura Brasileira, que ele propõe no prefácio de uma edição do *Dom Quixote*. Cheguei a conversar com Manoel Onofre Jr., com Marcos Silva, mas quando apresentei ao orientador, ele começou a cortar, cortar, cor-



Formatura em Letras, 1969: Diva e Djair Dantas.

tar, à maneira do europeu que diz que não pode ser amplo assim...

**ADA** ... tem que ter um foco...

**DIVA** Corta isso, corta isso, corta isso, terminou só “A festa de São João” – resultado: perdi o interesse, achei que tinha ficado muito limitado. Foi quando optei por estudar uma revista de Cultura Brasileira que a embaixada publica na Espanha.

**PREÁ** *Você fez o estudo também da Via-Láctea [revista feminina/literária, de Palmyra e Carolina Wanderley, publicada no RN entre 1914 e 1915].*

**DIVA** Mas nós fizemos apenas a introdução à edição fac-similar. Não é um estudo aprofundado. A *Via-Láctea* dá dissertação e tese.

**PREÁ** *A propósito, existe uma Literatura Feminina?*

**ADA** Literatura. Ponto. Não gosto da divisão, “feminina”, “potiguar”. Literatura boa é universal: você escreve e em qualquer canto do mundo alguém se toca, alguém se arrepia.

**DIVA** Mas isso é o bonito de se dizer. Na verdade a gente sabe que não funciona, aqui, na prática, na prática...

**ADA** Na academia, principalmente.

**DIVA** Você sabe disso. Eu também acho que Literatura boa é universal, mas se a gente não estudar o autor potiguar, quem vai estudar? Quem? Se o melhor que a gente tem, que foi Jorge Fernandes – melhor no sentido do contexto da época – não chegou lá fora... Cada estado vai valorizar o seu, ele até valoriza o outro, mas primeiro ele valoriza o dele. Agora, nós precisamos da crítica. Já tivemos, não temos mais. Mas dizem que no Brasil não existe crítica...

**ADA** Eu ia dizer isso.

**DIVA** ... os jornais fazem apenas resenha...

**ADA** ... se brincar, sem nem ter lido o livro.

**PREÁ** *E Ada, que começou a escrever na época da internet, sente que a sua poesia é mais facilmente lida lá fora?*

**ADA** Cara, ninguém lê o que eu escrevo! *[risos]* Eu sou ruim demais de divulgação e não tenho disciplina para alimentar o blog *[www.meninagauche.blogger.com.br]*: o meu tem uns dois meses sem no-



Diva, aos 17, carnaval em Recife.

**“LITERATURA BOA É  
UNIVERSAL: VOCÊ ESCREVE  
E EM QUALQUER CANTO DO  
MUNDO ALGUÉM  
SE TOCA, ALGUÉM SE  
ARREPIA.”**

**“EU TAMBÉM  
ACHO QUE  
LITERATURA BOA  
É UNIVERSAL,  
MAS SE A GENTE  
NÃO ESTUDAR  
O AUTOR  
POTIGUAR, QUEM  
VAI ESTUDAR?  
QUEM?”**

vidade. Até porque eu não tenho parado para escrever. Começou essa seleção do mestrado, eu comecei a enlouquecer. Ficou blog, ficou livro, tudo lá, de lado. O livro estava praticamente pronto, ainda bem.

**DIVA** Como é o nome do seu novo livro?

**ADA** Águas.

**PREÁ** Vocês duas são da área acadêmica e são poetas – como é conciliar esses dois labores?

**DIVA** Eu penso que foi o fato de ter sido professora de Literatura que me ajudou muito. A Poesia Portuguesa é de um rigor muito grande e só me apurou, burlou e me mostrou que eu não era nada excepcional, não.

**ADA** O bom da academia é que você acaba encontrando muita gente interessada em Literatura, em leitura em geral, você troca idéias, às vezes você escreve uma coisa, passa pra outra pessoa, e ali dentro você recebe um comentário, um incentivo – e isso só ajuda.

**DIVA** Fora, você não sabe de nada. Infelizmente a coisa está assim: você publica um livro, sai uma matéria, seu retrato no jornal, alguns segundos na televisão, depois aquilo ali...

**ADA** ... morre. Eu acho que lá dentro você tem mais facilidade pra divulgar, pra trocar uma idéia.

**PREÁ** Mas, por ser a vida profissional mais urgente, mais necessária, do que a vida de, digamos, poeta, o ato de escrever não termina ficando em segundo plano?

**ADA** Escrever é trabalhoso, não é acordar e ter uma idéia, a ser desenvolvida por uma “entidade” – Fernando Pessoa diz que escreveu de uma vez mais de 30 poemas, de pé, sobre uma cômoda: beleza, ele era genial, gente comum como eu não faz isso. Eu preciso de um pouquinho de ócio pra sentar, escrever e trabalhar um poema.

**DIVA** Mas às vezes não significa que você vai saber usar o muito tempo que você tem disponível. Eu estou num momento da vida diferente da sua e posso dizer que tenho todo o tempo pra mim, sou eu quem ocupo meu tempo. Mas sou eu que me matriculei em não sei quantas aulas e estou agora correndo de um lado pra outro. Já me perguntei: eu transformei minha vida num entra-e-sai, estou fugindo de quem? De mim. De mim mesma. De sentar e estudar – estudar que eu digo é ler. Porque eu acho que a gente só escreve...

**ADA** ... se você ler, claro.

**DIVA** Às vezes eu digo aos livros na estante: não falem comigo, pelo amor de Deus! Porque se eu começar a ler, não paro mais. E realmente é muito bom, mas é muito forte, mexe muito. Eu não sei como você se sente, Ada, mas eu

não concordo com aquela regra de 5% de inspiração e 95% de transpiração.

**ADA** Eu concordo.

**DIVA** Eu não concordo, não. Senão todo mundo estava escrevendo. Existe alguma outra coisa, existem mais coisas. Existe aquele desejo de colocar aquilo no papel, de ser lido, de expressar... Agora, que pede, sim, muita leitura, muito trabalho, muita dedicação.

**PREÁ** E existe, antes de tudo, uma forma diferente de ver o mundo – e a poesia de vocês tem muito disso. Ada já falou que não acredita em “poesia feminina”, mas existe uma forma diferente...

**DIVA** Eu acredito.

**ADA** Não é que eu não acredito: eu não gosto da maneira que as pessoas querem separar, botar as coisas em gavetas.

**DIVA** Inclusive às vezes para desvalorizar.

**ADA** Isso.

**DIVA** Existe: porque eu sou mulher, porque eu fui criada de um modo... vou começar pela minha história: eu era a mais velha de cinco irmãos, todos os quatro homens. Mamãe tinha uma lei pra mim e outra pra eles – como é que eu vou ser igual a eles? Eu até queria, só queria brincar com eles – de caubói, e como eu não morria nunca, eles me expulsavam. Mas, era um mundo pras mulheres e um mundo pros homens. Pode ser até que, agora, para as meninas das gerações mais novas, seja diferente. Mas eu fui

criada de outra maneira, e esses anos foram fundamentais na minha vida. O mundo das mulheres era outro mundo. Os meninos podiam ficar na rua, soltos, eu não podia – começa por aí. Agora, eu acho que a experiência feminina é algo muito forte...

**ADA** Talvez o olhar da gente seja um olhar diferenciado...

**DIVA** Eu não acho que somos iguais aos homens. Eu quero os mesmos direitos, mas somos diferentes deles. A mulher menstrua, a mulher engravida... Mas queremos as mesmas chances de emprego e as mesmas condições de salário... Hoje eu ouvi duas mulheres conversando sobre um cara que matou a mulher e a amante. Quantos casos você ouve de uma mulher matar o homem? A mulher ainda é vista como objeto, como posse. A cultura é machista e nós estamos inseridas nela. Então, nós vamos escrever de uma maneira diferente. Eu tenho lido com cuidado as autoras potiguaras e é como se a gente estivesse escrevendo o mesmo texto. São muitas mãos escrevendo o mesmo texto. O mesmo olhar, a mesma maneira de encarar a vida.

**PREÁ** Você lançou seu primeiro livro tarde...

**DIVA** Com mais de 38 anos e lá vai fumaça... Quando eu fiz vestibular eu já tinha minhas *Obras completas*, você imagine... um cadernão com uns 300 poemas, aos 18 anos.

**ADA** Os meus eu dei fim a eles: aos 13 anos de idade eu joguei tudo fora.

**DIVA** E esse cadernão já era o resultado de milhões de caderninhos, de papeizinhos, milhões de coisas que mamãe mostrava para a rua *to-di-nha* – o pior era isso.

**ADA** Os meus eu escondia, ninguém nem chegou a ver.

**DIVA** Eu desenhava, ilustrava, escrevia as historinhas. Quando eu estava no colégio, era muito amiga de uma prima de Lêda, mulher de Luís Carlos Guimarães, e ainda estudante eu frequentava a casa deles, conversava muito com ele. Quando entrei na faculdade, mostrei o caderno a Luís Carlos, que passou para Eulício [*Farias de Lacerda, escritor*

*paraibano que viveu em Natal*]. Esse caderno rodou na Fundação José Augusto e disseram que iam publicar – mas não publicaram e me devolveram, e eu deixei na casa de mamãe e se perdeu. Hoje eu me arrependo profundamente.

**PREÁ** Eram as “obras completas”...

**DIVA** Eram. Eu queria um verso: se salvasse um verso já valia a pena. Me dói muito, porque ali deve ter tido algum verso, ora, no auge da juventude, dava pra salvar alguma coisa. Hoje eu sei cortar, hoje pra escapar da minha tesoura... Outro motivo para eu ter demorado a publicar foi quando eu comecei a estudar Literatura Portuguesa e a achar que o que eu escrevia não prestava pra *nada*. Continuei escrevendo, porque era uma pulsão muito forte, mas escondido. Quem primeiro publicou meus poemas foi a revista *Grande Ponto*, de Socorro Trindad. Eu lembro que ia passando no Centro de Convivência da UFRN quando Zila [*Mamede*] me chamou: “Diva, você está escondendo o leite”. Mas eu tinha uma vergonha... Tanto que no primeiro livro, *Canto de página* [1986] eu venho protegida por Serejo e Luís Carlos, na apresentação, e Eduardo Assis [*Duarte*], no posfácio.

**ADA** No meu caso o que ajudou foi a internet. Eu comecei a escrever para não perder mais o que escrevia no papel, e criei um blog que só eu sabia o endereço. Mostrei para um amigo, que mostrou para outro, que também tinha um blog, que foi lido por um colega que deu uma notinha no jornal... aí o meu pai [*o poeta Adriano de Sousa*], que não sabia que eu escrevia, descobriu meu blog assim, e como na época ele estava criando a editora Flor do Sal, um dos três primeiros livros publicados foi o meu. Agora, quando eu pego esse primeiro livro às vezes eu tenho vergonha de umas coisas – “meu Deus, eu não teria escrito isso assim, isso não está legal...”

**DIVA** Mas vai ser assim a vida toda. Se você soubesse o corte que eu dei em *Resina*. Hoje eu me arrependo. Paulo de Tarso [*Correia de Melo*] disse: “Não faça isso!” Marize, que editou: “Eu, você, não fazia”. Quando eu descobri o tal do enxugar o texto... agora eu quero enxugar, quero enxugar...

**“AH, MEU DEUS, A PALAVRA, COMO DÁ TRABALHO, COMO DÓI ÀS VEZES FAZER UM POEMA.”**

**“ÀS VEZES EU DIGO AOS LIVROS NA ESTANTE: NÃO FALEM COMIGO, PELO AMOR DE DEUS!”**

**ADA** Eu tenho mania de enxugar desde sempre. Os poemas têm dois versos, três, quatro, é só retalhando...

**DIVA** José Bezerra Gomes, quando Luís Carlos organizava a sua antologia, todo dia ia na Fundação José Augusto e cortava um verso [ver artigo e poemas a partir da página 86]. Vira mania. Quando Vilma Arêas veio passar um verão aqui, na Redinha, ela me aconselhou muito a cortar – foi fundamental para meu primeiro livro. Eu não sabia cortar e ela mesma meteu a tesoura. Mas a gente não pode cortar demais senão os poemas perdem o nexos.

**ADA** No meu caso eu me arrependo quando vejo os excessos de alguns poemas.

**PREÁ** Essa é mais uma coincidência na poesia de vocês: poemas curtos. Quanto ao tema, percebe-se em *Diva* um certo ar doméstico, a casa é...

**ADA** ... muito presente.

**DIVA** Mas, a casa pode ser uma metáfora, é só uma metáfora.

**ADA** Mas a figura da casa está sempre lá.

**PREÁ** Vocês também coincidem na reflexão do fazer poético. Há uma autoreferência, da poeta, da poesia, no próprio poema.

**ADA** É uma angústia permanente, isso.

**DIVA** A poesia brasileira, como um todo, tem essa consciência. Desde o final do século 19, desde o Simbolismo... a própria Auta de Souza (eu sou apaixonada por Auta) tem um poema onde diz que procurava nos seus olhos apenas motivo para escrever versos. Essa consciência é muito forte, e se a gente não tivesse, agora, um século depois...

**ADA** ... tem que ter...

**DIVA** ... saber que é um trabalho com a palavra.

**ADA** Existe também um quê muito forte de autocrítica, de nunca ficar satisfeito. É um traço meu, do meu comportamento, da minha personalidade, que acaba se refletindo na minha atividade como poeta. Você escreve, acha que não está legal, vem aquela angústia – ah, meu Deus, a palavra, como dá trabalho, como dói às vezes fazer um poema. Às vezes você evoca coisas que estão lá

Ada, aos 27, em Natal.



Diva estreando em sala de aula, 1971: primeiro lugar no concurso da UFRN.

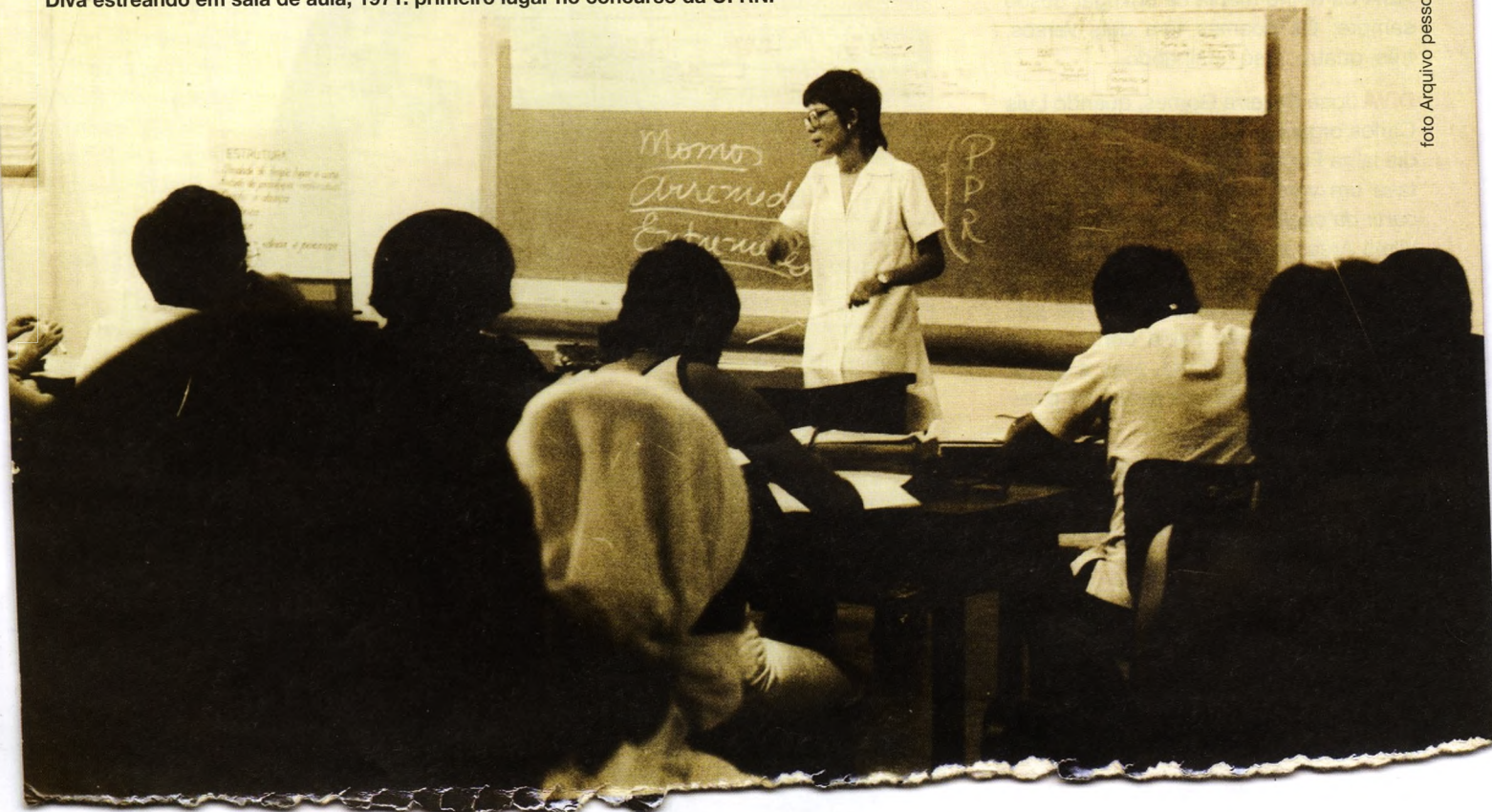


foto Arquivo pessoal

dentro que você não lembrava mais e aquilo vai fluindo...

**DIVA** Mas é um fenômeno muito forte, né? Lá estou eu tomando a palavra...

**ADA** Pode falar, fique à vontade...

**DIVA** Tenha cuidado comigo: eu sou sagitariana – qual é o seu signo?

**ADA** Canceriana.

**DIVA** [risos] Eu gosto dessas coisas, viu?

**ADA** Canceriana com ascendente em Áries.

**DIVA** Mas é um fenômeno incrível. Um dia eu estava trabalhando na tese, de castigo, no birô, e, sem mais nem menos, me chega, como se eu estivesse vendo, uma figura que eu conheci quando eu era menina.

**ADA** Nossa. De vez em quando acontece.

**DIVA** Foi um negócio tão forte que eu comecei a ver aquela mulher, que deve ter morrido há uns 40 anos...

**ADA** E aí você precisa escrever, pelo menos é o que acontece comigo...

**DIVA** ... uma pessoa que eu nunca pensei que eu pensasse nessa pessoa. Como na época eu estava numa “discussão” com João Cabral de Melo Neto, estudando sua obra, escrevi o poema, “arremedando João Cabral”. [recita o poema “D. Maria Cândida”, que termina com os versos “de que vivia/ velha senhora/ que volta a viver/ fora de hora?”]

**ADA** Eu lembro desse poema. Eu li o *Resina* há uns quatro meses...

**DIVA** Eu devo ter feito umas correções, cortado alguma coisa, mas saiu quase do jeito que eu escrevi no momento – eu queria ser pintora pra pintar aquela imagem maravilhosa que me surgiu: aí, escrevi. Já esse outro, “Mãe Ninha”, eu levei uns cinco anos escrevendo. Por isso que, se não se quer usar o nome “inspiração”, porque todo mundo condena por ser usado facilmente, mude-se o nome: não é inspiração – é um desejo, uma paixão...

**ADA** ... um impulso, uma vontade, uma lembrança...

**DIVA** ... é uma paixão fortíssima, mais forte que você, tudo na sua vida. Embora você fuja dela como o diabo da cruz.

**ADA** Ela persegue você.

**DIVA** Porque ela lhe trucida. Porque você não tem hora, não tem dia, não tem nada... eu tenho consciência que eu fujo muito de escrever. E agora eu estou numa entressafra. O refluxo da maré.

**ADA** A minha já dura meses.

**DIVA** Eu também – esse livro [*Resina*] levou muito de mim.

**ADA** É engraçado isso: quando nasce um livro, você precisa de um tempo pra se recuperar.

**DIVA** É como se fosse ainda a época de amamentar o filhote. [risos] Eu também queria escrever outras coisas.

**“EU PRECISO DE UM POUQUINHO DE ÓCIO PRA SENTAR, ESCREVER E TRABALHAR UM POEMA.”**

**“É UMA PAIXÃO FORTÍSSIMA, MAIS FORTE QUE VOCÊ, EMBORA VOCÊ FUJA DELA COMO O DIABO DA CRUZ.”**

Menina gauche: a estréia de Ada.



foto Fábio Farias

**ADA** Eu durante um tempo escrevi artigos, mas tenho mais dificuldade em escrever em prosa.

**DIVA** Mas são tão boas aquelas crônicas do *Novo Jornal*... Quantas você publicou?

**ADA** Acho que umas dez.

**DIVA** Por que não vai sair nesse novo livro? Já está pronto?

**ADA** Já. São só poemas.

**DIVA** Mas no próximo coloque também as crônicas, os textos são bons. Acho que você tem jeito. Eu tenho uma ambição, pela prosa, uma vontade, que não seja apenas teorizar sobre mulher e Literatura, Literatura do RN...

**ADA** A gente já teoriza tanto na universidade, tem que ter um escapezinho...

**DIVA** Se fala muito que aqui só tem poeta, não tem prosador, mas não acho que seja uma vocação só do RN. Quem são os prosadores, de hoje, por exemplo, do Ceará, que você conhece? Deve ter.

**ADA** Mas está escondido.

**PREÁ** Fica tudo muito regionalizado. E o centro continua sendo São Paulo e Rio. Ou autores que migraram pra lá.

**DIVA** Como migraram todos os pernambucanos, Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto.

**ADA** Também porque as grandes editoras estão lá...

**DIVA** ... e os jornais.

**ADA** Parte da crítica, a mídia mais forte está lá.

**PREÁ** Entre os poetas potiguares talvez quem tenha tido mais destaque foi Zila Mamede.

**DIVA** Sim. E veja que Zila publicava muito nos jornais do Recife, onde fez muitas amizades...

**PREÁ** O próprio João Cabral...

**ADA** Sim, mas João Cabral foi mais tarde. Na década de 50 era mais o pessoal do Recife, mesmo. Ela escreve pra Manuel Bandeira, vai ao Rio, onde conhece Bandeira, que interfere na obtenção de uma bolsa de estudos para cursar Biblioteconomia. Era uma mulher muito articulada.

**PREÁ** Quais poetas vocês lêem?

**ADA** Manoel de Barros é o primeiro nome que me vem – adoro. Tenho lido também José Paulo Paes, Ana Cristina Cesar, Eliot, Borges... Eu não conhecia Borges até entrar no curso de Letras e sou eternamente grata ao professor Francisco Ivan, que me apresentou. Mas quando me perguntam de um poeta, o nome é Manoel de Barros, aquela coisa de ver nas coisas simples, do dia-a-dia, uma beleza...

**PREÁ** E sua poesia tem muito pouco a ver com a dele...

**DIVA** É isso que eu ia dizer.

**ADA** Não tem nada a ver. Mas eu adoro.

**PREÁ** A sua tem muito a ver com a de Diva, e vice-versa. Por exemplo, a presença do homem...

**ADA** ... não como gênero.

**PREÁ** Como gênero masculino, sim.

**ADA** Ah, é verdade, tem uma coisa ou outra. A pessoa escreve um livro e não lembra mais o que fez, é uma vergonha. [risos]

**PREÁ** Esse, por exemplo, lembra muito Diva: “Ele me levou tudo// das palavras escondidas/ às roupas no varal//”...

**ADA** ... “Sutil/ como um serial killer.” Eu nem lembrava mais desse...

**DIVA** É aquilo que eu disse: como as mulheres conseguiram escrever e publicar, apenas recentemente – isso é uma vitória da metade do século passado para cá –, estamos indo na mesma direção, embora Ada seja muito mais nova do que eu.

**ADA** Você não falou dos seus poetas...

**DIVA** Manuel Bandeira. Quando você falou em Manoel eu pensei “será que é o meu?”. Não, não era o meu Manuel. Bandeira foi uma paixão de infância... Cecília Meireles (minha filha se chama Cecília)... a poesia brasileira como um todo. Li demais os românticos...

**ADA** Nossa, os românticos! Minha primeira experiência com poesia foi justamente através de uma coleção de autores românticos, as três gerações, uma encadernação linda, dourada, minha avó guardava lá no alto da estante... Casimiro de Abreu, Castro Alves...

**DIVA** Comigo também, poesia brasileira e também nessas edições antigas: eu lia tanto – era muito marcada a contagem das sílabas, né? – que eu acordava fazendo versos e contando sílabas.

**ADA** Nos seus primeiros poemas tinha uma influência do que você lia? Porque com 12, 13 anos, eu lia os parnasianos e tudo que eu escrevia tinha de ter quarte- tos, tercetos, rimas, senão eu não ficava satisfeita.

**DIVA** Tinha. É um exercício importante. Mas meus mestres – até porque eu não lia em inglês, e só um pouquinho em francês – eram todos da poesia brasileira, e, depois, já ensinando na universi- dade, os portugueses.

**ADA** E Fernando Pessoa, pelo amor de Deus, tinha esquecido!

**DIVA** A Literatura Portuguesa como um todo é uma literatura de qualidade – o que eles têm de pequeninho, uma tiri- nha de terra, no final do continente... Enquanto os autores brasileiros foram lidos quando eu era jovem – por deleite, por prazer –, a leitura dos portugueses veio acompanhada dessa exigência,

de aprender para ensinar. Até hoje sou impressionada com Fiama Hasse Pais Brandão, uma portuguesa... Sophia de Mello Breyner... Mas tem que ler mais, traduzir: quanto mais estudar, melhor. E sem esperar muita coisa, fazer simples- mente nosso ofício.

**PREÁ** Você está falando de reconheci- mento? Incomoda não ter o reconheci- mento?

**DIVA** Incomoda. Às vezes a gente vê re- senhas muito boas nos jornais nacionais e quando vai ler o livro: meu Deus, aqui, no estado – não só eu – estamos fazen- do coisa, talvez, melhor. Aí eu digo: tudo bem, escrevo porque é o que me toca.

**ADA** Talvez por eu ser muito na mi- nha, por ser muito bicho-do-mato, eu não ligo muito que não me leiam, que não saibam quem eu sou. Talvez daqui a alguns anos isso mude. Se eu continuar escrevendo...

**DIVA** Espero que sim.

**ADA** É bom você saber que de algu- ma forma tocou alguém. Que alguém leu seu poema e se arrepiou. Mas,

não fico esperando louros da crítica. Fico mais feliz quando alguém mais próximo é sincero e diz se gostou ou não gostou.

**PREÁ** Mas enquanto acadêmicas, vo- cês esperam de, no futuro, ter a obra estudada, reconhecida?

**ADA** Acho tão distante isso.

**DIVA** [risos]. Acho que a minha já está sendo estudada, já aconteceram al- guns seminários... E eu não vivo pra isso. Meu sonho maior é reescrever Palmyra Wanderley.

**PREÁ** O *Roseira brava*? Como seria essa reescritura?

**DIVA** Pegar os poemas, antropofagica- mente devorar e devolver. Ela escreve sobre Natal quando era uma coisinha, uma cidadezinha nas dunas. Quando me dá um desespero olhar para essa cidade cimentada, amuralhada, eu corro pra ler Palmyra. Ela não teve uma crítica, a orien- tá-la, a sugerir cortes, arrumar melhor – acho desarrumada a sua poesia.

**PREÁ** E Ada? Algum sonho, alguma vontade?

“Apenas deságue em mim  
e faça surgir/  
um coração/ em meu ventre.”

**ADA LIMA**

**ADA** [demora a responder]. Escrever melhor do que eu escrevo hoje. Eu nunca estou plenamente satisfeita. Esse segundo livro é mais maduro, coeso, do que o outro. E tenho certeza de que daqui a um ano, dois, eu vou querer fazer um melhor.

**PREÁ** Diva está na fase de olhar pra trás, de rever o que foi escrito.

**DIVA** Quando eu fui homenageada, juntamente com uma poeta portuguesa em um seminário realizado aqui em Natal, e disse que não tinha nada novo, me sugeriram uma antologia. Mas eu saí caçando e descobri uns 80 novos poemas, além dos três primeiros livros esgotados. O resultado está em *Resina*.

**PREÁ** E ser filha de poeta, Ada, interfere na sua produção?

**ADA** Não. Eu admiro muito a poesia dele, é uma referência pra mim, mas tenho consciência de que a minha produção é muito diferente. Às vezes acontece uma comparação, “ah porque ela é filha de Adriano”, “ah mas a poesia dela é diferente”...

**DIVA** Primeiro por que ele é homem.

**ADA** [risos] É. Isso já é uma característica bem diferente. Eu até fiquei lisonjeada quando descobri que ele lia o que eu escrevia, e gostava.

**PREÁ** Quem escreve sempre passa por um momento em que descobre alguém que acha tão bom que se sente até intimidado em continuar escrevendo...

**ADA** Comigo nunca aconteceu.

**DIVA** Quando eu fui trabalhar com a Literatura Portuguesa, quando conheci Fiama Hasse, eu passei por isso. Já com Cecília Meireles foi diferente: ela me levou a escrever. Ler um bom poema tanto pode levar a procurar escrever tão bem, quanto também a se retrair – “nunca vou chegar a ele”.

**PREÁ** Pra concluir...

**DIVA** Termino por onde comecei: falando da Literatura do RN, desse grupo de mulheres. É muito interessante quando você olha pra trás e vê que há cem anos as mulheres não escreviam, não publicavam, ou, quando escreviam, não

conseguiam publicar. Lygia Fagundes Telles conta uma história interessante: no século 19 as mulheres escreviam, escondido, e quando morriam pediam pra botar o caderninho de versos dentro do caixão. Uma coisa tão delas, tão íntima, que não podiam mostrar a ninguém. Isso me comove muito. De repente as mulheres estão aí, escrevendo até muitas coisas fortes, abrindo o coração. Me sinto irmanada com todas. A boa poesia como um todo, como Ada disse, é universal. Mas neste momento específico estou pensando nessa movimentação das mulheres em busca de uma voz, de um lugar na sociedade.

**ADA** E eu preciso lê-las.

**DIVA** Pode ter certeza: porque você vai se encontrar e se superar. Pra concluir, só dizer que a poesia está viva, viva a poesia.

**ADA** Amém.

**Mário Ivo Cavalcanti** é jornalista e editor da Preá.

“Homem bicho frouxo/ passa pelo mundo sem tilar/  
sujou as mãos/ corre pra lavar//  
imagina o homem/ quatro dias e aquele sangue/  
aquele cheiro impregnado nas paredes da casa//  
imagina o mundo/ crescendo redondo/ na barriga de um macho desses//  
nem nascia o novo/ nem se fundava a História”

**DIVA CUNHA**

## ♦ outras palavras

**PRA  
FAZER  
A  
CULTURA  
ACONTECER**

A ressurreição da revista *Preá* tem significado que ultrapassa a mera retomada da publicação. Ela sinaliza – com outros fatos já do conhecimento público – que a arte e a cultura deixam de ser encaradas como assuntos de segunda linha e voltam a figurar na lista de prioridades do Governo do Estado.

Artistas e produtores de cultura não mais serão tratados como mendigos, a quem se destinam apenas as sobras orçamentárias. Eles serão tratados como agentes sociais importantes, que produzem informação e educação, diversão e conhecimento, lazer e reflexão sobre nós e o nosso tempo. Com direito a políticas e recursos específicos, compatíveis com a dimensão socioeconômica que essas atividades ocupam na vida dos potiguares e no desenvolvimento do Rio Grande do Norte.

Estamos começando na medida das possibilidades de um orçamento engessado pela falta de planejamento e de compromisso com o equilíbrio fiscal. Nosso projeto de política cultural é abrangente e irreversível. Com o passar do tempo, as diferenças e os resultados em relação à inércia anterior ficarão cada vez mais claros. Mas, em pouco mais de 100 dias, já há avanços a contabilizar.

O mais importante talvez tenha sido a criação da Secretaria Extraordinária de Cultura, uma antiga reivindicação dos artistas, que o nosso Governo encamou e fez acontecer. A secretaria é es-

tratégica para reforçar, complementar e ampliar o papel da Fundação José Augusto na concepção e na execução de políticas públicas de cultura.

Outra medida relevante foi a elevação do teto de renúncia fiscal via Lei Câmara Cascudo de Incentivo à Cultura, que passou para R\$ 6 milhões por ano, 50% a mais do que a média dos anos anteriores. O próximo passo na área de financiamento será a criação do Fundo Estadual de Cultura, mensagem que enviaremos à Assembleia ainda este semestre, garantindo o funcionamento para 2012 como é da Lei.

É importante destacar, além dessas duas medidas macroestratégicas, algumas ações pontuais que também demonstram o grau de seriedade do nosso trabalho e do nosso projeto geral para a cultura. Uma delas é o próprio relançamento da *Preá*, que nasceu forte e rapidamente tornou-se referência de publicação especializada, mas foi se dissolvendo na maré de inércia que caracterizava a gestão pública na cultura.

Reativamos a gráfica Manimbu, retomando também a publicação de livros pela FJA, com o lançamento dos primeiros volumes da Coleção Cultura Potiguar. Pagaremos os prêmios dos editais em atraso e em breve estaremos lançando novos editais com recursos para publicações, premiando a imprensa especializada, o repórter fotográfico e abrindo o primeiro Salão de Arte Popular.

Formamos a primeira turma de 40 agentes encarregados de dinamizar o funcionamento das 29 Casas de Cultura Popular, para transformá-las em centros de produção e difusão artística nos municípios, atuando junto com as escolas, porque entendemos que a cultura é importante para resgatar a qualidade da educação pública no RN. E já destinamos um primeiro repasse de recursos – R\$ 960 mil – para assegurar às Casas de Cultura seus Pontos de Cultura selecionados desde 2009.

Montamos o calendário cultural do RN e estamos elaborando a programação para agosto, com uma série de atividades destinadas a transformar o mês do folclore em centro da política de fortalecimento da cultura popular. Nosso objetivo de médio prazo é fazer da terra de Luís da Câmara Cascudo uma referência internacional de promoção do folclore e de outras matrizes culturais, com ressonância também econômica, associada ao turismo.

Com essas medidas iniciais, esperamos ter virado a página em branco em que se transformara o aparato cultural do estado. Agora é mãos à obra para continuarmos a avançar, restabelecendo a confiança dos artistas e da sociedade no poder público. Pra fazer a cultura potiguar acontecer e voltar a ocupar o lugar destacado que merece em nossas vidas e em nossos corações.

**Rosalba Ciarlini**

Governadora do Rio Grande do Norte

# UM NOVO TRILHAR

Há um novo caminho sendo trilhado pela cultura potiguar. O destino está sendo traçado neste primeiro ano – e prosseguirá nos próximos, quando o Governo do Estado do Rio Grande do Norte terá promovido uma verdadeira revolução, na cultura e em outras áreas.

Nos movem esperanças e sonhos: juntos, equipe de governo e artistas, transformaremos os indicadores de cultura, hoje ainda vergonhosos. Vamos sair da condição de lanterninha, dos últimos lugares no ranking dos estados brasileiros, para chegarmos, em 2014, aos primeiros do Nordeste.

Vamos nos integrar ao Sistema Nacional de Cultura, cumprindo suas exigências, a começar pela criação da Secretaria de Cultura e do Fundo Estadual de Cultura, e promovendo, também, a Conferência Estadual de Cultura.

Na realização dos estudos preliminares, para definir com segurança a sistemática do trabalho a ser desenvolvido, convidamos toda a classe artística, de quem esperamos colaboração e críticas construtivas em torno dos muitos objetivos comuns, entre eles a formação, qualificação e requalificação na área

da cultura. Através do CENA, Centro Educacional de Artes, implantaremos os cursos técnicos profissionalizantes de nível médio em Dança, Teatro, Música e Artes Visuais, com habilitação em Plásticas, Gráfica, Tecnológica, Design e Planejamento e Gestão de Eventos Culturais.

Estamos promovendo, ainda, o diálogo participativo com secretarias de estado – como as de Agricultura, Educação, Saúde e Segurança – e outras instituições, entre elas a FA-PERN, UERN, UFRN e SEBRAE, para celebrarmos a cultura popular durante todo o mês de agosto.

Esta revista, que agora retorna às mãos do povo potiguar, faz parte deste novo caminho, encruzilhada que une presente, passado e futuro. E que, como os homenageados neste primeiro número de 2011 – poetas, arquitetos e artesãos da palavra – contribui para o planejamento de novos rumos, onde cultura e cidadania podem, enfim, trilhar lado a lado a construção de uma nova realidade.

**Isaura Amélia de Souza Rosado Maia**  
Secretaria Extraordinária da Cultura

## GERMINAM

## LILASES

“Abril é o mais cruel dos meses, germinando/ Lilases da terra morta, misturando/ Memória e desejo, avivando/ Agônicas raízes com a chuva da primavera.” Os versos iniciais de “A terra desolada”, de T. S. Eliot, na tradução de Ivan Junqueira, não cessavam de ecoar nos ouvidos daqueles que faziam, então, ainda em março, essa revista. Prevista para sair no final do primeiro trimestre, entrava abril e a **Preá** patinava, como se indecisa entre ir e vir. Mal sabíamos que abril se mostraria ainda mais cruel quando a sombra de maio começou a crescer mais que o devido, muito mais que o desejado.

Nossas desculpas a quem nos esperou, como se, justamente, ansiasse a primavera após um longo e tenebroso inverno – o largo tempo em que a revista da Fundação José Augusto se calou. Inútil descrever as dificuldades, dispensável medir os esforços empreendidos para que o bicho saísse da toca. E com o mesmo nome, rompendo a velha tradição de se passar uma borracha no passado como se o patrimônio do estado pertencesse a partido ou grêmio político – e não ao povo.

É como parte deste patrimônio que a **Preá** desperta, e recupera, no primeiro número deste renascimento, uma quadrinha clássica que as novas gerações talvez desconheçam: “Rio Grande do Norte/ Capital Natal/ Em cada esquina um poeta/ Em cada rua um jornal”.

Poetas e jornais já não são mais pródigos nos ângulos cegos das ruas – se multiplicaram por outros espaços, especialmente no meio virtual, a *grande rede*, <sup>suspensa</sup> no mundo, como no verso de Jorge Fernandes. Ada Lima, uma de nossas entrevistadas, nasceu ali, entre *blogs*, *posts* e *comments*. Daniel Minchoni, nossa quarta capa, se alterna entre as esquinas virtuais e os muros urbanos, contrariando a velha tradição de que grafite não é arte e tão pouco poesia, e indo muito além, desobrigando o *spray* do muro, alcançando *sites* – ou *sítios* – nunca dantes navegados.

Mais ou menos como fazem Os Poetas Elétricos, unindo acordes e poemas (o que tampouco é novidade, vide Othoniel Menezes, príncipe dos poetas potiguaros, e sua “Praieira”), ou o grupo Casarão de Poesia, que prefere a voz ao livro, sem, claro, desmerecê-lo ou renegá-lo. Não poderia ser diferente: foi nas páginas impressas – dos livros e jornais – que nomes como Deífilo Gurgel, Sanderson Negreiros e João Gualberto se destacaram, muitas vezes, também, como no caso dos dois últimos, enquanto jornalistas. Que, aliás, são aqui recorrentes: de Henrique Castriciano a Sanderson Negreiros, de Rubens Lemos a Adriano de Sousa, para citar alguns dos presentes nas próximas páginas.

Que viva a poesia.

**Mário Ivo Cavalcanti**  
Editor



Governadora **Rosalba Ciarlini**  
 Secretária Extraordinária de Cultura **Isaura Amélia de Souza Rosado Maia**  
 Diretora Geral da Fundação José Augusto **Ana Neuma Teixeira de Lima**

Coordenador de comunicação - FJA **Mário Ivo Dantas Cavalcanti**

Sub-coordenador de comunicação - FJA **Fábio Farias**

Centro Educacional de Artes - CENA **Cléa Maria Galvão Bacurau**

Escola de Dança **Wanie Rose de Medeiros Souza**

Escola de Música **Francisco Araújo Alves**

Escola de Artes Plásticas

**Wandeci de Oliveira Holanda, Jomar Jackson Nogueira do Nascimento**

Teatro Alberto Maranhão **Dione Maria Barros Caldas Xavier**

Teatro de Cultura Popular Chico Daniel **Sônia Maria Soares Santos**

Centro Cultural Adjuto Dias **Robson Araújo Pires**

Pinacoteca **Novenil Barros**

Museus **Hélio de Oliveira**

Memorial Câmara Cascudo **Daliana Cascudo Roberti Leite**

Planejamento e Monitoramento de Projetos **Sanclair Solon de Medeiros**

Casas de Cultura Popular **Joana d'Arc Xavier**

Agentes de Leitura **Andressa Lenuska Sousa de Macedo**

Pontos de Cultura **Clenia Maria de Luna Freire**

Regente da Orquestra Sinfônica e do Coral Sinfônico Canto do Povo

**Pedro Ferreira da Costa**

Conferência Estadual de Cultura **Ivanira Ribeiro Machado**

Centro de Pesquisas Juvenal Lamartine **José Tarcísio Rosas, José Albano da Silveira**

Lei Câmara Cascudo **Silvana Macedo de Souza**

Biblioteca Pública Câmara Cascudo **Márcio Rodrigues Farias**

Gráfica Manimbu **Maria do Socorro Soares, Ester Alves dos Santos**



## Endereços

blog [www.secretariadeculturarn.blogspot.com](http://www.secretariadeculturarn.blogspot.com)

site [www.fja.rn.gov.br](http://www.fja.rn.gov.br)

twitter @Fja\_RN e @Revista\_Prea

telefone (84) 3232.5323

e-mail [assecomfjarn@gmail.com](mailto:assecomfjarn@gmail.com)

Esta edição não seguiu necessariamente o último Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Os artigos assinados são de responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente a opinião da revista. É proibida a reprodução total ou parcial de textos, fotos e ilustrações por qualquer meio sem prévia autorização dos artistas ou do editor da revista. A **Preá** é um espaço aberto para novas e velhas idéias, tendências artísticas e experimentos. Para colaborar, envie seu material por correio ou e-mail.

Impressão **RN Econômico**

Tiragem 1.000 exemplares

Distribuição gratuita

Agradecimentos a todos os envolvidos, particularmente a **Laélcio Ferreira de Melo** e **Lêda Guimarães**.

Agradecimentos mais que especiais a **Giovanni Sérgio** pela presença constante.

## Preá

Revista da Fundação José Augusto  
 Secretária Extraordinária de Cultura do RN  
 Número 23 | Ano 9  
 Janeiro - Fevereiro - Março - Abril  
 2011

Editoria e projeto editorial

**Mário Ivo Cavalcanti**

Projeto gráfico e diagramação

**Dimetrius de Carvalho Ferreira**

Colaboram nesta edição

**Ada Lima**

**Anchieta Xavier**

**Carla Bruttini**

**Carlos de Souza**

**Chico Canhão**

**Carlos Gurgel**

**Chico Moreira Guedes**

**Civone Medeiros**

**Daniel Minchoni**

**Daniel Nec**

**Deífilo Gurgel**

**Diva Cunha**

**Domingo A. Dalama**

**Fábio Farias**

**Francisco Assis Câmara**

**Giovanna Hackrad**

**Giovanni Sérgio**

**Jansen Baracho**

**Jarbas Martins**

**João Gualberto**

**Larissa Gabrielle**

**Luana Ferreira**

**Márcio dos Santos**

**Márcio Simões**

**Marcos Silva**

**Maria Emília Wanderley**

**Marize Castro**

**Max Pereira**

**Ney Douglas**

**Pablo Capistrano**

**Paulo de Tarso Correia de Melo**

**Pola Kouli**

**Renan Rêgo**

**Vicente Serejo**

**Volonté**

**W. D. Cavalcanti**

Em memória de

**Berilo Wanderley**

**Homero Homem**

**José Bezerra Gomes**

**Lúis Carlos Guimarães**

**Miguel Cirilo**

**Newton Navarro**

**Othoniel Menezes**

**Rubens Lemos**

priamente quanto mais se aproximam do Mistério. O Mistério é a revelação do não-revelado enquanto não-revelado. O lugar do Mistério é o "lugar" da pro-dução e da manutenção da linguagem. É a linguagem depurada do λόγος, que, simplesmente, se-estende-diante-de, permitindo o re-colher. Estender-se diante-de e re-colher são os aspectos aparentemente antinômicos do λόγος, que não acontecem em momentos sucessivos, mas estão intimamente ligados no mesmo acontecer. A aparente antinomia é a voz da harmonia tensa que não permite a total revelação de si mesma. Essa harmonia, a Arte quer explicar. Explicar o não-revelado só é possível quando se admite que a revelação está justamente no ocultamento; além da linguagem abrigar o Ser, ela agora também o explica, des-dobrando-o; o des-dobramento do λόγος é a explicação do Ser. A explicação nada tem a ver com explicação no sentido corrente. Explicar é des-dobrar, es-tender. A linguagem explica e abriga o Ser, porque sua aventura é um simulacro da aventura do λόγος, do pensamento. A linguagem, por isso, pode acompanhar as dobras do Ser, estar inserida nelas e acompanhar seu desdobramentos que têm "licenças" para: ticas, apenas elas podem acompanhar a linguagem poética pode com a prece, com a linguagem

Realizando-se historicamente a linguagem, ao modo do mundo, na temporalidade. O Mistério ganha a forma do mundo quando a linguagem diz o Ser que abriga em seu seio. Linguagem descritiva do ente como utensílio ou linguagem que dialoga com o ente, o dizer está sempre envolto no Mistério que é seu próprio mistério. Quanto mais o Ser-at se envolve com os modos impróprios do viver, quanto mais submerge na técnica alucinante e na ocupação vazia que faz cada vez mais distante o Ser em seu Mistério, mais a linguagem se torna a linguagem do absurdo.

O Mistério não é absurdo, isto é, não é contrário ao λόγος. Enquanto o Mistério é a manifestação mais própria do λόγος, o absurdo é seu mais próprio ocultamento. Para os que não ouvem a linguagem, pode-se tomar um pelo outro. Por isso a linguagem do século XX que expressou na Poesia a tragédia do ocultamento e da

fuga do Ser na vertigem da t  
uma arquitetura lingüística  
sar por Poesia. Não é a maté  
espírito de escutã ao Ser que  
É o mesmo espírito, faz poeta  
o poeta, criador, faz - ποιειν  
vel nele ouvir o ente do qua

Fazer-se surdo ao Ser e  
do considerada em sua ordem  
enquanto τέχνη e não enqu  
utensílios e os dis-põe de tal n  
nome) diante do a-nônimo Di  
forma mundo e só ele, furtan  
mato, tira a forma mundo, de  
razão (Ratio) não é λόγος e nã

# OS MUNDOS DE MIGUEL

por Pablo Capistrano | fotos Max Pereira a

Opelo à Razão orden  
côsmica que é a Razão do λόγος  
les que se fazem seus servos, si  
do mundo das mais variadas c  
do γαος, dis-posta para o prime  
tituiu-se sempre como a harn  
uma sintonia no tempo dos de  
enquanto ek-sistente (fora de),  
atitude de ek-stase. O êxtase  
quando a revelação contém a

O surrealismo tentou c  
nica e abrir-se para a linguagem  
e a nota principal que o caract

## ♦ r a c o n t o

foi confundir. Os animais olha  
 nica que pretende não dur  
 faz a Poesia, mas a form  
 e a ποιησις e que faz o poeta.  
 ante do poema. Ouvindo o Ser,  
 tema; ouvindo o poema, é possí-  
 la, no âmbito do Mistério.

agem é o apelo da razão, quan-  
 a. Essa razão "ordena" o mundo  
 κόσμος. Alinha praticamente os  
 ue eles desfilam, a-nônimos (sem  
 O Da-sein pro-duz mundo, dá a  
 fazê-lo, refugiando-se no anoni-  
 aniza o mundo. Nesse sentido, a  
 conviver com o Mistério; antes,  
 Fechando-se para o Mistério, a  
 mples, para Deus:

a da Razão. De século para  
 simplificar, em reduzir o Mis-  
 tério subsiste em Deus, em sua  
 só capitula diante da Razão,  
 próprio homem!

- τέχνη (contraponto da Razão  
 procura afastar do Mistério àque-  
 os a postulados de interpretação  
 ias. A primeira ordem, a ordem  
 mento ordenador cósmico, cons-  
 tência que revela o Mistério de  
 ntre χάος e κόσμος. O Da-sein  
 situar-se diante do Mistério em  
 possível diante da revelação e  
 oculta do que silencia.

r a força tirânica da razão téc-  
 Ser: é ainda uma atitude tensa  
 é o repúdio hostil à razão técni-

Quando cheguei ao Sítio da Pitom-  
 beira, em Pium, acompanhado do  
 fotógrafo Max Pereira, para conhecer  
 o que havia sobrado da biblioteca de  
 Miguel Cirilo, confesso que fiquei um  
 pouco constrangido.

Ver os livros de um homem é como rou-  
 bar senha de banco. E, nesse caso, a  
 riqueza que tem na conta do usurpado  
 não se mede em valores monetários.  
 Tem algo muito mais profundo, algo  
 muito mais intenso, muito mais valioso  
 a ser expropriado.

Foi lá, na Pitombeira, que Gilvan Cade-  
 te, dono do sítio e sobrinho do poeta,  
 me falou pela primeira vez sobre a rea-  
 ção de Miguel a um texto meu, publica-  
 do em jornal quando da reedição de *Os  
 elementos do Caos*, lançado original-  
 mente em 1964. Abimael Silva, da Edi-  
 tora Sebo Vermelho, pôs uma cópia do  
 artigo embaixo da porta de Miguel, que  
 morava então (salvo engano) em um ho-  
 tel no centro da cidade. O poeta Volonté  
 também fez chegar às mãos de Miguel  
 uma cópia.

Segundo o sobrinho, Miguel gostou  
 muito do que leu. Só em saber disso eu  
 já estaria satisfeito. Mas parece que Mi-  
 guel queria mais. Então, fui convidado a  
 conhecer sua biblioteca, ou, melhor, o  
 que sobrou dela após o sacrifício ritual a  
 que o poeta submeteu seus livros (fala-  
 rei sobre isso mais na frente).

Sim, existem dois tipos de homens que  
 amam livros. Aqueles que tratam os li-  
 vros como objetos de culto. Que louvam  
 as edições, que adoram o cheiro das  
 capas velhas, que temem o efeito desa-  
 gregador da temporalidade sobre suas  
 folhas, sobre a tinta que um dia foi pren-

sada, marcando como fogo negro sobre  
 fogo branco o corpo liso do papel. Esse  
 é um amor trovadoresco. Um amor ma-  
 riano, pleno de contemplação mística.  
 Uma espécie de possessão apolínea  
 que faz do livro um objeto de idolatria.

Miguel Cirilo não era esse tipo. Ele  
 mantinha com seus livros uma relação  
 de amor profano. Eles os possuía, os  
 marcava, deixando seus sinais pelo  
 meio das páginas. São inúmeros po-  
 emas inéditos, fragmentos de pensa-  
 mento, impressões narrativas soltas  
 pelas laterais das folhas, inúmeras  
 gravuras, desenhos de rostos, pro-  
 sa visual de uma riqueza espantosa,  
 impressadas pelas partes em branco  
 das páginas, pelas contracapas, pe-  
 las margens.

Como se o leitor Miguel não conseguis-  
 se se separar do Miguel poeta. Como se  
 o poeta não pudesse ser nada além do  
 gravurista, do artista gráfico. Como se  
 esse artista, com alma de filósofo, com  
 uma vida interior tão intensa e profunda,  
 aprendesse a despistar aqueles que só  
 lhe conheciam silêncio, solidão, isola-  
 mento social auto-imposto.

Miguel Cirilo é um daqueles autores  
 que não pode ser lido sem que sua vida  
 se encontre com seu texto. Não que a  
 poesia de Miguel guarde algum segredo  
 biográfico bombástico, que poderia  
 alimentar a indústria de biografias não  
 laudatórias (as únicas que merecem ser  
 lidas): é a vida de Miguel que mostra  
 sua poesia. Ou melhor, a vida que não  
 se viu viver, que não se tem em público,  
 que não se mostra à curiosidade dessas  
 gerações de popespectadores culturais,  
 loucos por transformar pedaços de car-  
 ne em celebridades.

Miguel Cirilo conversava com seus livros e, ali, nesses livros conversados, nos deparamos com o filósofo leitor de Heidegger, Wittgenstein, William James, Pierre Levy. Encontramos o místico leitor de Krishnamurti, Masaharu Taniguchi, Carlos Castañeda. O poeta, leitor atento de Manoel de Barros, ou de tudo o que se produziu ao seu redor no tempo em que ele habitava esse nosso universo: Anchieta Fernandes, Moacyr Cirne, Volonté, Franklin Capistrano, Jarbas Martins. Seus companheiros de geração também objeto de sua leitura, de sua observação direcionada, como se ele os vigiasse de dentro do seu próprio mundo, observando o cenário da cidade de Natal atrás de uma cela invisível na qual ele, por uma escolha própria, acabou se prendendo.

Gilvan me disse na conversa agradável do sábado, entre as pitombeiras de Pium e os pés de Cambuim, que “Tio Miguel” costumava fazer longos jejuns e que havia transitado por diversos tipos de seitas místicas e grupos esotéricos durante a vida. Um homem obcecado pela transcendência do corpo pelo corpo e do verbo poético pelo próprio poema.

A consciência desse estado do Ser, imerso no tempo, desse ente limitado, leva a poesia de Miguel Cirilo a ser uma exata expressão da antinomia da morte. A absoluta certeza da finitude da aventura espaço-temporal, paralela à radical e inexpugnável estranheza que essa certeza traz, acostumou a levar a reflexão e a poética dos homens a lugares distantes. Miguel seguiu essa pista e entrou nesse sertão privado, nesse oceano interior, que o encaminhou – não como um mero espectador intelectual, mas como um navegante, um explorador das veredas da transcendência – aos limites do poético.

Miguel Cirilo encheu seus livros de faces humanas.

Muitas faces. Diversos traços étnicos, sociais. Diversos mundos particulares, prospectado pelo leitor urbano, que passava horas e horas em frente ao Banco do Brasil, no centro de Natal, lendo, observando o mundo, observando, lendo o mundo. Registros abstratos de almas penadas? Fantasmas? Vultos urbanos?

Passantes diários das ruas do centro? Pouco importa. A viagem pictográfica de Cirilo por seus livros merece um estudo à parte. Como Max Pereira observou, ele metamorfoseava seus desenhos em estilos claramente delimitados e extremamente diversos. Passando de gravuras ao estilo Escher, que parecem ter saído da capa de velhos discos de rock progressivo dos anos setenta, até formas abstratas, cubistas, concretas, expressionistas. Era como se o artista gráfico Cirilo estivesse nos mostrando, didaticamente, cada uma das passagens mais significativas da sensibilidade estética de nossa modernidade.

Miguel Cirilo era fruto do Sertão potiguar, nascido em São José do Seridó. Um homem urbano demais para ser rural e rural demais para ser urbano. Seu caminho foi o da linha, do limite, da fronteira. Sua poesia é uma poesia de fronteira. Não é uma poesia de literalidades, como o verso acadêmico brasileiro, contaminado pelo desejo de agradar um ou outro professor de letras. Também não é uma poesia que se resolve em petardos de nominalismo linguístico, como, por exemplo, a poesia dos movimentos de vanguarda que agitavam a Natal dos anos sessenta. Cirilo construiu uma poesia do meio, do entre, das frestas, das escapatórias semânticas que nos levam além. É um instrumento, um veículo a serviço de seu próprio e radical processo de transcendência poética.

Contou o sobrinho que o avô, pai de Cirilo, não era um homem de instrução formal, mas que teve a sensibilidade de mandar o filho estudar no colégio Marista, em Natal. E teria sido justamente em Natal que Miguel entrou em contato com a biblioteca de Sanderson Negreiros. O impacto dos livros na existência de um autor contemporâneo, a descoberta de uma biblioteca após uma herança de quase três séculos de isolamento sertanejo é, com certeza, uma experiência desconcertante. Ainda mais para um marrano do Seridó potiguar.

A poesia inédita de Miguel Cirilo está em meio a seus livros. Todos riscados, todos marcados, todos inalienavelmente impregnados de sua presença poética. Como que tomados por gestos de profunda possessividade, amantes ciumentos dos livros como Miguel não

permitem que os exemplares de suas estantes passem por eles sem serem emprenhados por sua linguagem, por seus signos, por suas mensagens, seus sinais cifrados para as ilhas do futuro.

Esse é mais um dos paradoxos desse poeta que se escondia do mundo, e que cultivava uma multidão de universos em sua privacidade. Gilvan também me contou quando Miguel, na década de 70, abandonou um bem sucedido cargo, de grande destaque no funcionalismo público potiguar, viajou para Salvador, onde morou por 15 anos e de onde tornava, vez ou outra, a Natal.

Em uma dessas transitórias viagens, Miguel botou fogo em sua biblioteca.

Queimou todos os livros. Apagou, pelo fogo, as marcas que havia deixado em suas brechas, em suas ranhuras. Como se estivesse fazendo o mesmo sacrifício de Abraão a um deus ciumento, Miguel destruiu ritualmente aquilo que o havia libertado, e destruiu aquilo que compôs o caminho para a sua travessia metafísica.

Passado algum tempo, começou a restabelecer os títulos perdidos, recomprando algumas obras que havia entregue na pira do sacrifício. Foi essa reconciliação que permitiu que algo dos mundos de Miguel pudesse hoje chegar ao conhecimento de gente como eu, como nós, ou como Max Pereira, que fotografa sem parar, debruçado sobre as imensidões mínimas de sua arte nas muitas páginas abertas sobre a mesa, alpendre da Pitombeira.

Miguel ainda permanece lá. No meio dos seus muitos mundos. Em plena vitalidade de sua linguagem.

Como filósofo, pensou o Ser e entregou sua vida no altar do deus ciumento da transcendência. Como poeta, revelou o sagrado, e nos ofereceu o privilégio de partilhar com ele a deliciosa aventura de amar o deus louco da poesia.

**Pablo Capistrano** é escritor e professor de filosofia do IFRN

**Max Pereira** é fotógrafo

O SINEIRO

esse  
homem  
sou  
eu.

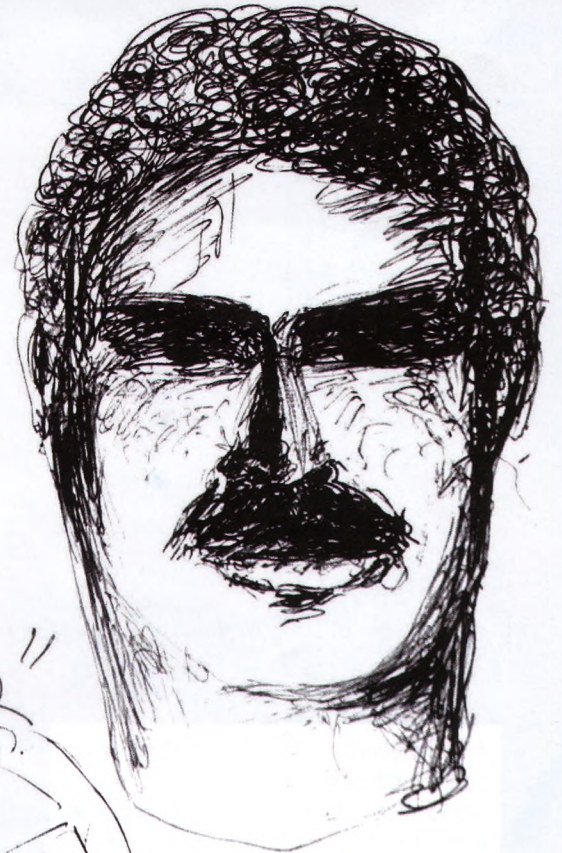


"A Verdade"

# EM UMA DESSAS TRANSITÓRIAS VIAGENS, MIGUEL BOTOU FOGO EM SUA BIBLIOTECA.



"O que  
existe  
de  
Verdade  
é  
somente  
a  
imagem  
"A Verdade"



♦ m á s c a r a

PREÁ

# RETRATO SEM MOLDURA

por Francisco Assis Câmara | foto Max Pereira



## ENTRE MUROS, SÓ

Miguel se fez alquimista na manipulação dos elementos do caos e desenhou seu roteiro em espirais preenchidas de moléculas que receberam o nome de *medo* (noite), *fera* (fome), *carne* (sangue), estigmas impostos à condição humana para castigar todas as ousadias de aproximação e intimidade com o divino santuário dos deuses. Esse roteiro, também percorrido por Albert Camus, revelara Sísifo, castigado e condenado a rolar, montanha acima, uma enorme pedra, que já no alto lhe escapava das mãos e voltava ao sopé, para ser outras vezes transportada. Miguel, na mesma perspectiva de Camus, decifrou o enigma – a própria essência do absurdo, que outra coisa não significa senão aquilo que é contrário à razão, o que não pode ser justificado. Esse roteiro-rotina era a própria face do absurdo da vida, aparentemente sem sentido. Sísifo só encontraria felicidade (sentido para a vida) se assumisse sua humanidade, na compreensão de que o homem é senhor do seu destino. Sísifo não desistiu. Miguel não desistiu:

*Estou satisfeito comigo mesmo. Porque não desisti. E sinto que não desistirei nunca.*

Mas, a Ópera traz um segundo ato: Sartre, ao abrir as cortinas de seu teatro, ergue o estandarte da liberdade como penhor do significado da existência. Será possível, então, agregar ao mundo relativo um valor absoluto? Que sentido atribuir a categorias de pensamento tais como liberdade, destino, livre-arbítrio, o ser e o nada...? Instala-se a angústia. Miguel penetrou nesse labirinto e concluiu:

A convivência com Miguel Cirilo marcou minha passagem pelo IAPB, antigo órgão previdenciário dos bancários. Ali ingressamos em 1963, sob o signo de uma década de transformações. Cursávamos Direito na tradicional Faculdade da Ribeira. Miguel “trancara” matrícula no 1º ano, enquanto eu já avançava o 3º período anual, minha única e aparente ascendência sobre aquele que logo eu reconheceria situar-se bem acima de meu incipiente aprendizado intelectual. A rotina de trabalho tornou-se prazerosa. Miguel, em sua cordialidade, preenchia espaços de tempo com relatos e

opiniões sobre temas extraídos de suas permanentes leituras. Sabia agregar valor à amizade. Sempre com um livro à mão, ilustrado com grifos e rabiscos, discorria sobre temas instigantes, do Tao ao Zen-budismo, do existencialismo de Sartre ao absurdo de Camus. Mas era Deus que pairava sobre o universo de suas inquietações. Deus, inacessível, assumia o trono de sua angústia. Era Ele o leitmotiv da esperança, o fim último a justificar sua razão de existir. A despeito de todas as impossibilidades humanas, como chegar até Ele? Como alcançá-Lo? Como contemplar a Sua face?

*Eu não existo. O que sou, atualmente, é justamente a negação de mim mesmo.*

Testemunha dessa fase, registro um episódio em que Miguel se revela, por inteiro, em seu conflito existencial. Aconteceu comigo. Convidei-o a participar, na condição de padrinho, do batizado de minha primeira filha, eleita sua afilhada. Miguel não compareceu. No outro dia, rabiscado a mão, um bilhete seu me dizia:

*Receba minha recusa como um gesto de amigo. Porque toda a minha existência, Assis, é a história de um outro. Seria ele, e não eu, que teria comparecido. E estimo muito você para enganá-lo como engano a mim mesmo.*

O que fazer quando a sinceridade se impõe?

Com a unificação dos órgãos da Previdência Social, tomamos rumos diferentes. Uma bolsa de estudos me levou a Paris, em plena efervescência do movimento de maio de 1968. Miguel, em decisão pessoal, tomou o rumo de Salvador. Cumpria velho sonho alimentado pela atração do movimento cultural que se processava na Bahia. Alguns anos depois, já desvinculados do serviço público, encontramos-nos em plena Rua João Pessoa, em Natal. Foram horas de conversa. Entre suas revelações, o bem-estar vivido nas igrejas e mosteiros de Salvador.

## NO PRINCÍPIO ERA O CAOS

Absurdos e angústias à parte, Miguel identificava no caos a *violência que prepara o amor*. Sim, o amor como essência, como força criativa e redentora. Amor que nasce do caos por uma VONTADE ordenadora. Amor criativo. O caos como realidade cosmológica, divina, jamais expressão do nada, que nada cria. O caos como elemento de possibilidades. O caos que enche de luz – e vida – o Universo, e determina, a partir da explosão criativa, a *flecha do tempo*, a linha – imaginada por Prigogine – que perpassa o infinito e recebe o nome de eternidade. T tamanha construção ultrapassa nossa incapacidade de entendimento, suprida na aceitação

do mistério, consolo religioso à nossa capacidade de compreensão. Engendramos fórmulas de conhecimento a partir dos mitos. Assim, nada mais belo do que atribuirmo-nos a condição de parceiros da criação. Se, ao Criador, um *fiat* bastava, nossa participação, subordinada a ciclos evolutivos, do nascimento à morte, reproduz o destino de Sísifo, criando e recriando. Assim, o que seria um castigo (o trabalho sob o estigma da condenação) foi assumido como processo de transformação, pois o ato de criar confere-nos o privilégio que nos arroga a condição de imagem e semelhança de Deus.

## RETRATO OU GRAVURA?

Impossível ajustar o retrato de Miguel a qualquer moldura. Não o contaminava a morbidez do narcisismo que deformou o rosto, e a vida, de Dorian Gray, no retrato que a pena de Oscar Wilde produziu. Miguel Cirilo expressou, em versos, sua rejeição ao próprio retrato. Oculta sob a opaca sombra dos vidros quebrados, sua imagem, captada mecanicamente, seria o retrato do “outro” – *porque eu não existo. O retrato é o morto em mim: foi bom que lhe dessem fim*. Como poderia, “um morto”, encarar a própria imagem? Que espelho poderia refletir, para os olhos da alma, a essência do ser? *Já tenho quase como moldar o rosto à sua própria imagem*. Artesão de si mesmo, trabalhava a argamassa do espírito em desenhos e gravuras ilustrados por reticências e interrogações. Para ele não havia ponto final. Nasceu transeunte, viveu peregrino. Sua morte – o cansaço do ser – interrompeu sua busca.

## TRANSCENDENTE POESIA

Miguel – poeta, estilo e substância. A consciência da alteridade nos revela duas faces, duas visões: uma, pela qual nos enxergamos; outra, como os outros nos vêem. Isto nos permite, em se tratando de Miguel, confrontar timidez e auto-negação, espriadas no mar de

sua hermética poesia. Anchieta Fernandes abre a segunda edição de *Os Elementos do Caos*, obra poética editada por Miguel Cirilo, anunciando que sua poesia “começa, decorre e some em estado de consciência transcendente...”

Também assim a vejo, na percepção de que a obra reflete o criador, pois Miguel exalava transcendência. Não se rotulava poeta. Dizia:

*Poeta, vocação, consciência – são, por enquanto, meras palavras para mim: não vivi ainda sua significação. [...] Não creio que a felicidade de alguém depende disso: escrever ou não escrever.*

E complementa:

*O escritor vem sempre depois do homem.*

## PÁSSARO FERIDO

Final de novembro de 2004. Depois de algum tempo sem vê-lo, fui encontrar Miguel em seu “refúgio”, um modesto apartamento de uma bem cuidada pousada, na Rua Princesa Isabel, em Natal. Movia-me o pretexto de convidá-lo para testemunhar o lançamento do meu primeiro livro de poemas, no qual incluía um Soneto a ele dedicado. Emocionando-se, confessou:

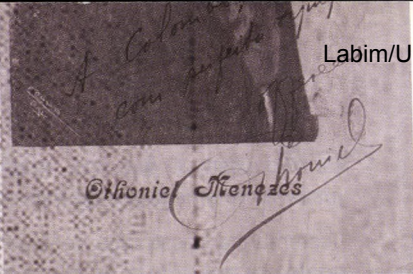
*Sua visita é providencial. Estou sem condições de locomover-me. Preciso de um médico. Mas, antes de prestar-me esse favor, leia seu poema.*

Nem seria necessário dizer da emoção e das lágrimas inevitáveis. Procurei o médico.

No dia seguinte, Miguel seria internado na Policlínica do Alecrim, de onde não retornaria. Dei conhecimento do ocorrido a seus familiares, solícitos e imediatamente presentes. Nada faltou a Miguel, pássaro ferido de morte, cujo trinar ainda reverbera seu canto de despedida:

*Vou porque tenho de ir/ não levo pena de nada/ meu sonho foi existir/ meu amor... a minha estrada./ Jerusalém, minha amada/ ai de quem viu tua frente,/ tua face ensangüentada,/ o teu morto sobre o monte./ Jerusalém, ai de mim./ que não morro por ninguém.*

Francisco Assis Câmara é poeta.



MUITO ALÉM DA  
VITIMIZAÇÃO

# O FEIJÃO DO PRINCIPE

por Marcos Silva



Cláudio Galvão tem publicado importantes livros sobre a cultura norte-riograndense. *Príncipe plebeu – Uma biografia do poeta Othoniel Menezes* (2010) se encaixa nesse trajeto. Escritor, querido em seu estado, Othoniel foi escolhido “Príncipe dos Poetas Potiguares” em 1925. Mas enfrentou dificuldades de sobrevivência, dependendo de empregos inseguros e insatisfatórios. A ênfase em limitações financeiras e expectativa por cargos públicos que não vieram ou demoraram a vir apagaria uma personalidade ativa, que fez opções e se recusou ao conformismo. Apenas vitimizá-lo seria negar sua liberdade. Essa biografia vai muito além de tais limites.

Cláudio apresenta a infância do poeta em Jardim do Seridó, alfabetização (com o pai, depois com professor particular) e a vinda para Natal a fim de dar continuidade aos estudos. O futuro escritor revelou-se aluno dedicado e até laureado. Um breve período como militar foi sucedido pela experiência jornalística em Macau, onde também atuou como Promotor Público Interino. Em 1918, tornou-se segundo oficial na Secretaria de Estado, ascendendo para a posição de primeiro oficial, que ocupou entre 1919 a 1926. Perdeu esse cargo por se envolver em destruição de iluminação pública durante bebedeira.

Seu prestígio literário incluiu a realização de um “Festival do Poeta Othoniel Menezes” no Teatro Carlos Gomes (hoje, Alberto Maranhão), em 1922. A edição dos livros *Gérmén* (1918), *Jardim tropical* (1923) e, mais tarde, *Sertão de espinho e de flor* (1952) e *A canção da montanha* (1955) mereceu apoio governamental. Suas relações com o público leitor local e o governo estadual até foram harmoniosas.

A Poesia de Othoniel possui singularidades estilísticas e históricas. Nos livros *Gérmén* e *Jardim tropical* há um recorte formal parnasiano voltado para as peculiaridades da natureza e do meio social potiguares. Menezes, nessa etapa, elabora uma Modernidade peculiar que não se confunde com o Modernismo. Há vestígios de Romantismo em sua poética, mesclados a elementos do Naturalismo. Ele se aproxima de alguns parnasianos heterodoxos (Vicente de Carvalho, Olavo Bilac). Sua originalidade foi percebida por Câmara Cascudo, que o incluiu em *Alma patricia*. Na maturidade (*Sertão de espinho e de flor* e *A canção da montanha*) há um reforço modernizante – ritmos diversificados, ausência de rimas, certo coloquialismo – também surpreendente, contemporâneo de poetas hostis ao Modernismo – a “Geração de 1945”. Galvão menciona uma “Noite parnasiana” natalense, em 1959, que contou com o apoio de Othoniel e Esmeraldo Siqueira. Mas os dois não eram propriamente parnasianos e sim modernos muito específicos, classicizantes.

O episódio boêmio de 1926 (destruição a tiros de iluminação pública) gerou processo por dano ao patrimônio, punição funcional e, em janeiro de 1929, desligamento do cargo. Othoniel optou por retornar à vida militar e participou da repressão à Coluna Prestes, com batalhão natalense. Quando da revolta comunista de 1935, ele trabalhava na Imprensa Oficial do estado como um dos redatores do jornal *A República* e preparou, com Gastão Correia, a edição do jornal revoltoso *A Liberdade*. Derrotado o movimento, Othoniel foi demitido, fugiu de Natal e findou preso em Recife, reconduzido para a cidade de origem, julgado e condenado em 1938.

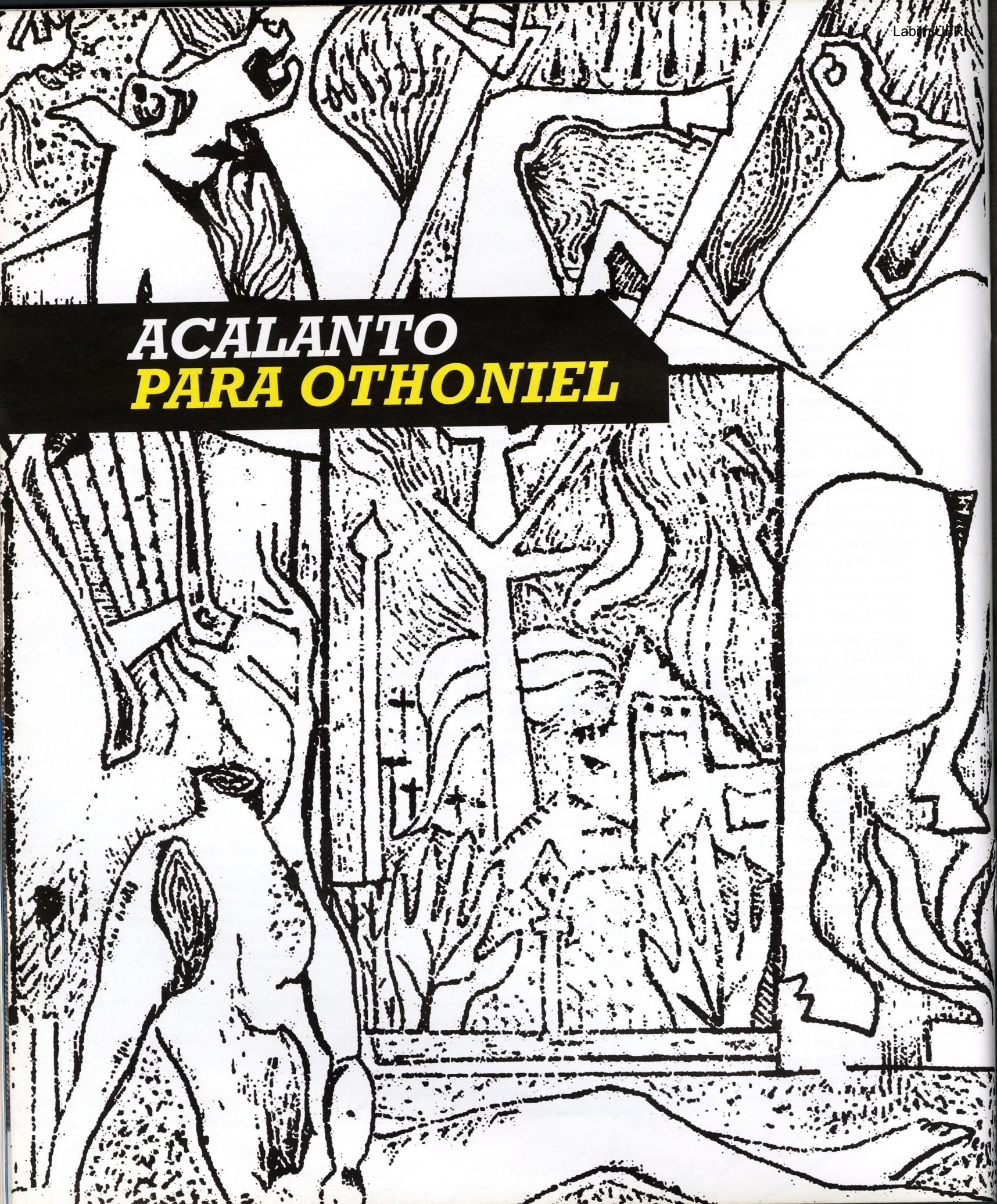
Cláudio menciona as dificuldades da esposa e dos filhos do escritor na época, com o sustento de todos às custas do pai e do sogro de Othoniel mais a produção de *doces, tapiocas e outras comidas típicas* por sua mulher. Estamos diante da família de escritor de renome, originário de classe média, em condição de pobreza naquele momento. Galvão lembra ainda o apoio financeiro de amigos do poeta, incluindo Sérgio Severo, que era integralista. Saindo da prisão, Othoniel trabalhou no combate à malária, em Assu, realizou festivais de poesia e seresta e manteve relações cordiais com interventores estadonovistas. Em 1942, começou a trabalhar na Base Aérea de Natal. E, em 1951, foi indicado para cargo no Instituto Nacional do Sal. Sua etapa final de vida, pobre, envelhecido e doente, ocorreu no Rio de Janeiro, exílio em relação à terra que não o tratou com a devida atenção.

Vivendo num país que adotou agressivas políticas anticomunistas durante décadas, Othoniel sofreu conseqüências dolorosas devido àquela identificação que se lhe atribuiu em relação ao movimento de 1935. Isso se misturou com seu caráter inquieto, a boemia juvenil, a angústia em relação aos limites burocráticos dos empregos e o exercício do poder por governantes que oprimiam diferentes categorias sociais, inclusive poetas respeitados, como se lhes fizessem o Bem.

Apesar de tudo isso, a Literatura venceu – a obra do poeta está aí.

**Marcos Silva** é historiador e professor na FFLCH/USP.

**ACALANTO**  
**PARA OTHONIEL**



por *Deífilo Gurgel* | ilustrações *Newton Navarro*

*Pelo que viveste, pelo que sofreste, escrevi este Acalanto*

Conheci Othoniel Menezes, pessoalmente, no ano de 1944, quando cheguei a Natal para cursar o segundo grau, mais precisamente, o Curso Clássico. O Atheneu, onde estudei, ficava na antiga Junqueira Aires, atualmente – desde o centenário de Luis da Câmara Cascudo, em 1998 – dividida em duas partes: a primeira, desde o jornal A República até o relógio do Sesc, denominada Avenida Câmara Cascudo. A segunda, na parte alta, do relógio do Sesc até a Prefeitura, denominada Boulevard Junqueira Aires. Promessas foram feitas, de embelezamento desse segundo trecho.

Promessas, words, words, words.

O Ateneu ficava nesse segundo trecho, exatamente onde funciona hoje a Secretaria de Tributação do Município – em frente à Praça do Estudante, por trás da Agência Central do Banco do Brasil, na Avenida Rio Branco.

Quanto a Othoniel, quando eu o conheci, morava na Rio Branco, esquina com a Auta de Souza, na pensão familiar de D. Sílvia. Por que Auta de Souza, ali? Porque, descendo-se a Rio Branco, em direção à Ribeira, cinco casas, mais ou menos, adiante, encontra-se a casa onde faleceu a poetisa. Tinha uma placa no local. Não tem mais. Peço ao meu amigo Roberto Lima, que já assumiu a presidência da Capitania das Artes, que

mande recolocar a placa (se ainda existir) ou mande fazer uma outra mais bonita ainda, e coloque no lugar para que não se perca no esquecimento a Memória Poética desta cidade e a de uma poetisa maravilhosa.

Tornemos a Othoniel.

Eu o conhecia da leitura de antologias nos cursos primário e ginásial, no interior, em Areia Branca e Mossoró. Mas meu tio Chico o conhecia pessoalmente. Chico Avelino era funcionário da Mesa de Rendas e morava na Floriano, por trás da Rádio Poti, onde funcionou também, depois, o Diário de Natal. Tio Chico era poeta e escreveu um pequeno livro de sonetos, Perfis, retratando os colegas da Mesa de Rendas. Foi em sua casa que me hospedei, quando vim para Natal.

Revelado a meu tio o desejo de conhecer Othoniel, lá fui eu, poucos dias depois de Chico Avelino haver lançado a ponte entre nós dois, para a pensão de D. Sílvia, conhecê-lo. Othoniel morava num modesto apartamento, no pátio interno que existia na pensão, com frondosas mangueiras ao centro.

Me indicaram o apartamento e eu fui, até lá. Bati palmas. Uma voz tonitruante, atendeu, lá de dentro:

– Quem é?

Aí, deu um nó. Qué que eu ia dizer, para o poeta? É Deífilo? E ele lá ia se lembrar quem diabo era Deífilo? Preferi o silêncio, dentro de minha inibição.

– Quem é? Retornou.

Diante do meu silêncio, o poeta veio até a porta e perguntou-me educadamente:

– O que é que deseja rapaz?

Foi então que criei coragem e desembuquei de uma vez:

– Poeta, sou Deífilo, sobrinho de Chico Avelino, da Recebedoria, seu amigo.

Ele lamentou:

– Ô rapaz! Por que não disse logo? Eu já teria lhe atendido, há mais tempo! Mas, sente, sente, vamos conversar.

Ficamos amigos...

Depois daquele dia, voltamos a nos encontrar inúmeras vezes, inclusive naquela casinha da Correia Teles, onde o poeta morou, quase esquina com a Princesa Isabel.

Um dos nossos assuntos preferidos era o poeta Itajubá. Às vezes ele me dizia: “Ah, seu Gurgel, ele foi o maior de nós todos!” num tom da mais profunda reverência.

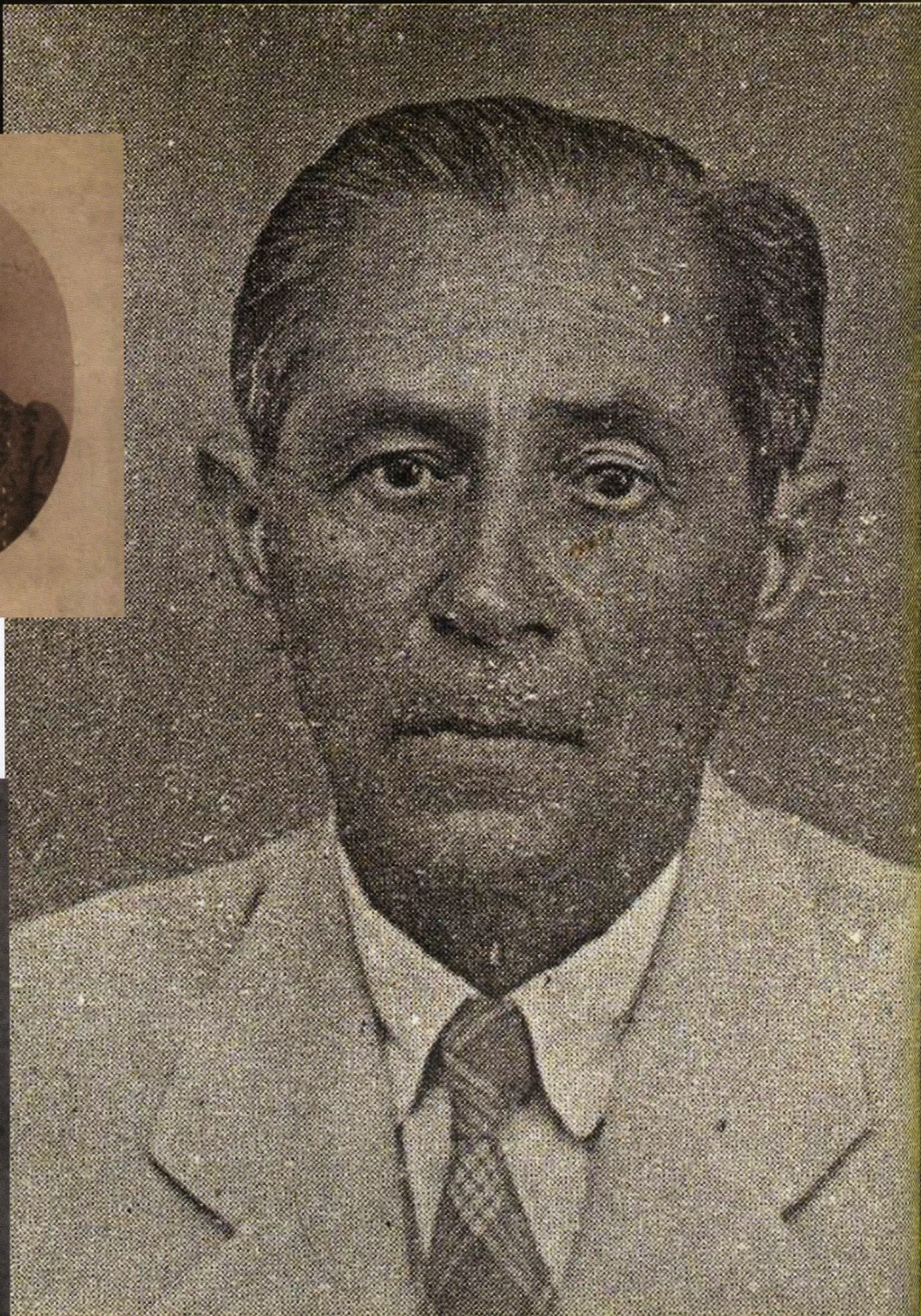
Othoniel, foi amicíssimo de Esmeraldo Siqueira, que foi meu professor, no

Atheneu. Contava-me que Esmeraldo, logo depois de formado, tinha consultório aqui em Natal e que foi seu médico particular, durante muito tempo. O melhor que conheceu. Dizia-me que, às vezes, ia visitá-lo no consultório. Esmeraldo chamava a atendente e determinava: "D. Fulana, remarque todas as consultas de hoje que eu só volto a atender amanhã." E o papo rolava solto o resto da tarde, sobre o reino encantado da poesia.

No início desta conversa, eu disse que quando morava no interior, conhecia Othoniel, através da leitura de seus poemas, nos livros escolares. Errei. Menino de três, quatro anos, em Areia Branca, na rua do Progresso, meu pai me embalava, a mim e a minha irmã Terezinha, cantando a Praieira de Othoniel e outras modinhas, de Itajubá que não esqueci jamais: "Vi-te. Era noite/ A lua descorada/ brilhava, nas paragens luminosas..."

Há, na poesia de Othoniel, um soneto que, pela sua beleza, pela sua verdade, transcende todos os limites da perfeição – é "Coroa de beijos". É com ele que eu encerro este depoimento sobre o poeta de "Praieira".

Deífilo Gurgel é escritor, poeta e folclorista



## **COROA DE BEIJOS**

*Othoniel Menezes*

Com a rosa à mão direita, a esquerda ao peito,  
Dorme lembrando os séculos sofridos.  
Drama dos sete maternais sentidos  
Senhora dona a padecer no eito.

Sofrer foi sempre o seu amor perfeito  
Passos perdidos, ideais perdidos  
Nossa Senhora dos desiludidos  
Dos humilhados órfãos contrafeitos.

Seus sonhos andam todos pelos túmulos.  
Olhou o céu em vão. Negrumes. *Cumulus*.  
Ganhando flor logo essa flor morria.

No sorriso envolvendo meu destino  
Toda a vida a seus olhos fui menino.  
Bastou nascer como nasceu – Maria.



♦ r e c i t a l



# ***POETAS QUE FALAM***

por Luana Ferreira

É preciso estar atento: nem toda poesia produzida no Rio Grande do Norte o aguarda, disponível e eterna, nas páginas dos livros ou na tela do computador. Para encontrar parte dela é preciso marcar hora, sair de casa, procurar um bom lugar na plateia, abrir bem os olhos – talvez tirar os óculos, que aqui não é preciso ler –, aguçar os ouvidos e se deixar levar pela performance do poeta. Que vai falar, gritar, distorcer, cantar e entoar palavras. E interpretar, iluminar, vestir, ambientar e criar a atmosfera que recobre essas palavras.

**Civone Medeiros** ofereceu o coração, cru, aberto, recheado de poemas e depois costurado, para as pessoas que assistiam a uma de suas muitas performances (como não podia arrancar e segurar o próprio, substituiu-o por um de boi). Michele Régis matou os dois amantes e escreveu na pele deles antes de abandoná-los, enquanto **Os Poetas Elétricos** perguntavam “O que significa palavra?”, no vídeo “Palarveando”. A poesia foi a matéria-prima para o CD, DVD, livro e camiseta, tudo parte do projeto “Dramática Poética”, lançado por **Carlos Gurgel** no início deste ano. No vídeo de **Daniel Minchoni**, um bule animado abre-se e ele diz “estava tão tampouco/ que destampou e saiu/ o oco”. Longe dos bits, lá em Currais Novos, **Luma Carvalho**, do **Casarão de**

**Poesia**, vestiu e despiu robe preto em frente a uma penteadeira para recitar versos de Florbela Espanca. Ano passado, Carito, Civone e Carlos Gurgel se juntaram a **Renata Mar** e **Pedro Quilles** e interpretaram os próprios versos em “Toque de Colher Poemas”, para uma única apresentação no Buraco da Catieta, na Ribeira. Com roteiro, ritmo e marcação, mas sem ser necessariamente musical, recital ou teatro. Ideia de Carlos Gurgel, o aglutinador, é coisa rara esses poetas se juntarem: mesmo sendo de gerações diferentes, mas que convivem no mesmo espaço-tempo, eles não têm quase nada em comum, exceto viverem na mesma cidade, serem poetas, e, não terem a menor pretensão de agradar ninguém.

## CARAS MODERNOS

E desagradam mesmo muita gente, e conquistam outras tantas, e a maioria continua alheia, como convém à arte de vanguarda. Civone Medeiros lamenta que as novas gerações desconheçam tudo de bom e revolucionário que aconteceu por aqui antes dos anos 2000. “Os caras daqui eram modernos. O que os meninos fazem hoje, achando que estão inventando a roda, já era feito há 30, 40 anos”. Ela está sempre tentando resga-

tar essa memória (chega quase a militar), em intervenções, nas oficinas que ministra e nas conversas em mesa de bar. Em 2009, pintou o próprio nome e os de artistas potiguares em estrelas no chão, transformando o Beco da Lama, centro histórico de Natal, na “Calçada da Fama”.

Carlos Gurgel é um dos “caras modernos” citados por Civone. Participou dos festivais de arte da Fortaleza dos Reis Magos na transição da década de 70 para 80, integrou todos os movimentos ligados à Contracultura em seu auge e consumiu o que pode de arte outsider, drogas e psicodelia. “Sou a soma disso tudo e ao mesmo tempo despojado disso tudo”, diz, num eterno nadar contra a corrente. “Quero continuar provando. Quero saber o que posso fazer do tempo que me resta”. Ouviu pela primeira vez seus versos na voz do pai, o poeta Deífilo Gurgel, que curti tanto as “obras de arte” do menino que passou a lê-las nas reuniões com amigos em casa. Tinha oito anos. Depois, aos 12, era o próprio Carlos quem lia para os ícones da época: Newton Navarro, Zila Mamede, Sanderson Negreiros, Berilo Wanderley, Miguel Cirillo e outros. Fez canto, fez artes cênicas. Participou de banda de música, The Functus, do colégio Marista. Na primeira performance, se vestiu de padre, substituiu o incenso no turíbulo

lo por maconha e celebrou uma missa ensandecida.

Naquela época, os Dias da Poesia (14 de março) eram comemorados na rua, inflamados, espontâneos. “As pessoas chegavam e falavam; eu, me atrevia”, lembra Civone Medeiros. Artistas e intelectuais agitavam os dias dos sebos e as noites dos bares do Beco da Lama. A Praia dos Artistas era ponto de encontro e de fumaça. Jota Medeiros havia escrito um poema com sangue do próprio pulso. E o movimento Oxente entrava para o Guinness Book por ter feito a maior obra de arte de sucata do mundo.

Desde muito cedo Civone se atreveu a atrever. A ler filosofia ainda adolescente na biblioteca da escola (e depois abandonar a escola); a transformar lixo em poemas visuais e chamá-los de arte; a ingressar no grupo Teatro Mágico para Loucos; a continuar com as performances polêmicas – apesar do pessoal do contra. Ela faz poesia com vídeo, tinta, quadro, tecido, sucata, o próprio corpo e o que mais estiver à mão. E também escreve livros. Em 2010, lançou *Escrituras Sangradas*, dois volumes de folhas soltas organizadas em caixinhas. “Eu sou poeta. O resto é uma alegoria da escrita”, diz, sobre a multiplicidade de suas obras. Em uma de suas performances na Ribeira, subiu nua na mesa: era ela a obra de arte. “Escreva-me ou te devoro!”, gritava de tempos em tempos, fazendo a esfinge grega. Custou para que as pessoas entendessem que a poesia seria escrita ali, coletivamente, no corpo dela.

## **ESTILO, ESTALO**

Carito e Edu Gomez já eram artistas formados e atuantes na cena underground natalense da década de 90 quando começaram a “desaprender” tudo para formar Os Poetas Elétricos. Ainda na banda Modus Vivendi, tinham o costume de passar as madrugadas no estúdio criando o que não cabia no sistema refrão-poucos-acordes-do-rock: Carito compunha e vocalizava poesias; Edu colocava as possibilidades da guitarra a serviço dos versos. Vez em quando inseriam alguma coisa nos shows ou fa-

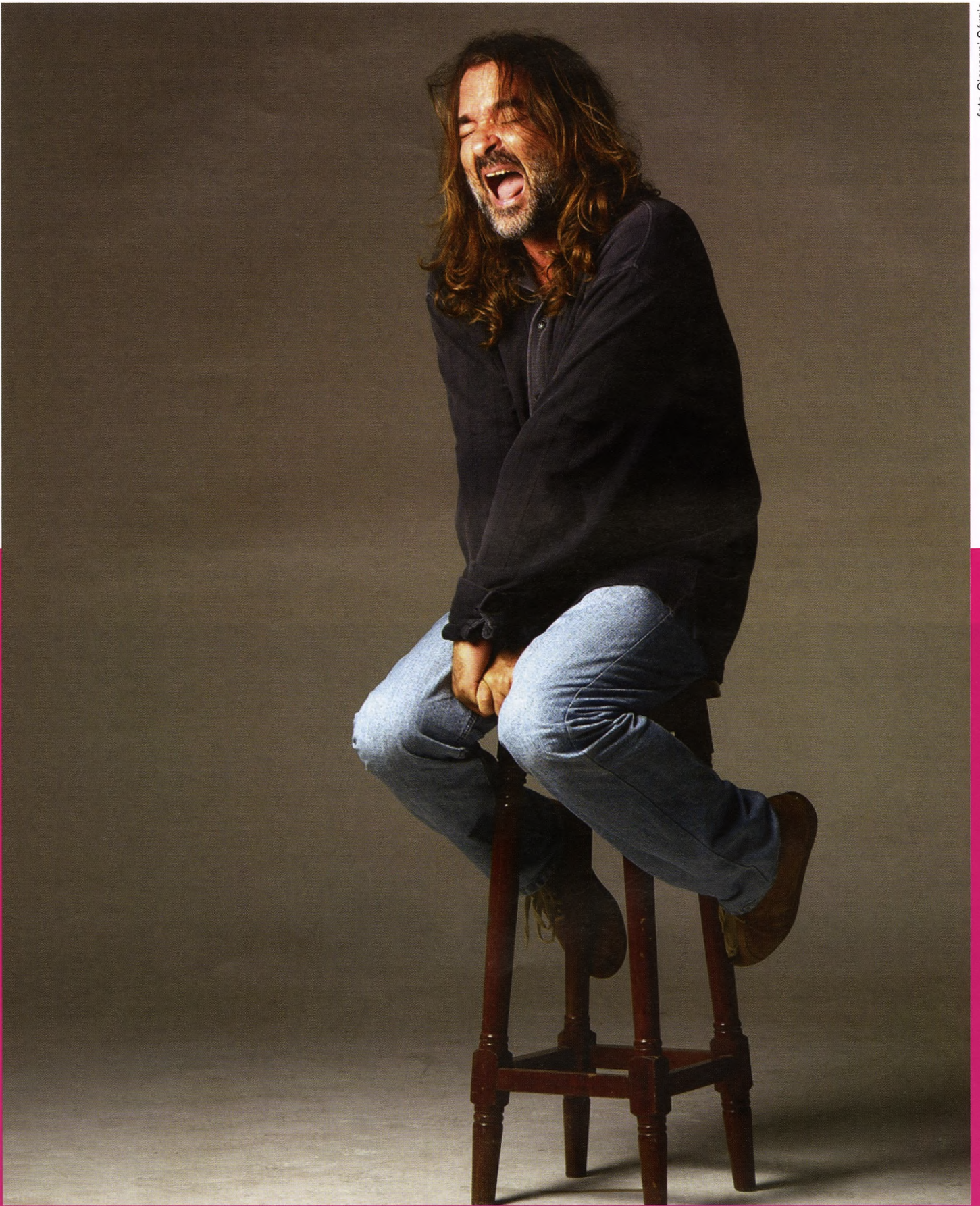
ziam apresentações paralelas. Em 2003, quatro anos depois do fim do Modus, os dois se descobriram em crise de abstinência daquelas farras experimentais. Voltaram, encontraram gravações como “Sina de Ina” e “Serafina”, compuseram “Ofício” e outras, e o CD *Poemas eletrificados & outros que foram embora* estava pronto. Não era poesia sonora, nem declamada, nem musicada, nem trilha sonora, nem música. “Na verdade, a gente fica na dúvida se ele é mesmo um disco. Assim, é um objeto circular de 12cm de diâmetro e é reproduzido no cd player. Mas possui um livreto como encarte lotado de poesias. As músicas são poemas musicados ou músicas poetizadas? Não sei e acho que é difícil definir”, tentou entender o crítico carioca Jairo de Souza. Era – é – palavra e som dialogando, aquilo que não tinha nome. A própria voz é transformada por efeitos eletrônicos.

“Não temos estilo, temos estalo”, brincou Carito com a própria indefinição do trabalho. Ainda hoje há quem resista em chamar o que ele escreve de poesia. Carito usa o jogo de palavras, faz trocadilhos, tece pequenas ironias. “Ora, eu escrevo em versos, digo que é poesia, publico como poesia. Então, é poesia!”

No palco, eles usam figurino e Carito, que já participou de grupo de teatro, interpreta: o visual também compõe a poesia. “A gente gostava muito da coisa estranha, e queríamos apenas agradar a nós mesmos”. Mas o público gostou, a crítica “lá de fora” elogiou, Michele Régis se integrou à dupla e surgiu o segundo CD, *Estirado no estirâncio*.

## **NA RUA**

O ingresso de Daniel Minchoni para o mundo da poesia marginal veio num encarte da revista *Trip*: era o CD da banda CEP 2000. “Neste momento eu percebi que a poesia não só poderia ser instigante como poderia ser amplificada, e passei a expor a palavra como ela deve ser, com a voz do poeta por trás dela”, diz. Ele fala poesia como quem conta uma história, com molejo no corpo e trejeitos nas mãos. “É um pouco mais que *stand-up poetry* e é menos que teatro,



Carlos Gurgel

## EXPERIMENTANDO O VERBO

Pode parecer contraditório, mas saber experimentar e criar sem preconceitos também exige concentração, disciplina e rigor. “Tudo é pensado: cada acorde, cada sílaba da palavra, cada tom na voz e no instrumento, a interação entre eles. Cada segundo, cada frame, tudo é muito importante, o timbre, o efeito, a textura, a postura, a atmosfera”, diz Carito sobre a composição dos Poetas, que é feita com hora marcada, em estúdio, ou em conversas e mensagens trocadas por telefone. Tudo pode ser aproveitado: um ruído sonoro captado na fazenda onde costumam ensaiar, uma cena, um trocadilho inventado, devaneios de ambos. O último CD, *Breves incandescências*, foi composto e gravado em estúdio em 15 dias – talvez uma reação da dupla ao segundo CD, que consumiu dois anos em experimentações. Michele Régis se afastou do grupo, e as faixas estão mais melódicas. Ele será lançado antes de junho.

Para experimentar é preciso, ainda, coragem. Algumas pessoas não gostam

mas parece. É um pouco a expansão do meu pensamento”. Ele pinta nas ruas de São Paulo (onde nasceu e para aonde voltou em 2006 depois de oito anos em Natal) e se apresenta em lugares marcados ou de improviso, como praças e ônibus. Gosta de relacionar a poesia com a rua. “A arte na rua, isto me interessa: lugar de artista é na rua”.

A quilômetros de Sampa, o Grupo Casarão de Poesia só foi saber que existia poesia potiguar, além do clássico circuito acadêmico, em 2004, quando conheceram através do blog Balaio Porreta o poeta Moacy Cirne. Natural de Jardim do Seridó, mas vivendo no Rio de Janeiro desde os anos 60, foi Moacy quem ciceroneou virtualmente os seis integrantes do grupo pelos caminhos pouco trilhados dos versos contemporâneos potiguares. “A gente pensou: ‘meu Deus, tem esse povo todo aqui e a gente só valoriza Sicrano, Fulano e Beltrano!’”, conta **Iara Carvalho**. Mais ou menos nesse período começaram a criar performances, às vezes com os próprios versos (dos seis, apenas um não escreve) e de outros, como Ferreira

Gullar, Florbela Espanca e Carlos Drummond de Andrade. Currais Novos nunca tinha visto aquilo. “Nós tínhamos uma necessidade de criar uma identidade nossa no meio dessa realidade que a gente sabia como funcionava e via que não chegava nada pra gente”, diz **Wesckley Gama**, que aprendeu a tocar violão num pedaço de madeira pintado. Na cidade não há teatro, e no cinema (hoje fechado) só passavam filmes como Os Trapalhões e Rambo, além dos pornográficos. As influências culturais vieram da televisão, dos cordéis, dos discos dos pais, dos festivais de repente e dos livros. Já adultos, estudantes universitários, eles se reuniam na residência abandonada do campus de Currais Novos para beber vinho e recitar poesias. “Essa inquietação fez com que nós percebêssemos que poderíamos ser a mola propulsora e trazer para a cidade movimentos culturais para dar um sentido à nossa vida”, lembra Wesckley.



Civone Medeiros



Casarão de Poesia

quando Civone tira a roupa. “O corpo é uma ferida que a sociedade precisa descascar”, escreveu certa vez. Diz que se exhibe para ser incluída. “Tive uma infância invisível porque meu irmão tinha a saúde frágil e concentrava a atenção dos meus pais. Estou sempre querendo ser aceita”, psicanalisa. Paradoxalmente, não cede um milímetro às exigências do público. “Eu sempre sei que vou desagradar.”

Carlos Gurgel é outro que está sempre em busca da provocação. “Não gosto de ser bonitinho. Quando estou no palco, eu quero ser um bicho do mato, instigar, provocar”. Ele grunhe, estica, encolhe, grita e trunca palavras em suas performances, acompanhado ou não por instrumentos musicais. “É como se estivesse em outro plano. Fico em sintonia com outro ritmo, a palavra me joga dentro de uma vibração, e aí ela se manifesta”, explica.

Mas só em 2003 começou a oralizar sistematicamente o que escreve. Querria “espalhar o verbo”, levar a poesia – muito solitária para poeta e leitor – para uma experiência mais social, coletiva.

Com “Dramática Gramática”, voltou ao estúdio, onde não aparecia há alguns anos, para mais uma vez misturar som, imagem e palavra numa mesma poesia. “Pois que poesia em estúdio é muito bom. Pois a poesia quando mergulha por sobre a imagem, ela se reconhece de outra forma. Ela pula, ressuscita, revigora o verbo. Pois ultrapassa, voa, liberta. Falta-me vocabulário. Foi muito bom”, escreveu no encarte do CD.

Estúdio, invés, não é a praia de Minchoni: ele se interessa mais pela relação entre o público e o poeta, o confronto, o improviso, as diversas possibilidades. Nada é muito ensaiado. Alguns dos poemas só “funcionam” quando apresentados. “Muitas vezes vou a um sarau com uma ideia e vou descobrindo ela enquanto estou fazendo, improvisando, errando em público. Gosto disto de ter uma obra aberta, que pode ser sempre modificada”. Pela editora natalense Jovens Escribas, publicou *Escolha o título*, em 2006, um livro de poesias. Agora, os versos, animados, falados ou escritos (ou tudo junto), estão disponíveis em sites da internet.

Já o pessoal do Casarão sabe que nem só de internet vive a poesia. E que não bastam as performances para romper a barreira da cultura elitista local. “Quando a gente diz que cobra por apresentação, as pessoas dizem: ‘ah, e não querem divulgação?’ Por isso, mergulhamos nos editais”, conta Iara Carvalho. Em 2007, assumiram-se como grupo e começaram a agitar os Dias da Poesia na cidade. Em 2009, fundaram o Ponto de Leitura com apoio do Governo Federal. Participam de concursos de poesia (e vencem, muitas vezes), dão aulas de informática, xadrez e violão, quase de graça, para crianças e idosos, e realizam rodas de leitura com escolas e doentes psiquiátricos (duas das integrantes são assistentes sociais). “A gente não segura bandeira política: prefere atuar mais diretamente na comunidade”, diz Iara. “A gente não faz pelo dinheiro: é para se sentir vivo”, resume Wesckley.

Para que, além de vivos, os poetas potiguares sigam unidos e fortalecidos, Carlos Gurgel idealizou o “Verbeto Voador”, que a **Fundação José Augusto** vai tocar a partir deste ano. Os poetas terão espaço e hora marcada semanalmente para discutir, trocar e, quem sabe, conceber poesia juntos. Quem sabe a partir daí o verbo se espalhe ainda mais pelas terras potiguares.

**Luana Ferreira** é jornalista.

PARA SABER MAIS

#### **CARLOS GURGEL**

[vocabuliodaraca.wordpress.com](http://vocabuliodaraca.wordpress.com)

#### **CASARÃO DE POESIA**

[casaraodepoesia.blogspot.com](http://casaraodepoesia.blogspot.com)

#### **CIVONE MEDEIROS**

[escriturasangradas.blogspot.com](http://escriturasangradas.blogspot.com)

[vimeo.com/civonemedeiros](https://vimeo.com/civonemedeiros)

#### **DANIEL MINCHONI**

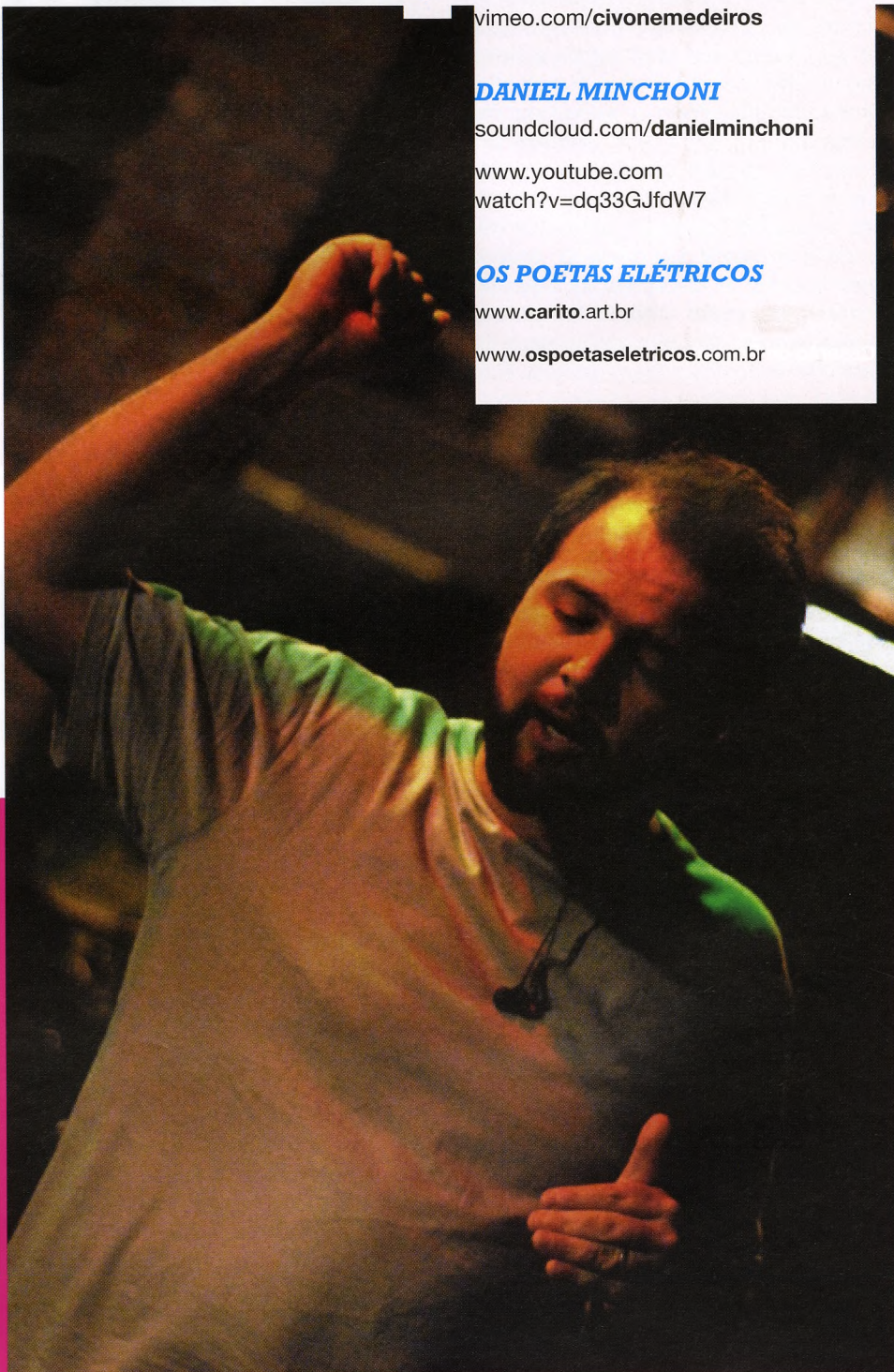
[soundcloud.com/danielminchoni](https://soundcloud.com/danielminchoni)

[www.youtube.com  
watch?v=dq33GJfdW7](https://www.youtube.com/watch?v=dq33GJfdW7)

#### **OS POETAS ELÉTRICOS**

[www.carito.art.br](http://www.carito.art.br)

[www.ospoetaseletricos.com.br](http://www.ospoetaseletricos.com.br)



Daniel Minchoni

# Seduzir - se

por *Maria Emília Wanderley*

Ah, o poder de sedução que têm os homens inteligentes.

E é aí, como diz Sartre, que a mulher faz-se.

Pois bem, o sedutor não sabe a arte que tem de transformar, em segundos, todo o poder da terra em sonhos.

E o sonho é sempre uma forma de nos afastar da dor. Chega a confundir: a vida é sonho ou a vida é real?

“Oferecer-te-ei  
Pérolas de chuva  
Vindas de países  
Onde nunca chove”

Os versos são de Jacques Brel, mas... a musa? Acho que sou eu, ou você.

◆ p o e m a



*foto Wellington Dantas Cavalcanti*

# O BICHO IMAGINADO

W. D. Cavalcanti

*A Francesco de Assis, o homem*

Furta-me o olhar a graça dessa fera,  
forte fibra entre flores e relva,  
carne tenra pastando sobre a terra.  
Vê-la em comunhão com tudo que a cerca,  
a indagar-me sobre o corte original me leva:  
como, onde, quando me desnaturei?  
Por que do reino por rei me separei?

Aterram-me pensares incômodos  
que ao humano acodem como sucedâneos  
e, parasitas, o cobrem como as heras,  
preenchem o vazio que anima os bichos,  
de lisonjas servem aos infelizes Sísifos  
e entre um relâmpago e outro no breu infinito  
acendem a escuridão tal Prometeu no mito,  
sem aliviar o fígado,  
sem apagar o dano,  
sem reparar o prejuízo.

Reintegro-me por cúmplice olhar ao paraíso,  
a suspender nesse improvisado de breve suspiro  
a pena cominada à espécie dos aflitos.

Meu reino por um cavalo traduz o trágico preciso.  
Por sobre os cacos, aonde me levam os pés por cascos?  
Beijo leprosos,  
converso com os pássaros,  
desnudo-me no tribunal,  
deserdo-me das transitórias tramas,  
livro-me dos tecidos,  
reergo templos devastados,  
abraço desvalidos,  
fundo-me ao barro,  
sangro como Cristo.

Abstraio-me de mim,  
sorvo a seiva da flora,  
me amalgame à fauna,  
rumino folhas, ervas e insetos  
e os sou, assim como me é tudo que é vivo  
e uno-me ao circunstante indiviso  
enquanto num instante viro bicho  
na imaginação em seu cio  
- com a pauta por lei,  
longe do pensar  
que faz do homem  
um mendigo  
e um rei.

♦ e n s a i o



**V E R S O S**

**V E R S O S**

**V E R S O S**

por Jarbas Martins | arquivo fotos Giovanni Sérgio

**É** possível traçar um panorama, ainda que incompleto, da poesia norte-rio-grandense, tomando-se o verso romântico como uma nota constante e dissonante, tendo como ponto de partida **Nisia Floresta**. Seu verso híbrido, entre o tom professoral e ilustrado, que tanto aborrecia o crítico Luís da Câmara Cascudo, e um nativismo patrioteiro, de decassílabos mal construídos, faziam dela uma poetisa romântica menor. Esse, aliás, é o “status” que lhe confere o crítico Nelson Werneck Sodré.

Ao seu lado, em pé de igualdade estética, não vemos como não alinhar a poetisa **Auta de Souza**. Seu verso, onde a autopiedade se faz presente, sílaba a sílaba, mal esconde a saudável contribuição do verso neoclássico. Mesmo tendo o aval do grande artesão que foi Olavo Bilac.

Mas voltemos ao verso romântico. Desta vez, personificado (sim, não se pode separar a biografia de um poeta da sua obra) em **Ferreira Itajubá**, poeta ribeirinho que logrou descortinar horizontes mais amplos. O alexandrino, que usou com o desleixo, ou o relaxo, de um romântico, não foi compreendido pela elite intelectual da época. Preconceituosa, não quis enxergar o quanto havia de refinamento e inventividade na obra do Poeta Canguleiro. Até a publicação do ensaio *Reverendo Itajubá* (Editora Sebo Vermelho, Natal, 2007), do professor e poeta João Batista de Moraes Neto, pouco se sabia da arte de Itajubá, oleiro de mãos leves. Representante de uma nova tendência

crítica em nossa literatura, JBMN, com uma visão arguta e despreconceituosa, analisa algumas pedras de toque (expressão cara a Mário Faustino) do autor de “Terra Natal”. Como esses versos que fazem parte de um soneto: “Como os semblantes dos desamparados/ o sorriso das almas dolorosas,/ o alvor marmóreo dos crucificados”.

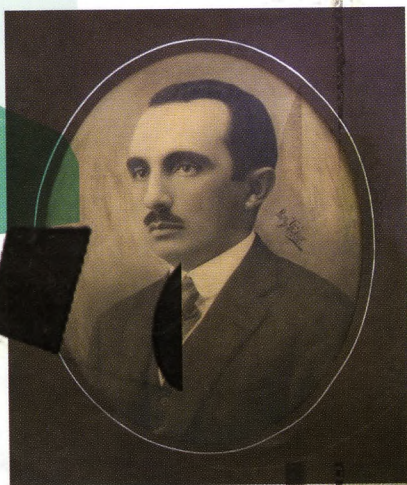
Alvor/lavor. Não me furto a interagir com a poética de Itajubá. Extraio de um de seus versos a palavra *alvor* (estilema simbolista que associa à palavra *lavor*, lembrando o artesanato, o rigor – procedimentos tão clássicos). Em seu itinerário, esse barqueiro livre se deixa levar pelo Romantismo, pelo seu avatar, o Simbolismo, e antecipa a saudável técnica de neoparnasianos ilustres: **Othoniel Menezes** e **Juvenal Antunes**.

Com toda razão, Itajubá pode ser considerado o berço progônico do nosso verso romântico, antecipando a poética dilacerante de **Sanderson Negreiros**, que hesita entre a tradição e a ruptura, o divino e o humano, a desrazão e a busca existencialista do significado. FI, o Canguleiro Cósmico, contrariando a versão de poeta ingênuo, que a crítica do seu tempo lhe impusera, escreveu poemas, onde se envereda até pelas cosmogonias, exposições míticas da origem do universo, tão presentes na poesia erudita, de cunho filosófico, de Augusto dos Anjos e Tobias Barreto – este último um nome de relevância da chamada Escola do Recife. Ao falar de “Terra Natal” grande poema, composto de cantos frag-

mentados, o que nos parece atualíssimo, assim se expressa o jovem LC Cascudo: “Livro capital, livro póstumo, desprovido da lógica e natural orientação que o autor lhe daria, é um poema sincero, que comove e faz pensar” (Cascudo, “Alma Patrícia”, apud Francisco das Chagas Pereira, *Ferreira Itajubá*, Ed. Universitária, Natal, 1981, p. 47).

**O** verso romântico, que motiva este miniensaião, imbrica-se não raras vezes com o seu duplo (versos, antiversos, pós-versos de extrações várias: expressionistas, surrealistas, grafismos da arte pop etc.); talqualmente o verso clássico (que está subjacente na *ars poetica* de Nisia) se ramifica, enlaça-se com o parnaso-simbolismo (do qual **Henrique Castriciano** é a sua mais perfeita tradução) e atinge sua culminância com **Zila Mamede**, nome central do nosso cânone poético. Clássica por natureza, Zila reinventa o verso, inova-o, empresta-lhe a mobilidade, novas sonoridades, pausas, improvisações melódicas, constrói e desconstrói o verso, no limiar da Modernidade com a Pós-Modernidade.

Mas antes, bem antes, do verso clássico imbricar-se com o parnaso-simbolismo de Castriciano, ele já estava de corpo e alma na poética de **Segundo Wanderley**. Em versos anacrônicos como os de seu soneto “Implacável!”, incluído por Tarcísio Gurgel no livro *Informação da Literatura Potiguar* (Editora Argos, Na-



## IMPLACÁVEL

Resvala o raio rútilo rasgando  
Da imensidade a tela vaporosa;  
Treme a terra terrível, tenebrosa,  
Ao rugir dos trovões, de quando em quando.

Volve a vaga valente vomitando  
Alvos cachões de espuma procelosa;  
Do firmamento a face fosforosa  
Vai de chamas as nuvens inundando.

Nos sombrios sertões silva a serpente,  
Aos furores fugindo das fagulhas  
Cede o cetro aos caprichos da corrente...

Só tu resistes na paixão dos mares,  
Desprezando, do trono em que te orgulhas,  
Promessas, prantos, penas e pesares.

tal, 2001, p.177). Vejamos o soneto, ao lado, tal e qual TG o reproduz:

Segundo Wanderley é um poeta com o seu artesanato e idéias deslocados, no tempo e no espaço. Seu verso é clássico e nada o autoriza a colocá-lo como pioneiro do Simbolismo, como o fizeram os doutos Padre Jorge O'Grady e Tarcísio Gurgel. Nem há como se imputar o seu verso de inventividades, como o fez Moacy Cirne, em um vanguardístico ensaio sobre a poética nativa (cf. *A Poesia e o Poema no Rio Grande do Norte*, FJA, Natal, 1977). O reverendo O'Grady erra e vai fundo, por mares nunca dantes navegados, confundindo a antiqüíssima figura da pangramática (de caráter cerebral, mais próxima do estilo clássico) com a aliteração dos simbolistas, onde a repetição de fonemas se dá, como espontaneamente, vindo das camadas do Inconsciente. Mas isto é uma lição de outro erudito: o alemão Ernst R. Curtius.

Sem a erudição e o pedantismo do Padre O'Grady, Tarcísio Gurgel, dotado de um estilo bem articulado e encantador como a nossa *belle époque*, da qual é

estudioso, erra ao atribuir uma suposta modernidade à SW. Diz que "Implacável!" (com sua apostrofica exclamação) é um "claro experimento de feição simbolista, onde o uso da aliteração é espantoso" (*Informação da Literatura Potiguar*, p.42). Não é. A moldura desse soneto (com suas veleidades modernas) é uma pista falsa, dada pelo retardatário natalense para cantar o amor fatídico, mal apropriando-se de gastas imagens, envolvendo as forças da natureza. Temas e formas glosadas, e já cediças, em pré-românticos. Seu decassílabo, de ritmo postiço, sua arte "culinária e digestiva" (para usar termos de José Guilherme Merquior acerca do kitsch) só aparentemente se identifica com o pré-modernismo dos simbolistas. Aliás se é para se falar na presença do Simbolismo em nosso verso, lembremos, aqui, o que eu já dissera há dezessete anos:

"É, no entanto, com o soneto 'Por Janeiro', de Ferreira Itajubá, um poeta onde se mesclam variadas técnicas compositivas, predominando verso alexandrino tão ao gosto dos românticos, e o decas-

sílabo, de dicção lírico-panasiana, que, ao meu ver, melhor o movimento simbolista está representado, nesta despretenhiosa mostra. [...] Enquanto Castriciano e Auta ainda se mantêm presos ao ideário racionalista do panasianismo, Itajubá força a barra da tradição com seu poema composto em versos eneassílabos. Um metro que foge do automatismo decassilábico e subverte já o código sonetístico vigente. Erodindo-o, parodiando-o, rarefazendo-o.” (Jarbas Martins apud João Batista de Moraes Neto, Ed. Sebo Vermelho, Natal, 2007, p.21).

Quanto ao ensaio de Moacy Cirne, há que se considerar que ele foi mais coerente que O’Grady e Gurgel. O estilo amaneirado de Segundo tem lá o seu charme inventivo e... kitsch. O soneto “Implacável!” é um bibelô, *trompe l’oeil*, adornando os salões da sua época. E Moacy acaba abonando uma tese de Haroldo de Campos. Existe mais coisas entre a Vanguarda e o Kitsch do que se possa imaginar (cf. “Vanguarda e Kitsch” in *A Arte no Horizonte do Provável*, Ed. Perspectiva, SP, 1969).

**T**omando-se **Zila Mamede** – com sua arte clássica, seu verso límpido, assentado na tradição, culminância da Modernidade – e seu duplo – um lirismo, de nuances românticas, baseado nas rupturas, anunciador das vanguardas e da Pós-Modernidade –, e veremos o verso norte-rio-grandense como uma interface. Sistemas opostos que se unem ou se sobrepõem. O verso clássico e/ou o verso romântico, dependendo da interpretação de quem o lê. Leitura arbitrária e interativa. De minha parte, vejo o verso romântico como uma constante, de Nísia Floresta à poética multimidiática de **Carito**.

Antes, porém há que se falar em prógonos, como **Henrique Castriciano**, com seu verso neoclássico. Como um Baudelaire nos trópicos, Castriciano usaria a grade clássica do soneto panasiano para mascarar a sua inquietação. No caso do poeta macaibense, a causa da sua angústia seria sua condição de poeta mestiço (se bem que aquinhoado e protegido pelo mecenato do oligarca Alberto Maranhão) numa sociedade excludente e preconceituosíssima. Leitor pioneiro da alta poesia do simbolista



Cruz e Souza, com o trágico poeta catarinense, de certa forma, se identificaria, ajudando a disseminar por estas terras uma espécie de romantismo expressivista. De que, aliás, o decassílabo da jovem Zila Mamede tanto se nutre.

Por mais que se queira ver o dândi Castriciano como um antecipador de rupturas, há que se considerar que seu verso jamais chega à ludicidade de neoparnasianos como **João Lins Caldas**, **Juvenal Antunes** e **Othoniel Menezes**. Poetas de mundos tão díspares, como díspares eram as influências que animavam o neoparnasianismo, a que pertencem. Se em Caldas o tradicionalíssimo decassílabo convive com o verso livre (do qual foi um dos pioneiros no Brasil) e a invenção gráfico-visual (como no alagoano Hermes Fontes), em Juvenal o verso desleixado faz um par perfeito com os estilemas do Decadentismo.

Abram-se aqui parênteses para dizer que esses estilemas chegam até nomes da contemporaneidade, como **Marize Castro** e **Iracema Macedo**, e nos poemas bissextos e apócrifos de **Franklin Jorge**. Othoniel Menezes, em minha leitura arbitrária, seria uma nota dissonante nos quadros do Neoparnasianismo.

**P**oeta multivalente e moderníssimo, **Othoniel Menezes** pode ser visto como o mais versátil dos nossos neoparnasianos. Claro que sua poesia vai além do Neoparnasianismo, seu modernismo inclui o verso livre, a poesia política, formal e tematicamente revolucionária, a poesia onde a força da oralidade se faz presente, a poética *art nouveau*, que floresceu, em determinada época do Modernismo, e pode ser até arrolado, aqui, como uma pedra de toque (*touchstone*), o título de um livro de puro sabor pop midiático, *Desenho*

*animado*. Sem falar que, em sua poética, se faz presente algo raro na nossa estética parnaso-simbolista: o humor corrosivo da dicção coloquial-irônica, a que alude o crítico norte-americano Edmund Wilson. Em meu *14 versus 14* (1994), apesar de citá-lo, como grande poeta, não incluí nenhum soneto seu, entre os 14 escolhidos. Não tinha, ainda, avaliado a força do Neoparnasianismo – uma corrente estética tipicamente brasileira. Foi necessário que o olhar de uma historiadora e filóloga estrangeira (Luciana Stegagno-Picchio, em sua *História da Literatura Brasileira*, RJ, Nova Aguilar, 1997) me abrisse os olhos para esse fenômeno tropical. Veja-se esse soneto, abaixo, vazado em versos nada ortodoxos, mas vivo e rutilante como uma tela impressionista. Extraí-o da antologia de Tarcísio Gurgel (obra citada) que soube criteriosamente garimpá-lo.

## SUGESTÃO DA LUZ

A Paulo Pereira da Câmara

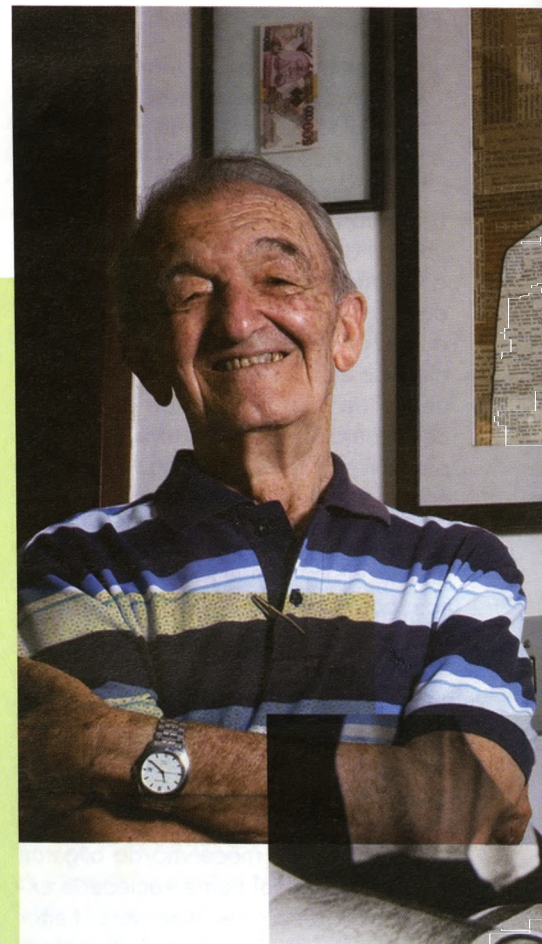
Na glória vesperal do sol, que o facho  
forja, em clarões de fogo e prata ardente,  
passa, dentro do incêndio, lentamente,  
– subindo o rio – o vulto de um patacho.

Pando, à brisa cantante, o amplo velacho  
oscila, e molha a ponta na corrente...

A água murmura. A espuma abrolha, rente  
à proa, abrindo em férvido penacho!

Toda tarde, é este esplêndido cenário:  
– negro, rasgando a tela azul do estuário,  
o barco avança, ao lento embalo da onda...

Lá vem! Parece à luz – que é fogo e prata –,  
o navio fantasma de um pirata,  
trazendo maravilhas de Golconda!



**OS** neoparnasianos, com sua devoção pelo verso decassílabo e pelo soneto, deixariam discípulos, em nossa literatura, numa geração que poderia se chamar “Geração pós-45”. Emergiu daí Zila Mamede, chamada pelo epíteto “Estrela Guia” por **Luís Carlos Guimarães**. Este, um lírico-romântico na arte e na vida.

À semelhança dos Neoparnasianos, essa geração, que brotou como uma flor atômica, no período da Guerra Fria, trouxe a sábia lição dos versos clássicos conectada à rebeldia dos versos românticos. Rebeldia que se traduz pela paixão a que se entrega **Nei Leandro de Castro**, o poeta de versos eróticos, romanticamente planfetários, vanguar-

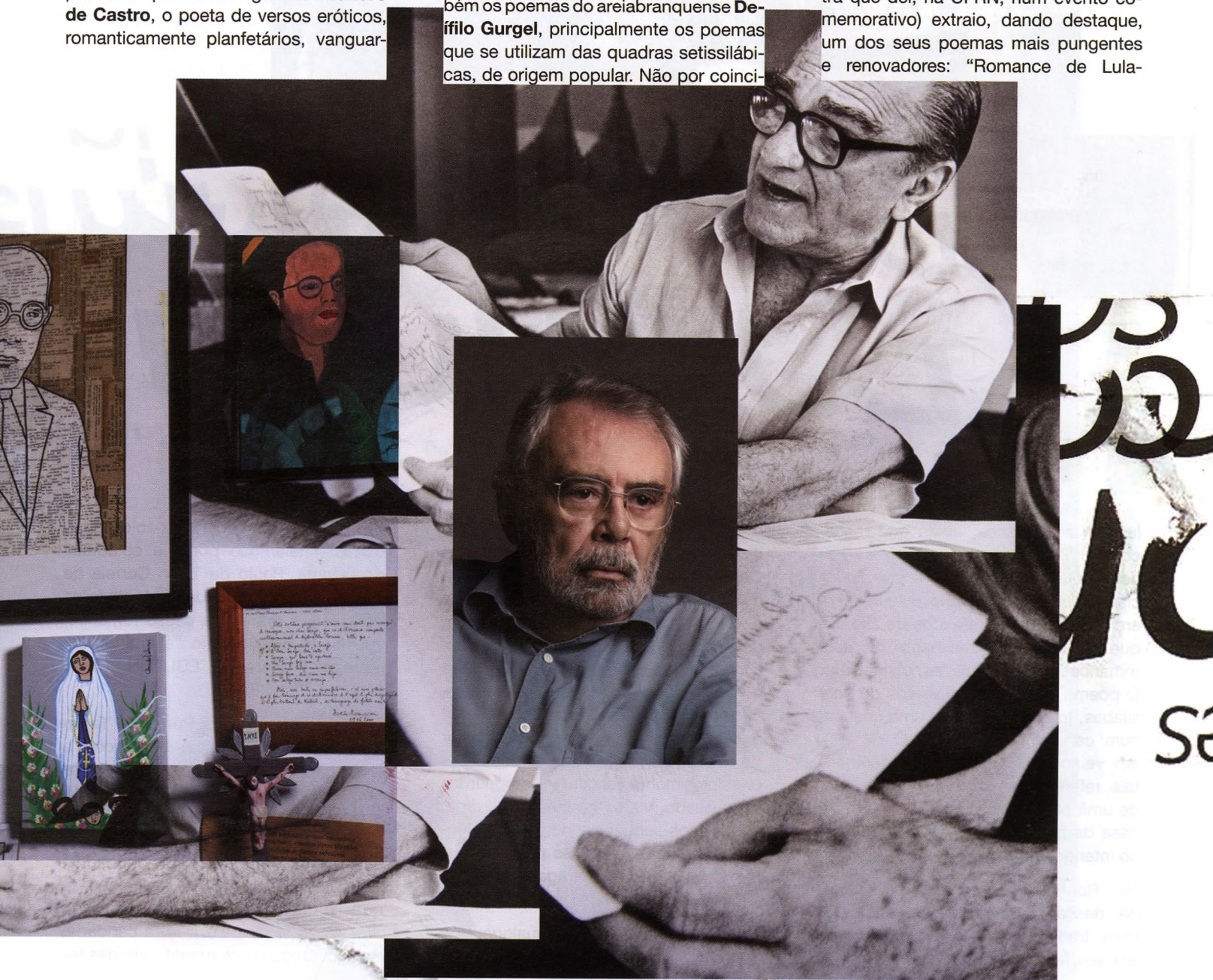
dísticos e vazados por uma angústia existencial, própria daquela época.

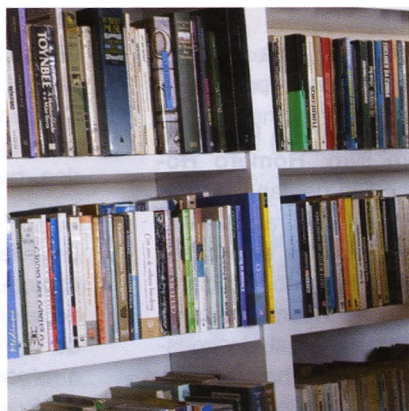
A esses nomes junta-se um poeta, de estréia tardia em livro: **Homero Homem**, radicado no Rio de Janeiro, mas fortemente fincado às suas raízes. *Terra iluminada*, aliás, é título de livro desse Homero da nossa Pós-Modernidade. Em sua arte poética, o verso clássico une-se ao verso experimental, desconstruído e atomizado. Como bem assinalou o escritor Manoel Onofre Jr., os versos de HH estão “passados de valores românticos”.

De versos românticos embebem-se também os poemas do areiabranquense **Deifilo Gurgel**, principalmente os poemas que se utilizam das quadras setissilábicas, de origem popular. Não por coinci-

dência Deifilo é folclorista, tendo pesquisado, como seu mestre Luís da Câmara Cascudo, de quem foi aluno na UFRN, os velhos cancioneiros, de origem ibérica, guardados na memória do nosso povo.

Em **Zila Mamede**, a quem Cascudo batizou de “Cantadora lírica da cidade, do rio e do mar”, pude fazer um apanhado de velhos gêneros poéticos, como o romance e a canção, renovados pelo gênio da nossa Poeta. Uma técnica não muito distante da que se utilizara Ezra Pound. Desse *Breve Romanceiro de Zila Mamede* (título de uma palestra que dei, na UFRN, num evento comemorativo) extraio, dando destaque, um dos seus poemas mais pungentes e renovadores: “Romance de Lula-





O romance de Zila Mamede soube, com rara intuição, perceber a miséria humana, a dor dos oprimidos, as miudezas divinas do cotidiano, a brutalidade, a escória do mundo, onde todavia há lugar para a fé, a caridade, e a esperança, as chamadas virtudes te-

lua". A semelhança, ainda que tênue, com o "Romance da lua lua", de Federico Garcia Lorca, não é coincidência. O *Romanceiro gitano* do espanhol era um dos livros preferidos de Zila. Só que temática e formalmente os dois romances, em muito, se distanciam. O poema de Lorca, em versos de sete sílabas, trata do medo de uma criança, num cenário surrealizante. O de Zila, em versos heterodoxos e experimentais, refere-se ao estupro e assassinato de uma pobre velha, que frequentava a casa da poeta, lembranças da infância no interior.

Em "Romance de Lula-lua", Zila Mamede descarta procedimentos poéticos mais tradicionais, como os adotados em seu famoso "A cruz da menina", e

o submete ao crivo de uma estética inovadora. Onde a presença da Poesia Concreta, de São Paulo, e demais vanguardas surgidas na segunda metade do século passado. É possível também detectar-se a tendência para o gosto artístico, vigente nas conversas de porta de livraria com cinecluistas e literatos, naqueles vertiginosos tempos (anos 60 e meados dos 70). Era imperativo gostar do cinema de vanguarda da época, dos princípios montagísticos das vanguardas do passado, vistos no cinema de arte, dos planos-sequência do nosso Cinema Novo, das tendências neorrealistas. E ler, ainda que a contragosto, o estilo jornalístico da imprensa reacionária.

Talvez pelo sua aversão à qualquer tipo de vanguarda, estética ou política, da-

quela época fortemente ideologizada, o nosso talentoso poeta e estudioso do cinema, Paulo de Tarso Correia de Melo, não tenha se dado conta da força descritiva e dramática desse romance, apesar de considerá-lo "alentado" (cf. *Navegos/A Herança*, EDUFRN, Natal, 2003, ps.27 e 28).

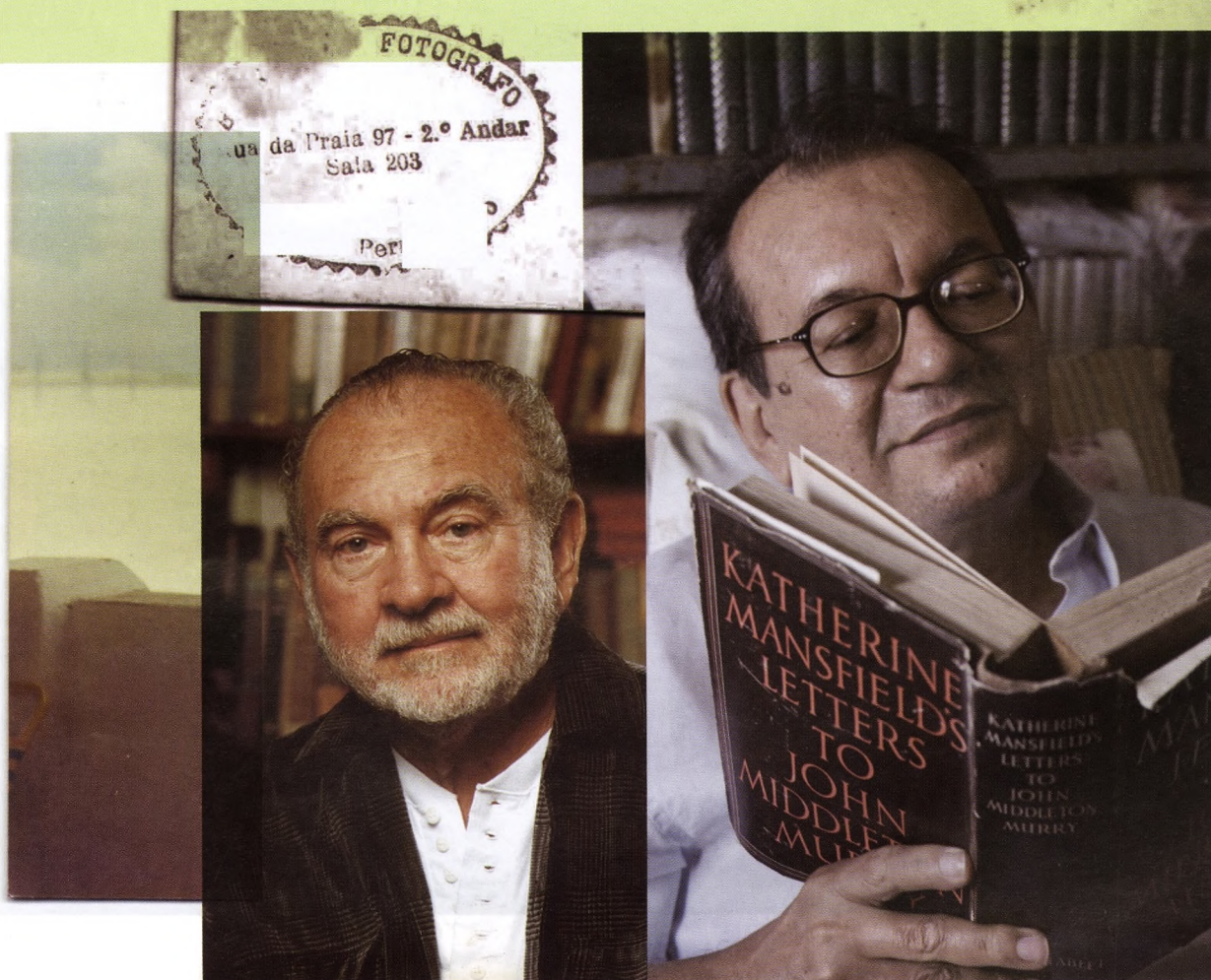
Avessa como o poeta **Paulo de Tarso** a engajamentos poéticos e políticos, à vida boêmia, à euforia dos esquerdofrênicos dos anos de chumbo, e às rodinhas literárias provincianas, Zila Mamede soube, com rara intuição, perceber a miséria humana, a dor dos oprimidos, as miudezas divinas do cotidiano, a brutalidade, a escória do mundo, onde todavia há lugar para a fé, a caridade, e a esperança, as chamadas virtudes te-

## LIRISMO CÓSMICO

ologais do seu credo cristão. Da leitura do seu livro *Corpo a corpo* (1978) renovamos a nossa percepção na dor que existem nas coisas, ou em nós mesmos, como sempre alardearam os versos dos românticos de todos os matizes, tenham eles os nomes de Baudelaire, Leopardi ou Zila Mamede. Mas à presença da estética do sublime, de cunho salvacionista, que o brilhante ensaísta, que é Paulo de Tarso, apontou com ênfase, nos poemas de *Corpo a corpo*, prefiro apontar para outra direção. Para a estética romântico-expressionista, presente em seus primeiros versos, como os do soneto "Mar Morto". Ou para o romantismo neobarroco, seu *horror vacui* gráfico-visualmente inscrito nos versos, anti-versos e pós-versos de poemas como este "Lirismo cósmico" (in *O Exercício da Palavra*).

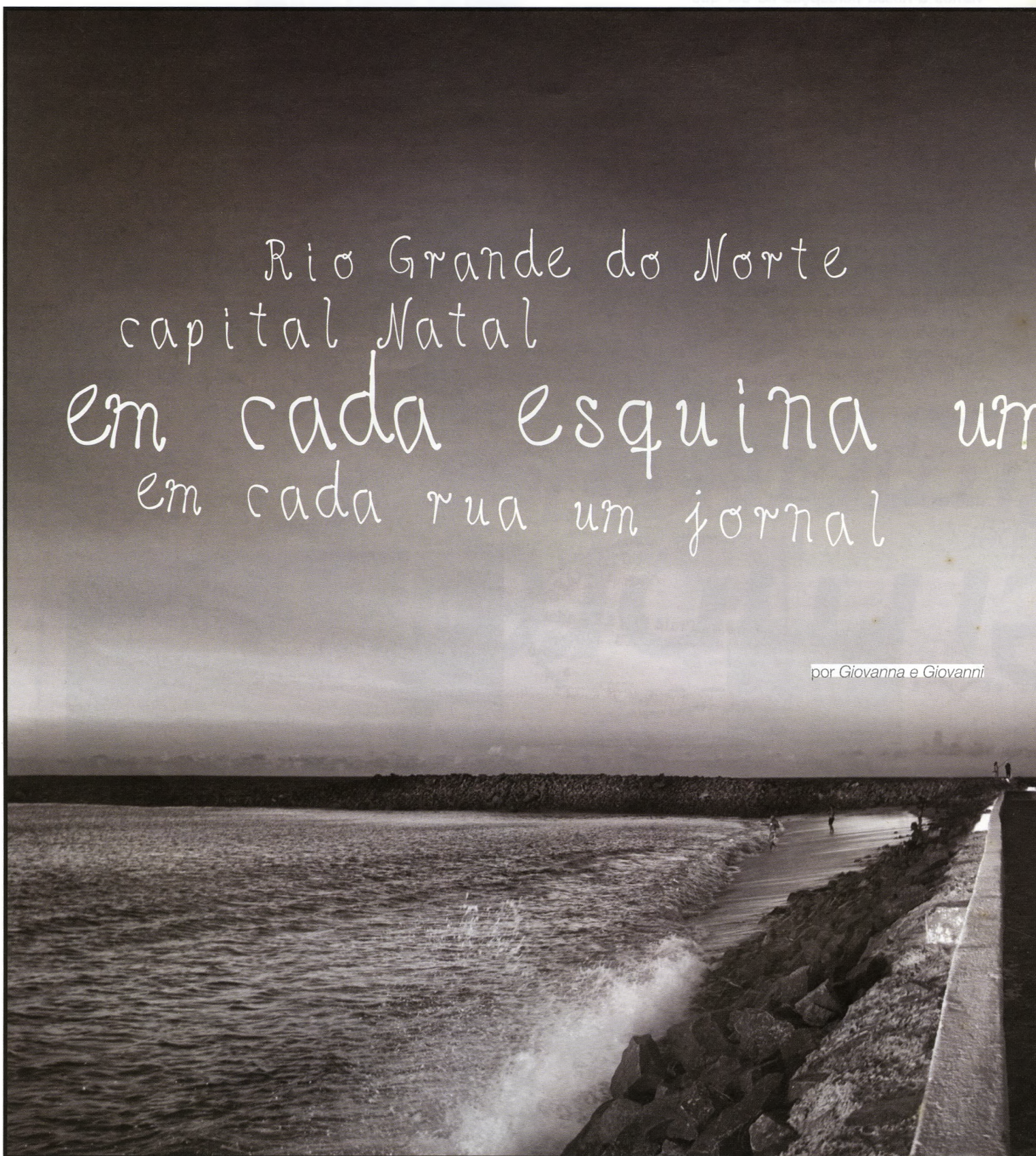
Cobre meu corpo de corpo  
Antecipa a florilúnea estrela  
Funda-me funde-se me  
Envolve-me nos teus braços  
(barcos-mísseis)  
no cósmico-cosmos,  
na nave nuvem névoa  
estágios do abandono certeza  
cápsula dádiva porto dívida  
dividida totalidade do ser, no ser  
luavida vida lúcida:  
lúnica  
ida  
sônica  
tua  
única

Jarbas martins é professor e poeta.



Rio Grande do Norte  
capital Natal  
em cada esquina um  
em cada rua um jornal

por Giovanna e Giovanni



poeta



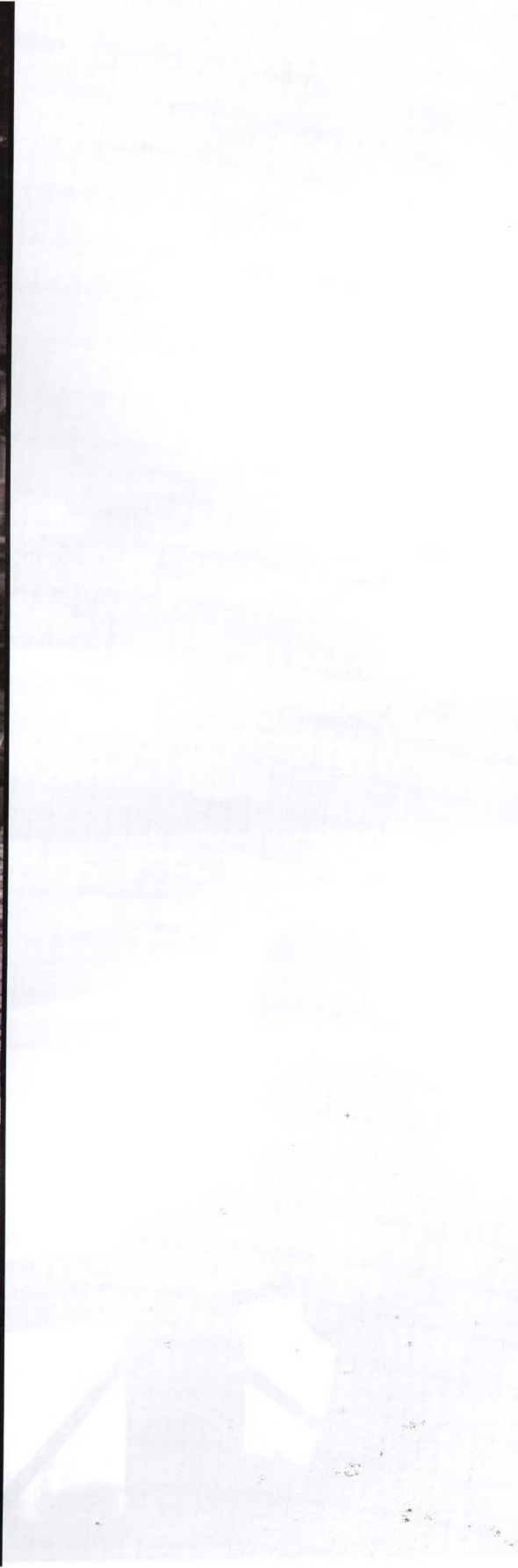


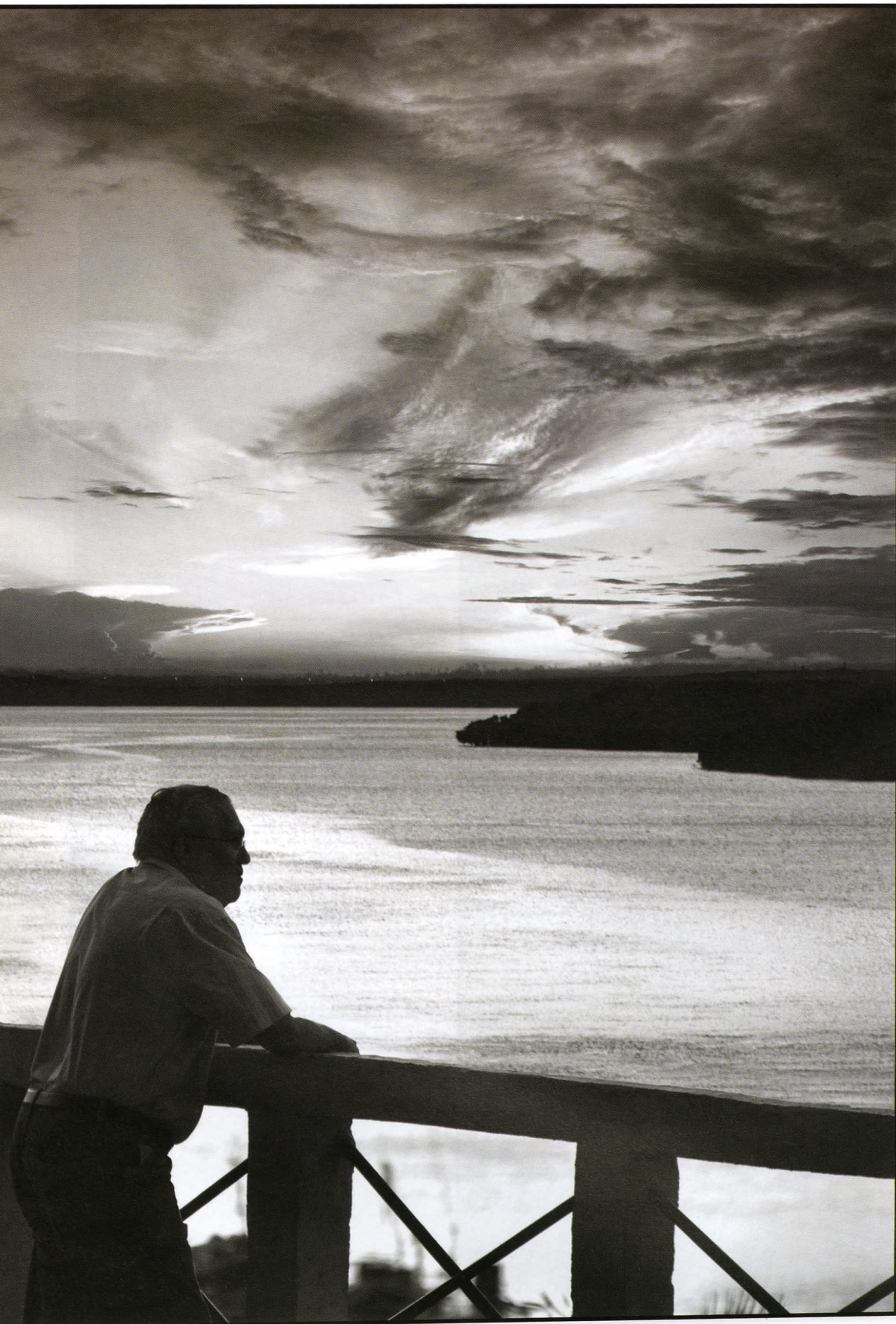


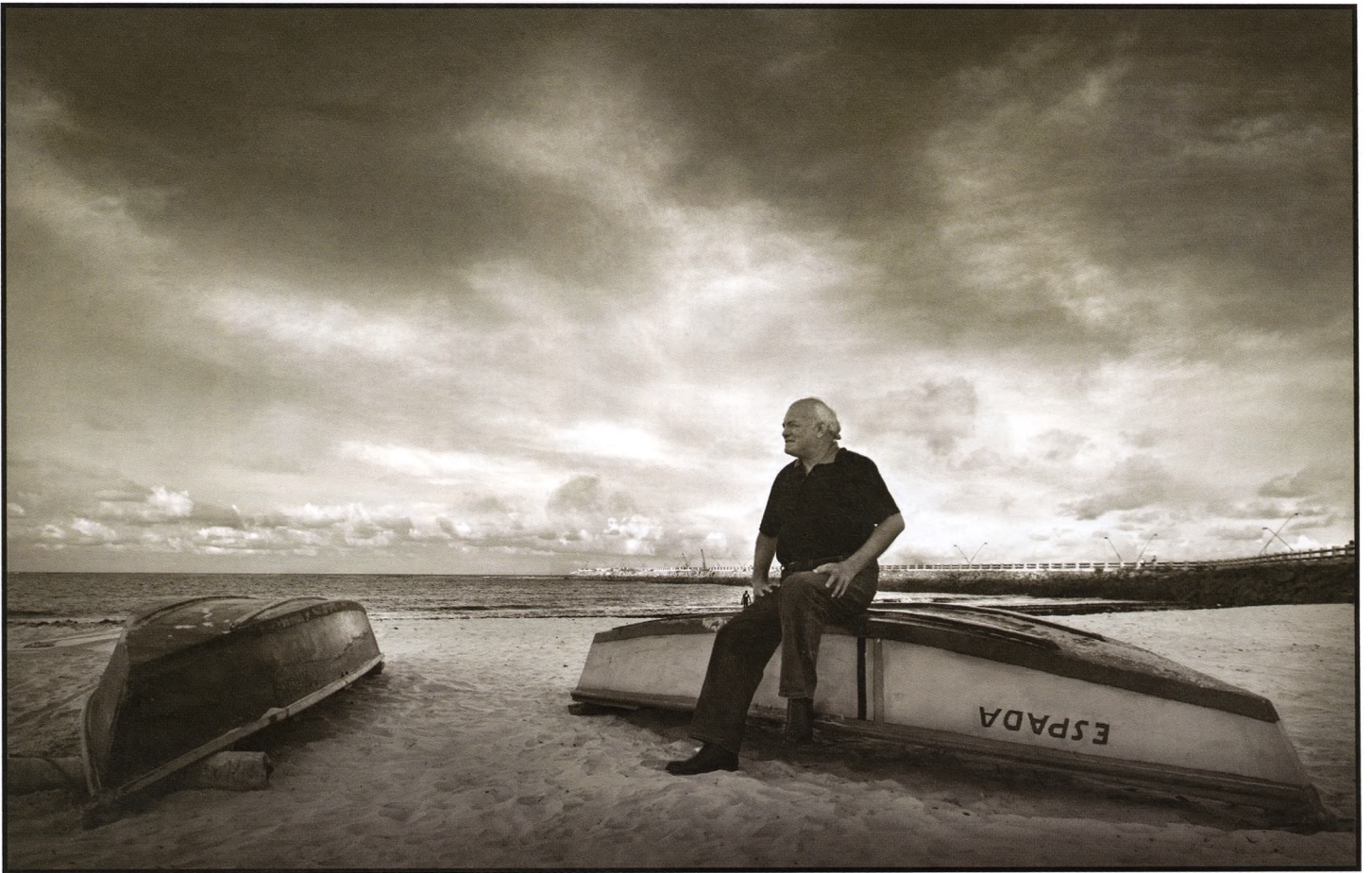


















Golpeia  
a folha  
com fúria:

a carne  
do papel  
não sangra.

Pisou-a  
porque o asfalto  
não é lugar para flores.

Um poema  
é o coração  
a pulsar fora do corpo.

Amores perfeitos  
só existem  
nos canteiros.





**Giovanna Hackradt e Giovanni Sérgio**  
são fotógrafos



## **SANDERSON NEGREIROS**

*esquina do Potengi com o Atlântico*

Era o derradeiro de uma família  
De homens bons. Cultuava  
Mistérios e usava a memória  
Para longas viagens repetidas.

Todos admitiam que sua vida  
Era o destino de toda gente  
Feliz. Tinha fazendas, mulheres,  
Bois e bom pasto de sombras.

Rico, fazia-se pobre diante  
De Deus. Caminhava para missa  
Do domingo, vertical, de branco.  
O chapéu de abas afastava

Equívocos e maus murmúrios.  
A cidade, cedo, repetia-lhe  
Bons-dias. Mas, em noites de solidão,  
Ele partia em seu cavalo

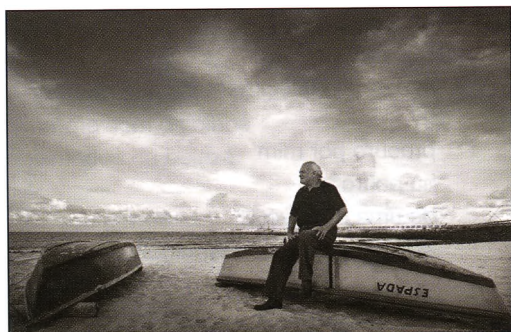
Para longe. Um longe de que  
Ninguém se lembra. E de onde  
Nunca mais voltou. Para sempre.  
Seo João Miguel de Águas Pretas.

**PAULO DE TARSO  
CORREIA DE MELO**

*esquina da Rua da Conceição*

**Cérebro: primeira reflexão**

O cérebro,  
planeta ameaçado,  
atrai  
notícias,  
lixo orbital,  
meteoros  
de proporções  
maciças,  
luz gelada  
em cometas,  
música de  
esferas  
inauditas.  
O cérebro  
imaneante  
e imantado  
recebe  
e comunica  
resíduos  
siderais  
de matéria  
quântica.  
Momentum  
fugaz  
de trocas  
orbitais  
garante  
que pensamento  
sobreviva.  
O cérebro  
mensageiro  
temporário  
grafita  
sua voz  
e outras vozes  
na ronda  
infinita.



**JOÃO GUALBERTO**

*esquina da Praia da Redinha*

**A Última Sessão de Poesia**

Não tenho posses, nada tenho de meu  
Mulher nem filho nem pai nem mãe  
Mas não posso dizer que estou só  
Porque sempre tenho em mim  
A solidão de todas as coisas  
A mulher partiu o filho morreu  
Papai está no céu  
Mamãe no coração de Jesus  
Amei uma paixão de mulher  
Como se lesse uma poesia de amor  
E fiz do verso a escrita do silêncio  
Muito tempo depois morri  
Mas aí era tarde demais para mim  
A morte sagrara a memória do destino

**DEÍFILO GURGEL***ésquina da Praça 7 de Setembro***Solidão**

Com quem festejarei minha chegada,  
à terra onde nasci, ao chão comum,  
se todos já partiram, um a um,  
levados pelo Vento, para o Nada?

Com quem dividirei minha risada,  
se não encontro mais, aqui, nenhum  
dos velhos companheiros de jornada,  
que o Vento arrebatou, frágeis anuns?

De que vale perguntar à Morte  
Por que os levou, para que Sul ou Norte,  
Se a Morte não responde à indagação?

Um dia a Morte, monja silenciosa,  
me levará também, morto, entre rosas,  
para a outra margem desta solidão.

**CARLOS GURGEL***esquina da Praça 7 de Setembro***Intimação**

procuro por mim  
como se fosse  
um cão sem dono

como se fosse  
uma lanterna  
que turva  
sábados e falecimentos

procuro por mim  
na poltrona  
de uma casa vazia  
sem móveis, cortinas, fantasias

procuro por mim  
como se fosse  
um animal em extinção  
que na última hora  
se entristece  
e some

procuro por mim  
ao redor  
do que o mundo me oferece:  
cordas, seringas e poentes

e  
como um homem falso  
rio  
de mim  
e de tudo  
que me olha.





## **CIVONE MEDEIROS**

*esquina da Av. Romualdo Galvão com  
Av. Lima e Silva*

### **Ode às xananas**

Xananas são exóticas, xananas são albinas, xananas são comuns. Xananas são radiantes, são lenhosas, são bacanas. Xananas são belas e são banais. Xananas são singelas, são sugestas, são factuais. Xananas são fuleiras, são lascivas, são esplêndidas, são substantivas e são substanciais. Xananas são xamãs, xananas são alheias, xananas são danadas, são estóicas, são turneráceas. Xananas são ulmifolias, são estanques, são sacanas, são solares. Xananas são daninhas, são suntuosas, são extemporâneas, são bucólicas, são vulgares. Xananas são tinhosas, são luzentes, são capsulares. Xananas são sagradas, são urbanas, são extáticas, são solitárias. Xananas são pentâmeras, são reiêiras, são rebeldes. Xananas são poéticas, são ornamentais, são descuidadas, são malditas, são tribais. Xananas são emocionais, são malandras, são selvagens, são medicinais. Xananas são Chananas e mais que tais.



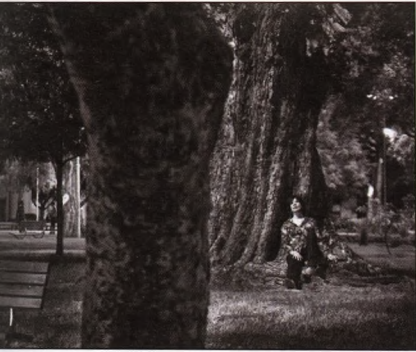
## **ADA LIMA**

*esquina da Av. Nascimento de Castro  
com Rua Murilo de Melo*

Agora  
que tudo é silêncio

adormeço  
ouvindo  
o barulho das ondas

o mar é  
dentro de mim.



## **DIVA CUNHA**

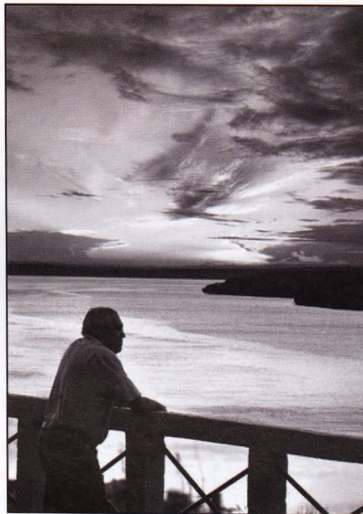
*esquina da Praça André de Albuquerque*

### **Potygirl**

Na boca do meu canto há uma pedra  
só navios de pequeno calado  
podem gorjear em suas costas

tateio de olhos fechados  
os contornos das letras  
que o sol ilumina

quero por direito de herança  
a voz que me cabe  
emplumada de estrelas



## **JARBAS MARTINS**

*esquina da Av. do Contorno com  
Rua Quintino Bocaiúva*

### **O dia de Irani**

Como te esquecer neste dia, neste dia  
que é só teu, e que por isso me sa-  
code com um leve sabor de nostalgia.  
E que me desperta para um passado,  
onde se acumulam, dores e alegrias,  
e sonhos nunca colhidos, mas talvez,  
sim, realizados, que o amor, amor, exi-  
ge dos amantes entregar-se infini-  
to, exercício para um Hércules desavi-  
sado. E enquanto o teu dia me sacode  
com sua música de pardais e lingerie,  
desastradamente esquecemo-nos de  
flagrar, de nossa varanda de nuvens,  
o terceiro minuto da aurora. Coisas de  
amantes, reconhecemos e rimos. Por  
que esquecer, logo hoje, de flagrar  
o terceiro minuto da aurora? Coisas  
para nós não impossíveis, em nossos  
exercícios de surpresas, como aguar-  
dar, numa tarde de verão, uma colisão  
de andorinhas, ou, num fim de sábado  
qualquer, à margem do Potengi, espe-  
rar a colisão do trem contra paisagem.  
Coisas tangíveis, Irani, como teu nome  
entre vogais iluminadas e um ranger  
sonoro de páginas rasgadas, ou de  
uma rede, guardadora de sonhos in-  
confidentes como os nossos.



# TODO POEMA É ROMANCE & O MELHOR REPÓRTER DA POESIA

## DOS ENGENHOS E ARTES

De língua solta, em verso livre, dissertou-se: – “Sou viciado em fim de linha, em ponto final de literatura. Em princípio, fazem o meu gênero, em versos e prosas de direitos autorais”. Submerso em provas, prosseguiu, com a saliva dos que estão a dizer-se. O seguinte: – “Não é poesia, nem é prosa. São textos. Sacou? Se não sacou, ensaque-se. Ensarilhe-se”. Tentou explicar os detalhes de uma teoria prática: – “Se escrevo uma linha, componho um romance. Ih! Componho um romance de quinhentas páginas numeradas, em cada página um capítulo, em cada capítulo textos de livre expressão, épicos ou trágicos, no transcorrer dos olhos e no passar dos dedos, é claro que faço um romance. Todo poema, leia o senhor, **todo poema é romance**”. Pôs. Expôs. Abelhas, abelhudas por entender, esclareceu o escuro obscuro do absurdo: – “E todo romance é poema”. Um verso é um conto, sem delongas, a odisséia ou a ilíada de um qualquer cronista do descobrimento das línguas. O bom Mautner poetizara a Filosofia: todo fim tem um começo. O personagem desenvolvera a linha do raciocínio: – “Todo começo tem um meio de vida, um meio de rua, um meio dia de sol a pino, um meio-fio, no meio do caminho tinha uma pedra de poesia”. Drummonizara o pão nosso da leitura de cada instante, encontrava-se na linha divisória de ser e estar no mundo das letras. Em versos, em contos, ficcionara-se em amálgamas. Juntou a poesia à vontade de escrever. Fome e gula, os ensaios da Língua, o gestual da fala. As escritas.



## DAS VASSOURAS

### DE PIAÇABA

Em fumos, o luto da luta. Em permanências, o Poema. No canto direito inferior da primeira página, a foto cinza. A foto, verídica, do amigo. Acima dele, fotogramático, o tenista de Roland Garros. É, não deu. Morre o homem, ficam as idéias. Os títulos, multigráficos. A deusa da democracia festeja o massacre na Praça da Paz, em Pequim. As notícias na folha de rosto. Brasil enfrenta Holanda, amistoso na Bahia, o futebol de América versus Pauferrense é fogo! Roda Viva alardeia o fim do monopólio, mudanças na Justiça, aviões sobem de preço. OAB, CPI, as siglas do jornalismo político, OTAN, Iugoslávia, ataques aéreos, o vôlei, o mosquito da dengue, o hospital infantil do Parque dos Coqueiros, as baterias dos celulares, o médico do posto de saúde, os bondes elétricos, o dia dos namorados. Ele, o amigo, tinha breve semelhança com Hagar, o herói das HQ. Onde andar? Nem Cesimar, nem Olinto, nem Rubinho sabiam dizer. De transmissor de rádio a técnico de futebol foi uma parábola. Dos tempos de João Saldanha, chamaram-no para dirigir o glorioso Atlético. Sofreu uma derrota acachapante, de 6 x 1, pendurou as chuteiras. Dia de Finados, em compa-

nhia do célebre e hoje finado Cadengue, narrou o necrológio de todos os mortos reverenciados no Bar do Lourival. Era poeta de jornal, um homem do rádio, o **melhor repórter da Poesia**. Os dedos dele eram baquetas de tamborim. Pago-deava, dizia versos de improviso. Foi e sempre será o poeta de Ciclo da Pedra e do Cão, prêmio de poesia, um gênio nas falas, um boêmio de humor perene nas noites de sol, um companheiro imprescindível (depois de morto, todo homem é elogiável), bamba do samba, do frevo, do maracatu e do baião de dois em nossa festança de Brasil. Engraçado, depois de Rubão descobrimos: há seres inteligentes antes dos micros de Bill Gates. Governava-se em notícias: esses cotidianos, cordialidades da palavra escrita. Para fazer jornal, um dos melhores companheiros de Zé de Noca e Seu Nezinho, um poeta de máquina de escrever letras de chumbo. Dedos de linotipo, a crônica quente e diária, para o café da manhã, olhos de Ramos e Baltazar, na hora em que Januário dava sinal Paulo Leão derretia sob a fumaça das barras de chumbo. Dia e noite, estava no prelo, nas páginas de rosto. Naqueles tempos, os jornalistas militantes so-

friam inevitavelmente de censura, ilusão e poder. Para escapar da ditadura, atravessou a Cordilheira dos Andes. Depois da anistia, no voto a voto, defendeu a legenda do PT, os vitoriosos nem tomaram conhecimento do povo altruísta e sofrido. O diabo é que depois da queda do Muro de Berlim perdemos o contato com o nosso amigo, o compadre chora um filho na guerrilha de Salvador, o símbolo da liberdade, o velho Rubão, aquele que tinha o dístico, a holística do Rubens. Lemos, ou não lemos? Lemos, o necrológio, o obituário, o revolucionário, o destinatário, o periódico operário, o intelectual a serviço da revolução proletária, o anti-burguês, o amigo do peito de Lênin e Marx.

**João Gualberto** é poeta e jornalista. “Dos engenhos e artes” e “Das vassouras de piaçaba” são capítulos do romance inédito *Os olhos dos outros*, 1999.

♦ p o e m a

**CICLOS DA PEDRA E DO CÃO****Rubens Lemos**

Na rua existe um cachorro  
latindo as broncas da noite.

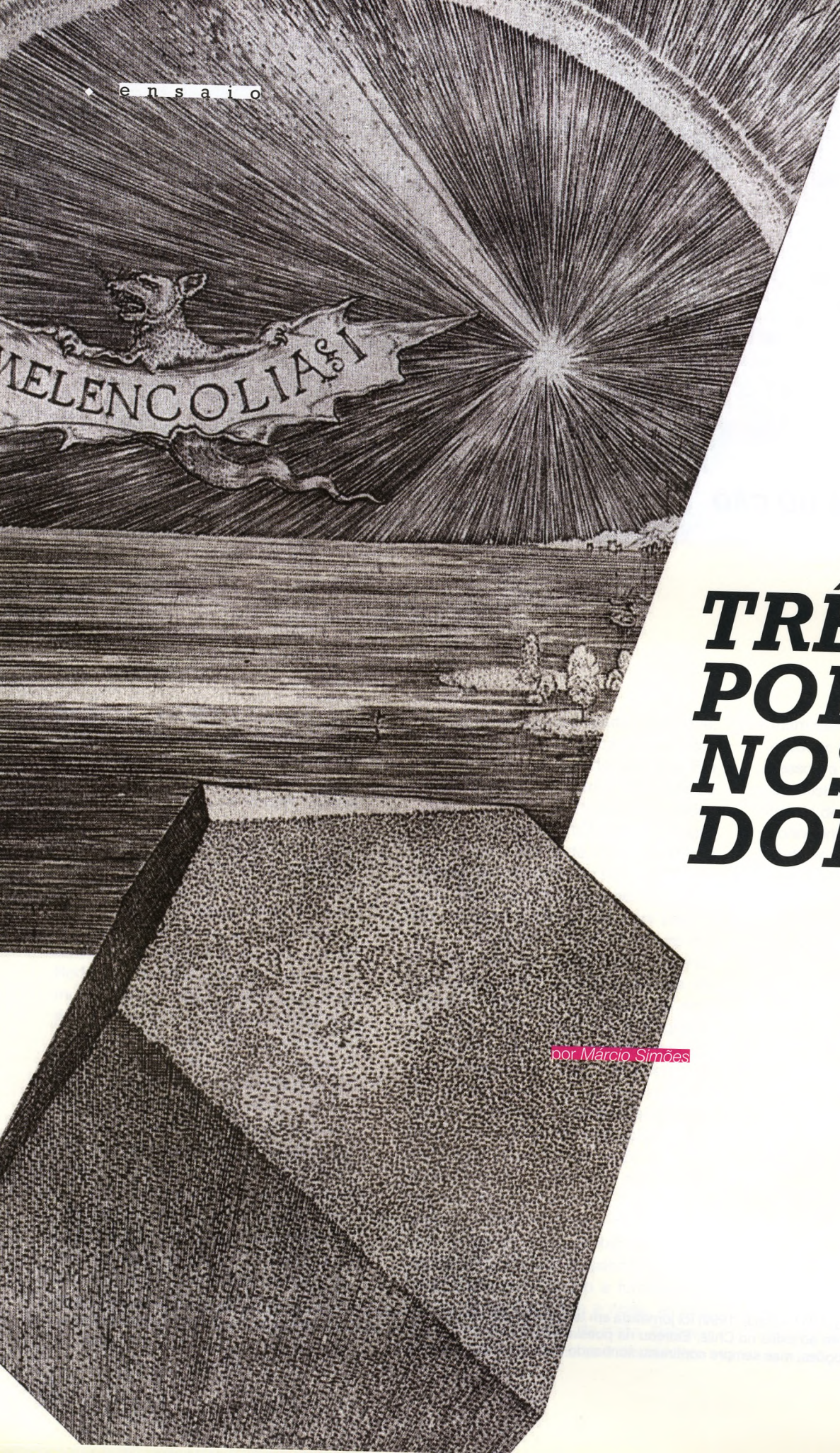
Esse latido se cala  
durante a hora do dia.

É que o cachorro sabe  
pertencer o dia ao homem.

Quando é dia, brigue o homem;  
se é noite, o cão tome conta.

**Rubens Lemos** (Santana do Matos, 1941 – Natal, 1999) foi jornalista em tempo integral desde os 17 anos. O combate à ditadura militar levou-o à prisão, onde foi torturado, e posteriormente ao exílio no Chile. Estreou na poesia com *Ciclos da pedra e do cão*, em 1978, seu único livro. Segundo Ticiano Duarte, “sofreu amarguras e decepções, mas sempre continuou sonhando com um Brasil mais justo”.

ensaio



# TRÊS POETAS NOS ANOS DOIS MIL

por Márcio Simões

A consolidação de uma literatura norteario-grandense, seus autores canônicos e obras eleitas, assemelha-se a uma via de dupla passagem. Se por um lado configura um campo de estudo e interesse, impulsionando-lhe e dando-lhe vitalidade, por outro, corre o risco de falsear seu próprio objeto e enfraquecer-lhe na base, caso se perca de vista o contexto mais amplo em que esta literatura está inserida. Desse modo, antes de falar em uma literatura do RN, parece mais funcional pensar numa literatura criada no Rio Grande do Norte: mantendo a porta aberta à universalidade e à literatura em língua portuguesa e estrangeira como um todo.

Buscando fugir ao mero ajuntamento de nomes de forma mais ou menos acrítica a que está sujeita toda historiografia e panorama geral, optou-se aqui por percorrer o caminho da poesia realizada recentemente no Rio Grande do Norte por meio de três livros de poemas publicados nos últimos anos: *Saartão* (Natal: Edição do Autor, 2004), de Adriano de Sousa; *Para sair do dia* (Natal: Edufrn, 2006), de Márcio de Lima Dantas; e *Pequeno manual prático de coisas inúteis* (Natal: Flor do Sal, 2008), de Theo G. Alves. Tal roteiro não pretende nem de longe esgotar a paisagem, nem mesmo exaurir as paradas eleitas. Apenas passeia, ao sabor da deriva, embalado pelos climas dos lugares em que se detém.

\*\*\*

Não é novidade o entendimento de que a arte nasce da própria arte, as obras geram-se umas às outras. O diálogo criativo entre os diversos realizadores com sua tradição e contemporaneidade sempre foi e continua sendo um dos mais fortes substratos da criação, senão condição imprescindível para a elaboração e o aparecimento de novos trabalhos. Disso nos dá bom exemplo **Adriano de Sousa** com *Saartão*. Dividido em quatro partes precedidas de um pequeno intróito em prosa poemática, praticamente todos os poemas do livro são elaborados a partir do convívio cultural e humano do autor. Cada poema é uma leitura, uma inter-

pretação, uma intervenção reveladora de um livro, filme, fato, tela ou escritor. Mas, mais do que isso: é uma resposta subjetiva e criativa ao experienciado através do contato com diferentes manifestações artísticas.

A primeira seção do livro, intitulada “Bíblia”, é inteiramente composta a partir de um diálogo nesses termos com as personagens e eventos dos livros bíblicos do antigo testamento, em poemas que vão da compreensão mais funda à ironia mais contundente. A segunda e terceira partes terão, explicitamente, o mesmo impulso dialógico: em “Kynema”, mais onze textos sobre filmes, atores e diretores diversos; e em “Metalurgia”, sete poemas endereçados a diferentes autores norteario-grandenses: de Oswaldo Lamartine a João Gualberto, passando por Zila Mamede e Luís Carlos Guimarães, Adriano de Sousa parece reconhecer pares e ascendentes, ao mesmo tempo em que toma partido e assenta um cânone pessoal. A última estância do volume, “Matolão”, terá maior amplitude temática: pinturas, ocorrências cotidianas, notações, jogos de palavras, qualquer coisa será motivo para o poema.

É, sem dúvida, essa dialética entre o experienciado e a resposta criativa e lúdica a essa experiência que está na raiz da fatura e intenção dos poemas do livro. Mas, não se pode esquecer que sua realização estética só se dá pela acabada consciência formal de seu realizador. Há em seus textos um laborioso cuidado construtivo, uma cultivada consciência crítica aliada a uma assinalada sensibilidade rítmica e prosódica. Há igualmente um conhecedor competente da língua. O seu verso assimila o que veio antes dele e não tem pretensões de ultrapassá-lo – opta, antes, pelos rasgos de originalidade e reelaborações. O texto em caixa baixa; a pauta sonora e sintática muitas vezes imprecisa e demarcada pela disposição e corte dos versos em função da emissão de ar e da unidade rítmica; o aproveitamento do falar cotidiano; a pontuação que se faz desnecessária e é abandonada; tudo isso são recursos da poesia contemporânea dos quais faz uso proveitoso. O seu ritmo parece ao mesmo tempo o mais original e o mais provável de ser alcançado

pelos que buscam, hoje, uma expressão poética válida. Estruturalmente, ou o poema diz-se de um só fôlego e é uma longuíssima unidade rítmica onde cada verso é um acréscimo, um *take* de uma cena que vai se desenrolando; ou cada linha é uma emissão de fôlego e sentido tão completa que não necessita da pontuação para delimitar as pausas e estabelecer os nexos sintáticos; ou ainda é a própria disposição estrutural que funciona como pauta sonora e sintática.

No título do volume, fazendo uso da grafia de uma das primeiras ocorrências da palavra sertão em nosso idioma – saartão – o autor refere-se à etimologia até hoje obscura desse termo para evocar, imagino, o diletantismo, o desprendimento, à não filiação de seu texto às vazias e vaidosas querelas eruditas, ao mesmo tempo em que o associa a uma terra erma e pouco conhecida, como a própria produção literária do nosso estado, mas por isso mesmo mais plena de possibilidades e novidades aos que aceitam assumi-la e descobri-la. Possibilidades que se firmam e se ampliam com esse livro agreste e lúcido de Adriano de Sousa.

\*\*\*

Em **Márcio de Lima Dantas** a melancolia está madura, certa da si e de seus arredores, iluminada de quando em quando por uma abertura de transparência que a ilumina. *Para sair do dia* é um tríptico composto por poemas curtos que dialogam com a tradição bíblica, budista e greco-romana. Em “Palimpsestos bíblicos”, a seção de abertura, encontram-se referências a cenas e acontecimentos dos livros bíblicos; em “Poemas assim”, sua parte central e mais extensa, as filosofias religiosas do oriente, em especial o Zen, informam uma visão de mundo voltada às coisas e eventos cotidianos; e finalmente em “Antiguidades”, sua última parte, os mitos e personagens das literaturas da Grécia e Roma são revistos e refeitos no crisol da palavra. Sobriedade, rigor e precisão determinam a elaboração dos poemas, onde os versos normalmente

curtos fazem um uso bastante funcional das vírgulas e sinais de pontuação. Uma cuidadosa construção rítmica e fônica – que permanece despercebida numa primeira leitura – sustenta ditos aparentemente cotidianos e coloquiais. Percorre o livro a consciência da morte, a meditação sobre o tempo e a maturidade, a intuição da ilusão dos eventos a par de um desapego pelas coisas que confere um delicado equilíbrio à solidão do seu olhar para elas.

Boa parte dos poemas é permeada pelo cotidiano. Mas não um cotidiano ordinário, sem sentido. É um cotidiano observado do interior de uma “pausa”, de uma janela no tempo materializada em linguagem poética. Longe da desatenção e distração, o que temos é atenção desperta, focada num objeto único: seja a conversa da viúva sobre o câncer do marido, o trombonista que como último gesto deixa o instrumento ao aprendiz promissor, o próprio poeta ao anoitecer sentado tomando notas. Nada há além do dia e os instantes de sensibilidade em que irrompe o poético e o arranca dele. Mas esta saída está exatamente nele mesmo. Ocorre através das coisas e eventos os mais simples e diários. Também a linguagem poética é a mais simples, focada, serena, fruto deste “Diligente trabalho/ de erguer/ um aquietar-se consigo mesmo”. Poesia de solidão, de eventos, de objetos, de livros, de quadros, tudo é como deve ser: comum, natural, sem mistérios que inquietem a alma. No entanto, cada objeto contemplado, cada leitura revelada, cada cena descrita resplandece de inusitada e natural importância: foi preciso prestar atenção a ela. Cada instante de realidade concreta a motivar o poema parece ter sido portador da completude inequívoca do que se sabe permanentemente efêmero e sem valor transcendente, mas que é neste exato momento todo o presente. Em outras palavras, a própria transitoriedade é responsável pelo valor único de cada instante, jamais repetido. Atentar a isto é libertar-se do enfado para ver com olhos novos a novidade das coisas. Fluir na ressurreição perene dos instantes encadeados. E o livro constitui-se então na fina tapeçaria dessas efemeridades, des-

ses instantes em que a atenção leva à percepção poética.

Tudo isto está contido na ideia budista que lhe serve de base: a da *liberação*, manifesta na metáfora título, referente a uma “brecha” nas rotinas cotidianas. Outro ponto de aproximação refere-se à imanência de filosofias contemplativas como o Zen, em que toda disciplina do corpo e da atenção é dirigida para uma experiência direta da realidade, desvencilhada de automatismos e condicionamentos. O concreto é de fato o campo de eleição da melhor poesia do Oriente. No entanto, a experiência contemplativa delineada no livro de Márcio de Lima Dantas é mais intelectualizada que intuitiva, resultando antes de uma compreensão racional e lógica que de um pensamento analógico e simpático. Há uma forte racionalidade na origem de tudo que está dito, o que demarca os limites da orientalidade que norteia o volume.

Mesmo assim, a influência do haikai se faz sentir em vários poemas de três versos, como este: “Nas ancas da noite/ grilos tiritam/ o triunfo das sombras.”, onde avulta a notação instantânea; ou ainda o descritivo desprezioso de: “No puro e intacto/ firmamento azul/ estrela alguma.”; tudo isto modos e maneiras caros à poesia oriental: declarativa serenidade e secreta beleza firmadas no limite do “incomensurável mar”.

\*\*\*

Com **Theo G. Alves** pode-se começar por *leveza*, lembrando as lições de Calvino. Seu *Pequeno manual prático de coisas inúteis* volta-se igualmente ao universo cotidiano e às coisas comuns, constituindo-se num pequeno relicário de miudezas. Organizado num tríptico, a primeira parte nos apresenta às *coisas*: o inverno sertanejo, as pedras, os insetos, a casa miúda, o homem, a memória, o amor, a cidade, a morte. Na segunda encontram-se instruções para elas: para inventar os pássaros, para reinventar a memória, para compreender as coisas do chão, para construir um homem só ou uma manhã de domingo. Na última,



tudo é definitivamente reinventado, e a prosa poética se abre ao imaginário para figurar em pé de igualdade o prazer de dizer e aquele advindo do modo de fazê-lo.

O livro todo é habitado pelas coisas do chão, onde o homem em desuso está atento apenas ao seu redor. Os acontecimentos mínimos do cotidiano deixam de ser apenas isto; ressurgem numa cadeia sensível de reverberações: lembranças, associações, sensações; e tornam a ser exatamente aquilo que são: acontecimentos pequenos, mas cheios dos significados que nos podem fazer experimentar: “como estrelas/ estas pedras miúdas/ refazem o céu/ na terra”, encontramos a certa altura.

Embora o tom dos poemas seja objetivo, tematizando coisas concretas, há sinais da subjetividade que as enxerga e concede traços determinados àquilo que vê: é possível entrever o pai morto, o convívio saudável da infância junto à avó, o amor pelas noites de junho com o frescor das chuvas durante o inverno sertanejo. Um dos elementos centrais do livro é precisamente a memória. Meio ambiente da subjetividade, fonte de onde ressurge a experiência vivida, ao tornar novamente presente o que se passou, instaura nesse mesmo movimento a percepção da ausência do que já não há. Resta reconhecer a fragilidade e a efemeridade de tudo que pode ser evocado diante de um presente que só se reconhece em si mesmo, uma vez que “a memória/ deita pedras enormes/ sobre os ombros –/ não sobre os dias”. A pedra, aqui, adquire valor simbólico, especialmente porque ressurge metamorfoseada em vários poemas: não apenas a metáfora de um sentimento, mas uma flor (“as orquídeas de pedra/ – as pedras de orquídea –”), a própria paisagem (“a chuva desenha pétalas/ nas pedras”), um fruto (“o tempo e a pedra do caju”), a palavra poética (“o ventre mineral da palavra pedra”), ou carne e ossos: “noventa e oito por cento/ de uma pedra/ são puro metal// apenas o que lhe resta/ é carne/ e ossos”.

Estilisticamente, os poemas de Theo são marcados pela precisão construtiva, tão minuciosos e ricos em estrutura e detalhes como os insetos, flores ou meio



ambientes que descrevem. O verso curto, irregular, com as palavras lançadas umas sobre as outras, confere velocidade à exatidão das estrofes. É preciso reconhecer o talento para a expressão lapidar em exemplares como este: “desperta a manhã/ de domingo estende/ os braços e descreve no tempo”, ou ainda: “o sol/ o acorda/ ou o fim de seu sono/ desperta o dia?”. Como não se admirar com: “toda palavra inventada/ é menor que seu coração// e seu coração contente ainda menor que a vida”. O delicado lirismo que transparece funde com rara felicidade a forma da expressão com o conteúdo e sentimento expressados, condição da arte literária.

É ainda uma poesia íntegra, no que o autor não passa pelo que não é, porém embarca na miudeza de sua existência, com seu “tantinho de medo e um baú pesado de anseios”, munido daquele “olhar armado” às coisas, que confere sentido e sensibilidade ao que vê, de uma maneira tão natural que não nos deixa opção senão reconhecer o sentido e a sensibilidade como dimensões humanas. Se, como diz a certa altura, “para se inventar um poeta/ é melhor esquecê-lo”, que assim seja – mas que permaneça presente na memória este pequeno livro-mundo.

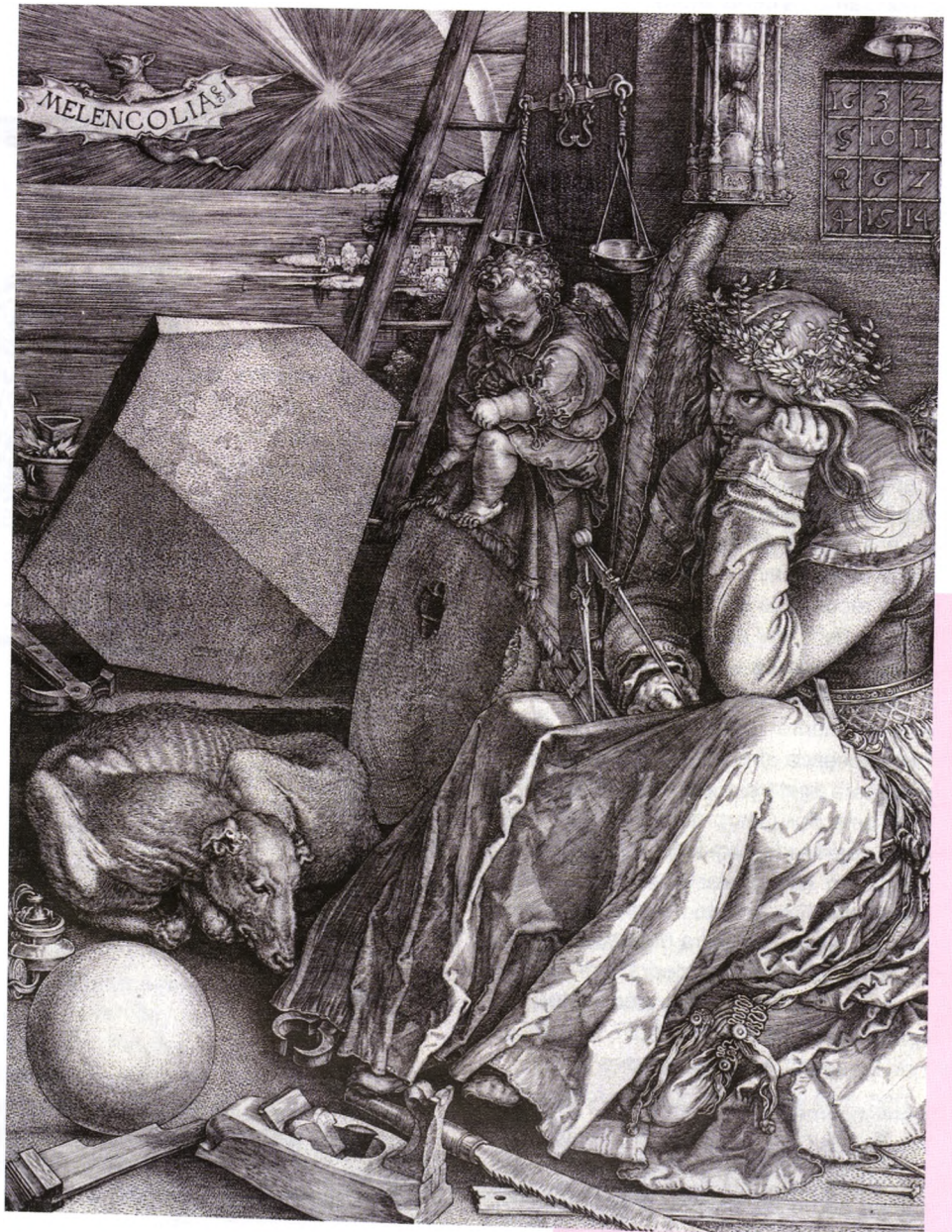
\*\*\*

Antes de tudo, é preciso reconhecer o apurado senso de medida dos três poetas. Todos ostentam um domínio formal acentuado: poemas polidos e sem sobras assinalam o cuidado e dedicação de seu artesanato construtivo. Todos criam igualmente poemas que podem ser descritos como sintéticos, enxutos, com versos normalmente curtos e desembaraçados. Todos aderem assim ao que pode ser chamado de “estilo da época”. Todos, igualmente, produziram seus livros em torno de objetos artísticos: filmes, livros, quadros... Mas será que não se pode sentir aí a ausência de uma visão mais crítica sobre seu tempo? Ressonâncias do esvaziamento político-ideológico a que assistimos atualmente? Ecos de certa tendência da

lírica nacional à forma e ao esteticismo? Se é verdade que a literatura mais relevante nunca abriu mão de ser questionadora, de romper com seu próprio tempo, o escritor que não se empenha em desmistificar as superstições e mitos convertidos em lugar-comum de sua época não estaria deixando de cumprir parte de seu papel? No entanto, a lucidez irônica e individualidade de Adriano de Sousa (numa época de domesticados e arrebanhados), a contemplação silenciosa de Márcio de Lima Dantas (na era do ruído e da velocidade), e a

opção pelo pequeno e inútil da parte de Theo G. Alves (citando a praticidade como uma “virtude atualmente superestimada”), são indícios de que os poetas não permanecem acrílicos diante do seu tempo. Não são radicais, mas certamente levam adiante possibilidades de realização do trabalho artístico e, por que não dizer, do indivíduo que o realiza e dos leitores que deles partilham o gosto e a sensibilidade.

**Márcio Simões** é poeta.



“Eu fecho os olhos e sou capaz de reconstituir as ruas, as casas, as pessoas, os lugares, os sabores, os ventos, a paisagem marítima, os mangues, os perfumes daquele mundo, aquele universo de deslumbramento, de encanto, de impacto, que é o despertar da consciência e da sensibilidade da criança para a realidade que a rodeia. Guardo até certos registros físicos, como este dedo que tem um corte profundo, produto de um dos meus primeiros deslumbramentos poéticos. Eu sempre paguei um alto e sofrido pedágio à poesia. Era um animal lindo, azul, que caminhava pelo campo no período que se chamava ‘andada dos caranguejos’. Era um goiamum maravilhosamente azul, de olhos levantados como uma antena, e que entrou de casa adentro. Eu me fascinei por aquele bicho inusitado que eu não sabia o que era – me parecia uma coisa cordial e amiga; então, fui pegar e ele me pegou no dedo. Machado de Assis fala naquele cachorro do Rubião que guardou a memória das pancadas; eu guardei a memória de muitas pancadas, embora tenha perdoado e sublimado muito. Mas essa primeira pancada, como represália e resposta ao impulso ingênuo, puro e lírico – essa eu não esqueço, porque a marca dela está no meu dedo.”

[Homero Homem, em entrevista gravada para a Fundação José Augusto, início da década de 1970, e publicada este ano em *Conversas de poetas*, FJA, 2011]

**Homero Homem** (Canguaretama, 1921 – Rio de Janeiro, 1991) foi jornalista e professor universitário, radicado no Rio muito jovem. Estreou na poesia com *A cidade, suíte de amor e secreta esperança*, em 1954. Também escreveu contos, romances e novelas infanto-juvenis. Segundo Wilson Martins, “a sua poesia é, antes de mais nada, uma reafirmação da Poesia, em respostas implícitas aos que lhe proclamaram o desaparecimento ou procuraram renová-la por meios antipoéticos”.



por Fábio Farias

# TRÊS POETAS ANTES DOS TRINTA

Elas têm menos de 30 anos de idade. Publicam a maior parte dos poemas na internet e buscam na contemporaneidade uma estética própria. **Marina Rabelo, Renata Marques e Ada Lima** representam uma amostra do que pode ser chamado de renovação da poesia potiguar. As três apresentam uma escrita focada em versos livres, haikais e inspirações que passeiam sem discriminação tanto pela cultura regional quanto pela cultura pop.

As influências variam entre os escritos de Ana Cristina César, Manoel de Barros, Hilda Hilst e Paulo Leminski. Entre as potiguares, são unânimes em citar Marize Castro, Iracema Macedo e Diva Cunha como as principais autoras que influenciam seus poemas. Jorge Fernandes também não é esquecido pelas meninas, que dizem ter na inspiração pura o maior motor para a confecção dos versos.

## VERSOS DELÍRIOS

**Marina Rabelo** é daquelas que respiram poesia. De fala mansa e sorriso tímido, tem 29 anos. Nas mãos, o instinto de escrever belos poemas. Sem livros lançados, mas com versos espalhados pelo Brasil, é a mais velha das três. Formada em engenharia química pela UFRN, nunca seguiu os desígnios da profissão de Exatas. Ela preferiu se ater à produção poética na internet.

Quando tinha 22 anos, Marina fundou o blog *Versos DeLírios*, pontapé para a carreira de webwriter. A página abriu para ela contatos com gente de fora do estado que também produz poesia. E a rede com outros autores resultou na criação do blog comunitário *E-Digitais*, e depois no *Blog de 7 Cabeças*, espaços que reúnem produções poéticas e em prosa de escritores de todo o país.

Dentre os autores com quem conseguiu estabelecer uma relação mais próxima está Múcio Góes, poeta pernambucano, autor dos livros *O avesso e o verso*, editado pela Nossa Livraria e lançado em 2004, e *Grãos ao alto*, lançado em 2009 pela Árvore de Poemas. A admiração e a amizade mútuas, resultaram num laço poético entre os dois. “Múcio é uma das minhas maiores influências”, declara.

Um dos seus poemas fez parte da primeira edição do “Pão e Poesia” – projeto realizado em Minas Gerais onde os poemas são escritos em papel de embrulhar pão – e outro da “Árvore dos Poemas”, projeto também mineiro onde os versos são pendurados em galhos de árvore.

No ano passado, Marina ficou entre as 10 finalistas no concurso da Fliporto (Festa Literária Internacional de Pernambuco) de poesia pelo twitter. Atualmente, se dedica ao projeto do seu primeiro livro, em conjunto com outras três poetisas – que já tem título: *Por cada uma*. A obra foi ideia de uma das escritoras que mais admira, Marize Castro, e sai pela editora Una, ainda no primeiro semestre de 2011.

## VERSOS POTY

**Renata Marques** é sutil, simples, persistente. Ela é poeta de sensibilidade afiada, com a capacidade de fazer brotar poemas quando (e onde) menos se espera. É a caçula das três, com 25 anos de idade e um diploma de jornalismo pela UFRN. Mantém o blog *Versos Poti* desde 2006. Bebe das mesmas influências das outras meninas, mas tem um carinho especial pelo poeta Manoel de Barros. “Ele mudou meu jeito de escrever poesia.”

Apesar de publicar via internet há cinco anos, a intuição da escrita veio cedo, quando escrevia versos e textos e os dedicava aos amigos. “Eles gostavam e me incentivaram a criar um espaço para publicar”, conta. Da página da web, o que ela mais gosta é a possibilidade de interação imediata com o leitor. Renata Marques gosta de compartilhar escritos

e bons sites e se diz fã de autores como Patrícia Antoniete, do blog *Não discuto*.

Sua poesia é, em geral, mais palavrosa, mas mantém pontos de contato com as das outras autoras, principalmente quanto ao tema escolhido e a forma de tratá-los. Os textos não dispensam os versos livres e a criatividade na construção. “Me vem a inspiração e, a partir dela, muitas vezes, eu trabalho os versos.”

Ano passado, em parceria com o poeta Carlos Gurgel, participou do projeto “Toque de colher poemas”. Enquanto a ideia de publicação de um livro amadurece, Renata Marques pensa numa parceria com o fanzine *Lado [R]*.

## MENINA GAUCHE

Das três, **Ada Lima** é mais objetiva. Mais João Cabral de Melo Neto que Vinicius de Moraes. *Menina Gauche* é seu primeiro livro, publicado em 2008 pela Flor do Sal. Recentemente, publicou *Águas* pela mesma editora. Modesta, jeito simples, Ada, 26, credita sua pro-

dução poética ao trabalho incansável de cortar e reescrever as palavras, até chegar a um formato próximo ao que ela imagina ser o ideal.

Seus poemas nascem do cotidiano, da vivência diária. Eles se apresentam como um emaranhado de frases e palavras arrebatadoras que deixam, por vezes, o leitor sem ar, graças ao grau certo que o atinge. O início da carreira foi lento, com a publicação restrita a um blog secreto, mantido como forma de desabafo para a jovem escritora. Descoberto por amigos e divulgado entre os fãs de poesia, logo atraiu a atenção dos leitores.

Ada, que nunca imaginou que poderia atingir qualquer grau de reconhecimento, hoje deixou de ser promessa. É uma realidade do mundo literário potiguar.

**Fábio Farias** é jornalista.



# Seu Gomes

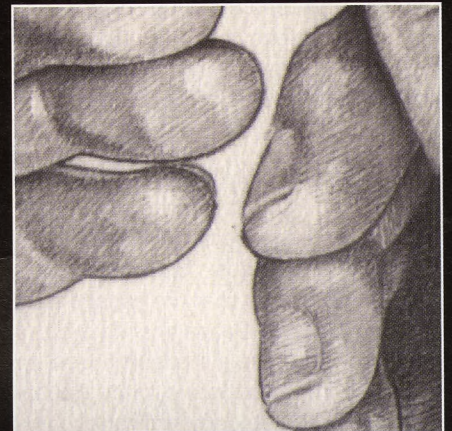
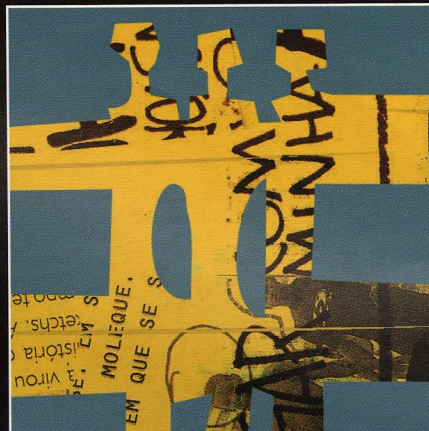
Cumpri meu tempo de foca, no ofício do aprendizado de repórter, numa redação cheia de talentos. Daí ser bem-nascido, se é que aprender é uma fortuna. Tinha como editores, no velho Diário de Natal, João Neto e Cassiano Arruda Câmara. E o chefe de reportagem era Sanderson Negreiros, que naquele tempo escrevia sua coluna “Quadrantes”, nascida de um lirismo que encantava toda a cidade, retocando com literariedade um jornalismo marcado pelo crivo de ferro de uma objetividade absoluta.

Pela mesa de Sanderson, naquelas manhãs luminosas que deixavam entrar o casario antigo da Ribeira e, lá longe, o rio e o mar, passava um pouco da vida literária de uma Natal que ainda vivia um jeito pachorrento de ser com suas ruas calmas e largas do Tirol e Petrópolis. Em alguns dias, aparecia na redação o poeta José Bezerra Gomes. De chapéu

sobre o rosto redondo, adornado por um sorriso doce. Num passo lento, de sapatos grandes e gastos, atravessava a redação para conversar com o chefe de reportagem.

Logo depois, Sanderson deixaria o jornal para assumir a TV Universitária e depois a Fundação José Augusto. Lá, antes dele, estivera o poeta Diógenes da Cunha Lima que, na presidência, decidiu publicar os poemas de José Bezerra Gomes. Era claro o encanto do poeta-presidente de *Lua quatro vezes sol* pela poesia do seridoense. José Bezerra, embora tivesse vários livros publicados e um romance famoso chamado *Os brutos* – lançado pela Pongetti nacionalmente durante sua temporada em Minas – era inédito nos seus versos, tão belos e tão inesperadamente singulares.

por Vicente Serejo



**“TRAZIA A MESMA  
FOTOGRAFIA TRÊS  
POR QUATRO E, NUMA  
FOLHA DE OFÍCIO  
TIMBRADA COM UM  
VELHO CARIMBO, SEU  
NOME, A INSCRIÇÃO NA  
OAB COMO ADVOGADO,  
ENDEREÇO E UNS  
POUCOS DADOS SOBRE  
SUA VIDA DE ESCRITOR,  
PARA NINGUÉM  
ESQUECER OS SEUS  
LIVROS E ATIVIDADES  
INTELECTUAIS.”**

A missão coube a outro grande poeta, Luís Carlos Guimarães, que também frequentava a redação para conversar com Sanderson, mas trabalhava na Tribuna do Norte – onde Berilo Wanderley publicava sua “Revista da Cidade”, enriquecendo ainda mais o jornalismo cultural de então. Dos poemas, ou daqueles que ao menos eram conhecidos, restavam poucos. A solução foi chamar de antologia o pequeno livro, e, ainda assim, diminuída a cada visita do poeta às oficinas da Gráfica Manimbu, ali do lado da Rua Açu – e que naquele tempo não era Assu, mas uma rua-rio, de tão mansa, correndo nas quebradas de Petrópolis.

Poeta de poemas curtos, de fachos rápidos, luminosos e perfeitos, mas também, às vezes, de longas dicções poéticas, José Bezerra Gomes foi retirando uns, cortando outros, a ponto de Luís Carlos pedir que se evitasse sua presença nas oficinas da Fundação José Augusto. De tudo, restou uma pequeníssima antologia com umas cinquenta páginas, guardadas por uma apresentação do seu organizador e um texto de Moacy Cirne, conferindo uma estética de vanguarda à poesia de Seu Gomes.

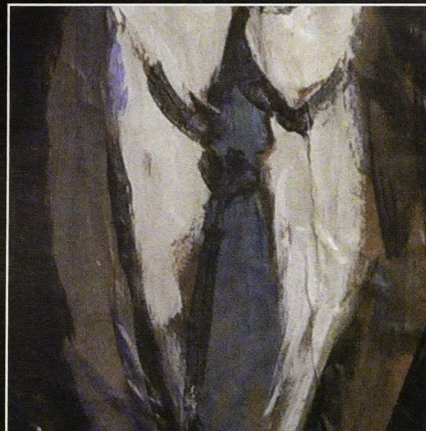
Anos depois, na companhia de Tarcísio Gurgel, fui conhecer a casa do poeta, no Alecrim, bem perto da Igreja de São Pedro. Um casarão despojado, de terraços avarandados, guardado pelas sombras de suas velhas árvores e o olhar de D. Veneranda, sua mãe. Estava de chapéu, como sempre. Respondeu as perguntas de Tarcísio, já misturando nomes e datas dos episódios que tentava lembrar. No tempo de sua intensa vida literária,

quando sonhou fundar, sozinho, um ciclo do algodão na literatura nordestina.

Quando Sanderson Negreiros deixou o jornal, para nunca mais voltar a uma redação diária – como até hoje –, era a mim que o poeta procurava. Uma vez por ano, perto do seu aniversário, 9 de março. Como no tempo de Sanderson, trazia a mesma fotografia três por quatro e, numa folha de ofício timbrada com um velho carimbo, seu nome, a inscrição na OAB como advogado, endereço e uns poucos dados sobre sua vida de escritor, para ninguém esquecer os seus livros e atividades intelectuais.

Demorava pouco. Quase não conversava. Agradecia com um sorriso e saía no seu andar lento, descansando numa perna e noutra, de chapéu e óculos, acenando levemente pra quem passava. Até hoje tenho dentro de um dos seus livros um daqueles seus manuscritos e guardo comigo um retrato seu na redação do *Diário*. Só alguns anos depois, pude compreender o sentido de sua poesia. É que ainda guardo uma fotografia que Rejane fez em Paris quando viu uma maçã intacta, no chão de uma rua. Nem sabia que ela carregava na alma o minúsculo poema de José Bezerra Gomes e que está na página 51 de sua antologia: Diz assim: “Paris – Uma/maçã/ no caminho”. Seu Gomes estava ali. Sem nunca ter ido a Paris.

Vicente Serejo é jornalista.



◆ r e l e i t u r a

PREÁ

O S P O E M A S

d e J o s é B e z e r r a G o m e s

I L U S T R A D O S

por *Carla Bruttini* | *Dimetrius Ferreira* | *Domingo A. Dalama* | *Márcio dos Santos* | *Pola Kouli*

["Limite"] **Carla Bruttini** é artista plástica.

["Sempre sábado"] **Dimetrius Ferreira** é diretor de arte.

["Lápis"] **Domingo A. Dalama** é desenhista e pintor.

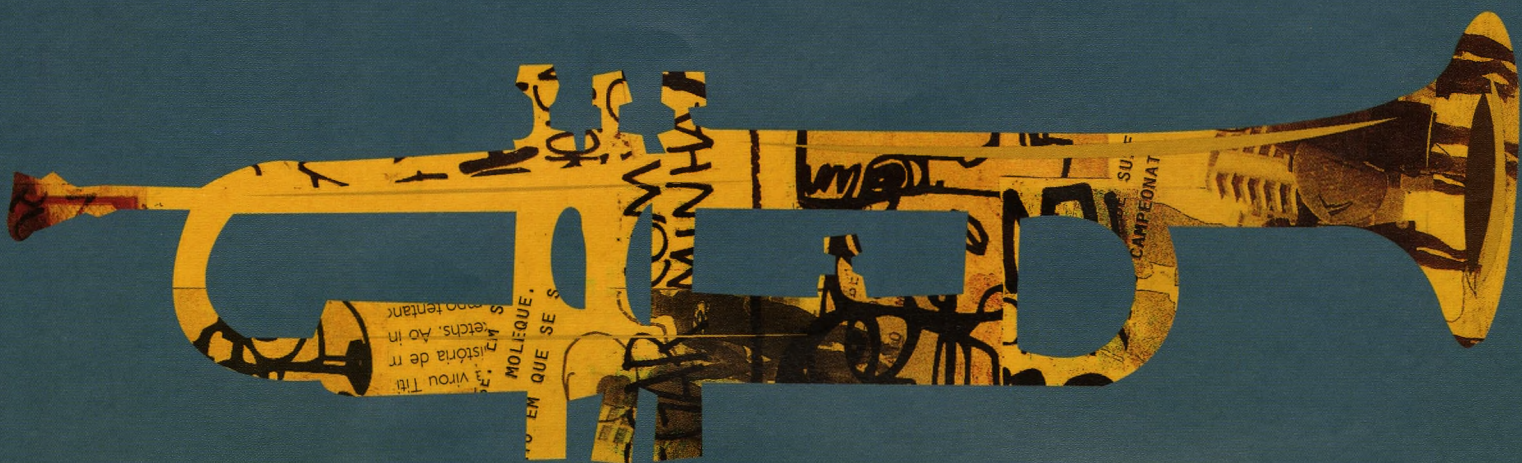
["Paris"] **Márcio dos Santos** é ilustrador e diretor de arte.

["Seridó"] **Pola Kouli** é vitralista e historiadora da arte.



*S E R I D Ó*

Casa Grande



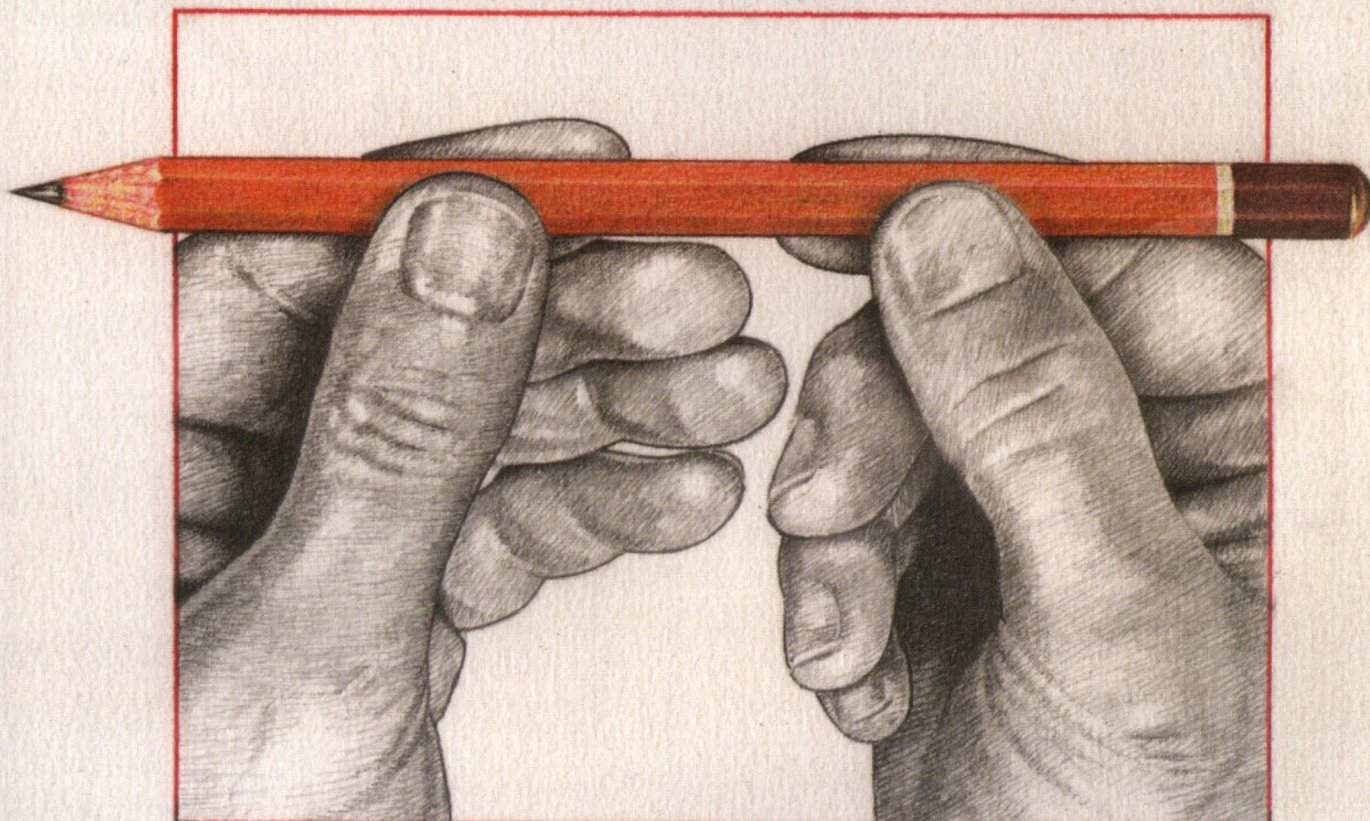
**S E M P R E S Á B A D O**

Naquele  
sábado  
a música  
daquele  
sábado

L Á P I S

Confesso-me  
de assim  
ter sido

Ainda que não fosse mais

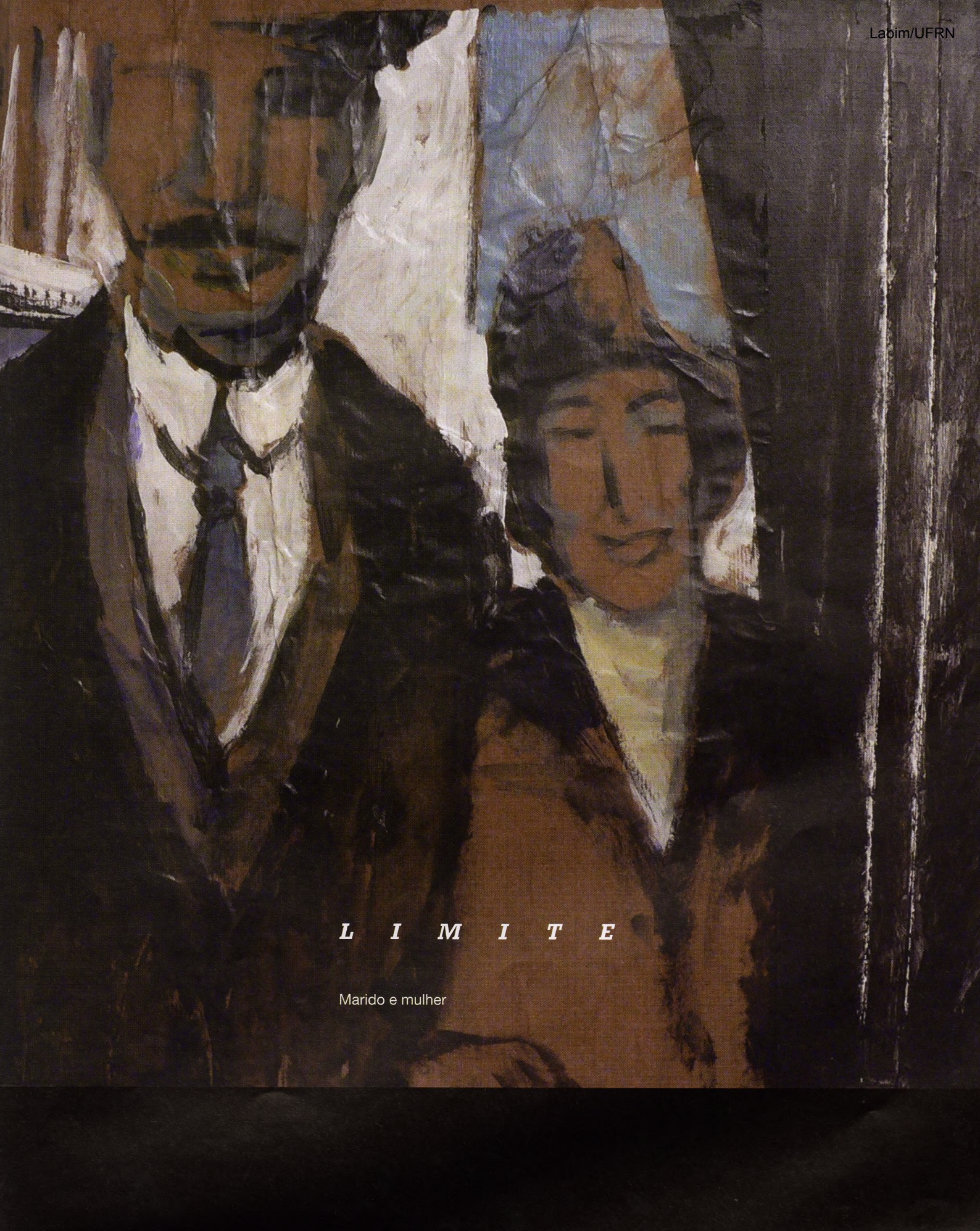


DALAMA



**P A R I S**

Uma  
maçã  
no caminho



*L I M I T E*

Marido e mulher

## C A N Ç ã O U R B A N A

*Luís Carlos Guimarães*

O que me chama atenção é um homem sozinho numa mesa,  
 nos seus cinqüenta anos bem morridos,  
 a entornar seu chope silenciosamente,  
 o homem de paletó cor de goiaba.  
 Necessariamente funcionário público,  
 na vizinhança da obesidade e do enfarte,  
 o homem de paletó cor de goiaba,  
 tem cinco filhos, três netos,  
 uma mulher de barriga caída e varizes nos braços e nas pernas,  
 um apartamento de dois quartos no 12º andar do Edifício Flor das Laranjeiras  
 (financiado em 25 anos, com correção monetária, pelo BNH),  
 calos na sola do pé direito,  
 dentes cariados,  
 fígado inchado,  
 acessos semanais de asma brônquica,  
 uma sogra que encarna o dragão vomitador de fogo,  
 uma acentuada hipermetropia na visão esquerda  
 e bolsos furados.  
 E mais:  
 no morrer de cada dia,  
 o homem de paletó cor de goiaba  
 tem os ouvidos rasgados pelo barulho do trânsito,  
 sua sangue poluído de asfalto na repartição,  
 nas filas de ônibus e do INPS.  
 Entornando silenciosamente o seu chope,  
 o homem de paletó cor de goiaba  
 parece um boi.  
 Um boi.  
 Não o boi que pasta no campo,  
 mas o boi que vão levando ao matadouro.

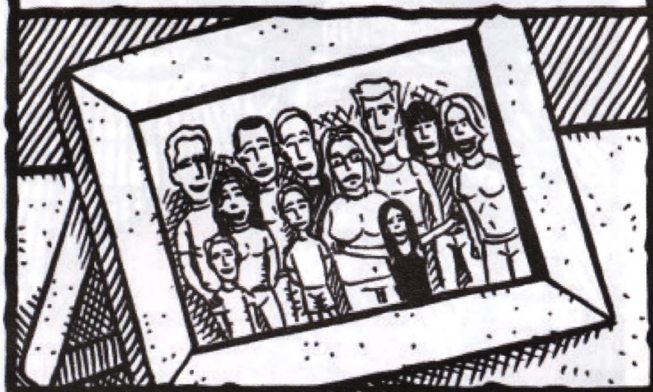
**Luís Carlos Guimarães** (Currais Novos, 1934 – Natal, 2001) foi advogado e juiz de direito, e trabalhou como revisor nos principais jornais do RN. Estreou na poesia com *O aprendiz e a canção*, parte da “Coleção Jorge Fernandes”, editada pela Imprensa Oficial do Estado, em 1961. Também escreveu contos, novelas e haicais. Foi tradutor de Rimbaud e de muitos poetas latino-americanos. Segundo Sanderson Negreiros, “Luís Carlos Guimarães soube, mais do que todos nós, seus companheiros de romagem terrena, consagrar o que, nele, já foi definido como lirismo modelador de espanto: comungar a dor da existência, sem angústia destruidora, nem esse falso anarquismo intelectual que se traveste de vanguarda”.

O QUE ME CHAMA ATENÇÃO É UM HOMEM SOZINHO NUMA MESA,  
 NOS SEUS CINQUENTA ANOS BEM MORRIDOS,  
 A ENTORNAR SEU CHOPE SILENCIOSAMENTE,  
 O HOMEM DE PALETÓ COR DE GOIABA.

por Jansen Baracho



NECESSARIAMENTE FUNCIONÁRIO PÚBLICO,  
 NA VIZINHANÇA DA OBESIDADE E DO ENFARTE,  
 O HOMEM DE PALETÓ COR DE GOIABA,  
 TEM CINCO FILHOS, TRÊS NETOS,  
 UMA MULHER DE BARRIGA CAÍDA E VARIZES  
 NOS BRAÇOS E NAS PERNAS,



UM APARTAMENTO DE DOIS QUARTOS NO  
 12º ANDAR DO EDIFÍCIO FLOR DAS LARANJEIRAS  
 (FINANCIADO EM 25 ANOS, COM CORREÇÃO  
 MONETÁRIA, PELO BNH),



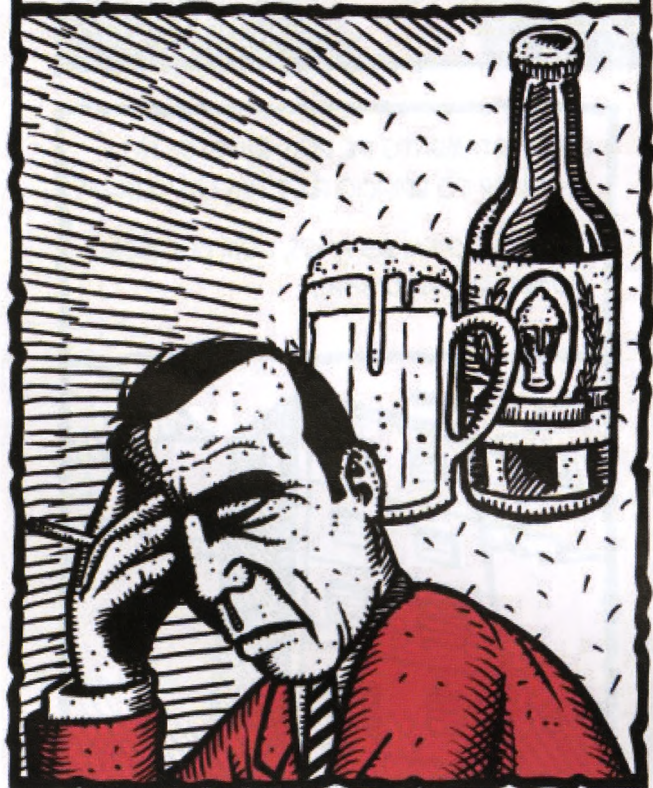
CALOS NA SOLA DO PÉ DIREITO,



DENTES CARIADOS,



FÍGADO INCHADO,



ACESSOS SEMANAIS DE ASMA  
BRÔNQUICA,  
UMA SOGRA QUE ENCARNA O  
DRAGÃO VOMITADOR DE FOGO,



LIMA ACENTUADA HIPERMETROPIA  
NA VISÃO ESQUERDA



E BOLSOS FURADOS.



E MAIS:  
NO MORRER DE CADA DIA,  
O HOMEM DE PALETÓ COR DE GOIABA  
TEM OS OUIDOS RASGADOS PELO  
BARULHO DO TRÂNSITO,  
SUA SANGUE POLLUÍDO DE ASFALTO  
NA REPARTIÇÃO,  
NAS FILAS DE ÔNIBUS E DO INPS.

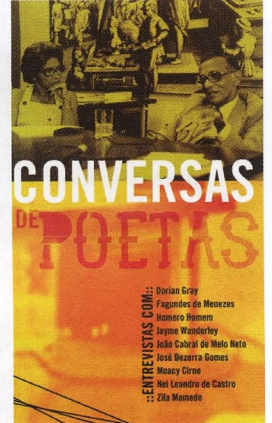
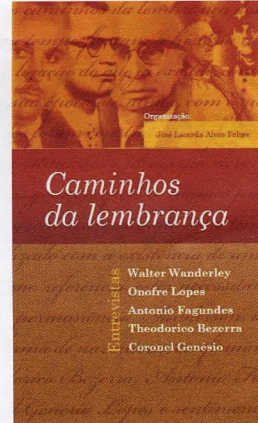
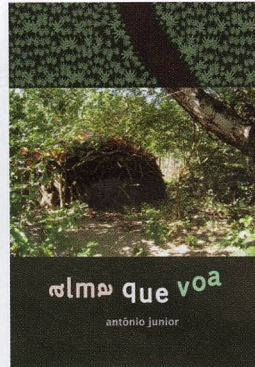
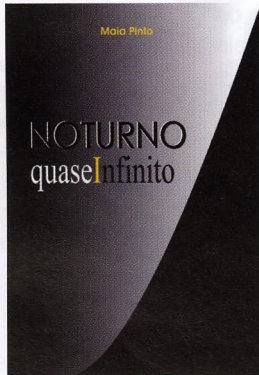


ENTORNANDO SILENCIOSAMENTE  
O SEU CHOPE,  
O HOMEM DE PALETÓ COR DE GOIABA  
PARECE UM BOI.





# Poetas, artistas, mandatários



Para começo de conversa (sem querer fazer este trocadilho infame), tenho a absoluta certeza de que este livro **Conversas de poetas**, organizado por Adriano de Sousa e Flávia Assaf, Fundação José Augusto, 42 páginas, deveria ser adotado pelas escolas e universidades potiguares. Por quê? Porque reúne a fina flor, poética, literária, de gerações importantes de autores nordestinos, alguns deles com repercussão nacional, como é o caso de Nei Leandro de Castro, Homero Homem, Moacyr Cirne e João Cabral de Melo Neto.

Há autores importantíssimos, como Zila Mamede, que não são conhecidos nacionalmente por pura inépcia de críticos e comentaristas do centro-sul. Quer um exemplo? Não faz muito tempo, a revista *Bravo* publicou uma extensa reportagem sobre o poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto, onde o autor anotava que Zila Mamede tinha organizado a

biblioteca do poeta. Informação correta, mas a reportagem não dizia que Zila era a mais importante poeta potiguar, e ainda grafava o nome dela como se fosse “Zilá”. Eu escrevi para a revista pedindo uma retificação, que nunca houve.

Por essas e outras, vale a pena passar os olhos por esta publicação que traz entrevistas memoráveis com nomes da importância de Dorian Gray, Fagundes de Menezes, Jayme Wanderley e José Bezerra Gomes. Importantes porque dão uma idéia do tamanho de nossa literatura, quase completamente ignorada pelo resto do país. Outra coisa curiosa no livro é que as entrevistas não são apresentadas na forma tradicional, de perguntas e respostas. Os organizadores preferiram destacar frases importantes dos entrevistados, e cada trecho é introduzido por um subtítulo, facilitando a leitura imediata segundo o assunto de maior interesse do leitor.

## ÚLTIMO TREM

Na mesma leva de publicações, é apresentado ao leitor este *Alma que voa*, de Antônio Júnior, Fundação José Augusto, 73 páginas. O que dizer deste? Notadamente é um livro de época. Sua temática hippie se escancara logo na epígrafe: versos do compositor paraibano Zé Ramalho – “as borboletas estão voando...” – que fizeram a delícia de “malucos belezas” (inclusive eu) nos idos dos anos 70. É poesia de qualidade? Não quero entrar no mérito dessa questão e fazer juízo de valor para não ser acusado de andar com uma fita métrica no bolso, medindo o tamanho dos poetas. Há no livro, sim, todo o imaginário de uma época que acreditou em utopias e em heróis como Chico Mendes e Che Guevara. A realidade, como sempre, foi mais cruel com tais sonhos. Ao folhear essas páginas, o leitor vai saboreando palavras que remetem ao deslumbramento com a natureza, antecipando a onda de defesa do meio ambiente; e vai viajando nas sensações lisérgicas de uma geração que esbarrou na feiúra do mundo real.

A poética bicho-grilo de Antônio Júnior serve, ao menos, para consolar almas perdidas pelo consumismo, pela falta de leitura, pelo embrutecimento proporcionado pelos meios de comunicação, pela burrice geral. Poesia não é só para intelectuais. Serve também para caminhoneiros e manicures. O livro de Antônio Júnior chega atrasado, como alguém que ficou plantado na estação à espera do último trem. Mas há imagem mais poética do que essa?

## DORES DE AMORES

Certos livros não deveriam ser escritos na forma de poemas. Deveriam ser em prosa mesmo, destilando a poesia que há no âmago do autor. É o caso deste *Noturno quase infinito*, de Maia Pinto, Fundação José Augusto, 195 páginas. Incensado por grandes intelectuais de sua geração, como Luís Carlos Guimarães, Woden Madruga e Dorian Jorge Freire, o poeta que virou economista é marcado pelo modernismo brasileiro,

que soltou as amarras do verso, deixando ele livre e sem rimas.

Percorrendo suas páginas, eu, que um dia sonhei também escrever poemas e fracassei, anseio por estas mesmas palavras desafiadas em prosa. Porque a maioria esmagadora desses poemas poderia muito bem virar crônicas fabulosas, contos, anotações. Mas o poeta preferiu expressar suas sensações em versos e é assim que devemos lê-lo.

Como bem definiu seus comentadores, contemporâneos, Maia Neto é um sentimental incurável. Isso é pecado em poesia? Aparentemente, sim. Porque a poesia raramente alcança o sublime, e quase sempre quando alcança, canta as dores do mundo. O jornalista Cid Augusto, talvez por ser mais jovem que os outros comentaristas do poeta, é mais incisivo: a poesia de Maia Neto tem correspondências com a poesia de Florbela Espanca, a poeta portuguesa que canta essas dores de amores.

## GRAVURAS MÁGICAS

Já *As vertentes criativas da gravura brasileira*, de Dorian Gray Caldas, Fundação José Augusto, 119 páginas, prescinde de qualquer comentário pela sua importância para o conhecimento das artes plásticas no Rio Grande do Norte. Aqui está outro livro que deveria ser adotado nas escolas.

Apresentando os autores por ordem alfabética, e não cronológica, o também artista Dorian Gray traça um percurso que vai de Assis Trajano a Zeneide Pessoa. E, ao assumir o papel de historiador da arte, explica para o leitor o nascimento desta arte que é “a manifestação mais antiga da sensibilidade humana”, desde que as pinturas rupestres na caverna de Lascaux, na França, encantaram e atraíram os olhos do mundo, até chegar ao beco sem saída de um Paul Klee.

Dorian Gray mostra que toda essa riqueza da imaginação humana encontrou uma de suas mais fecundas formas de expansão na gravura nordestina, a xilogravura, a gravura de cordel e simi-

lares. Olhando atentamente para essa forma de expressão artística, apreciando as fachadas das casas nordestinas, vamos encontrar a trilha percorrida pela tradição até chegar aos nossos talentosos artesãos. O livro tem a vantagem de trazer uma boa quantidade de gravuras para o entendimento do leitor, e a desvantagem de ser impresso em papel poroso, que, ao absorver a tinta, tirou um pouco da magia dessa arte que ganharia mais numa impressão em papel couché. Mesmo assim é um documento de rara importância para o conhecimento de nossa cultura.

## MANDATÁRIOS

Para encerrar, temos esta *Cronologia dos mandatários do Rio Grande do Norte – Brasil Colonial – Volume I, Capitães-Mores – 1600 a 1822*, Centro de Estudos e Pesquisas Juvenal Lamartine, Fundação José Augusto, 289 páginas. Completamente didático, este livro traça um retrato do poder político no RN desde a fase colonial.

Se você é daquelas pessoas que passam pela Bernardo Vieira, em Natal, e tem curiosidade de saber quem deu nome a esta avenida, eis aqui uma boa oportunidade de adquirir informações sobre a história de sua cidade e de seu Estado. Se você é um estudante que quer conhecer melhor a história de sua terra, eis aqui um bom começo.

Do primeiro mandatário, João Rodrigues Colaço até a última junta de Governo Provisório, nos tempos de dom João VI, o leitor terá uma idéia precisa desses acontecimentos que marcaram nossa história. O livro é resultado de uma pesquisa cuidadosa levada a cabo por uma equipe de pesquisadores do CEPEJUL, coordenada por Décio Américo Gomes de Lisboa: José Albano da Silveira, Rosane Braga Ponte, Ênio Gomes Ferreira, Clênia Maria de Luna Freire, Jailton Fonseca, Jorge Rodrigues da Silva, Aucides Bezerra de Sales, Kátia Maria Gurgel do Amaral e Tânia Lúcia da Silva Cabral.

Carlos de Souza é jornalista.

# PROGRAMAÇÃO DIVERSIFICADA MARCA O DIA DA POESIA

por Carlos Gurgel | foto Anchieta Xavier

Comemorou-se mais um 14 de março, o Dia da Poesia, quando os poetas e seus simpatizantes desfraldaram versos e outras linguagens, tudo acompanhado de lançamentos literários e homenagens. Este ano o grande homenageado foi o poeta Luís Carlos Guimarães, nos 10 anos de encantamento, representado pela sua companheira, Lêda Guimarães.

O Governo do Estado, a Secretaria Extraordinária de Cultura e a Fundação José Augusto trabalharam de forma conjunta e eficaz para que a programação tivesse a melhor acolhida possível. O público compareceu, lotando pátio e palco do Teatro de Cultura Popular (TCP) e prestigiando a extensa programação, que teve início com a apresentação da poetisa Michelle Ferret e seu espetáculo "Poesias & Flores em caixas". Sempre atento e interessado, a platéia acompanhou o recital dos poemas autorais dos integrantes do grupo (além de Michelle, Vânia Maria, Igor Rodrigues, Thiago Medeiros e Potyra Pinheiro), que apresentou boa desenvoltura cênica.

A seguir, a governadora Rosalba Ciarlini recebeu os convidados, homenageados e o público presente, destacando o va-

lor da Cultura e o empenho do Governo do Estado para o setor, no que foi seguida pela Secretária Extraordinária de Cultura, Isaura Rosado.

Com a regência do maestro Paraguai, ouviu-se o Hino do Rio Grande do Norte, antecipando o lançamento da Coleção "Cultura Potiguar", com os primeiros quatro títulos – *Conversas com poetas* (organização de Adriano de Sousa), *Noturno quase infinito* (de Maia Pinto), *Príncipe plebeu – uma biografia do poeta Othoniel Menezes* (de Cláudio Galvão) e *Alma que voa* (de Antônio Júnior) – momento de grande destaque da programação, que encerrou as atividades no pátio do TCP com a apresentação do grupo de Tovar, interpretando modinhas de Othoniel Menezes.

A programação no palco foi aberta com o poeta Plínio Sanderson, que interagiu com o público e realizou uma ótima apresentação, seguido por Carito, na ocasião sem Os Poetas Elétricos, mas que também arrebatou o sentimento dos presentes, com seu recital carregado de imagens poéticas. Um dos pontos altos da programação foi o retorno do grupo sonoro/perfomático Gato Lúdico, liderado pelo artista plástico, crítico, profes-

sor e poeta Vicente Vitoriano, que levou o público ao delírio, seja pelas letras inspiradas, seja pelas concepções cênicas arrojadas. Marcelus Bob encerrou a participação dos poetas/grupos locais, extrapolando um pouco seu tempo e o diálogo com a platéia.

Do Maranhão e de Minas Gerais vieram, respectivamente, Celso Borges e Wilmar Silva. O primeiro, acompanhado pelo guitarrista Christian Portela, o segundo com o também guitarrista Francesco Napoli. E, ambos, primando pelo refinamento poético associado a um experimentalismo de alto nível, e encerrando oficialmente as comemorações do Dia da Poesia de 2011, patrocinado pelo Governo do Estado, Secretaria Extraordinária de Cultura e Fundação José Augusto (que contribuiu efetiva e eficazmente através do trabalho de Ana Neuma, Conceição Jasiello, Sonia Santos, Anchieta Xavier, Gilberto, Silvana, Joana D'Arc, Selma, Saint Clair, Regina e Márcia Moreno, entre outros).

**Carlos Gurgel** é poeta, funcionário da Fundação José Augusto e coordenador do Dia da Poesia 2011.



Divulgação

## **CULTURA POTIGUAR É DISCUTIDA COM A MINISTRA ANA DE HOLLANDA**

A governadora Rosalba Ciarlini, acompanhada do ministro Garibaldi Filho, da deputada federal Sandra Rosado e da secretária extraordinária da Cultura Isaura Rosado, reuniu-se com a ministra Ana de Hollanda, ainda em fevereiro deste ano. Na pauta, o apoio às ações que o governo pretende desenvolver para tornar o estado referência nacional na cultura popular. O programa, que envolve salões, mostras, dança, cinema, vídeo, teatro de rua, mamulengo, publicações, concursos e seminários, foi apresentado à ministra, que aprovou as propostas e sinalizou o apoio imediato do Ministério da Cultura.

A governadora também solicitou à ministra o retorno dos sete convênios firmados entre a Fundação José Augusto e o MinC, no valor de quase R\$ 8 milhões, cujo cancelamento foi pedido pela gestão estadual anterior. Ana de Hollanda prometeu reexaminar o caso e se comprometeu em desenvolver ações conjuntas com o Governo do RN.

## **ANIVERSÁRIO DO TAM, PRESENTE PARA ARTISTAS E PRODUTORES CULTURAIS**

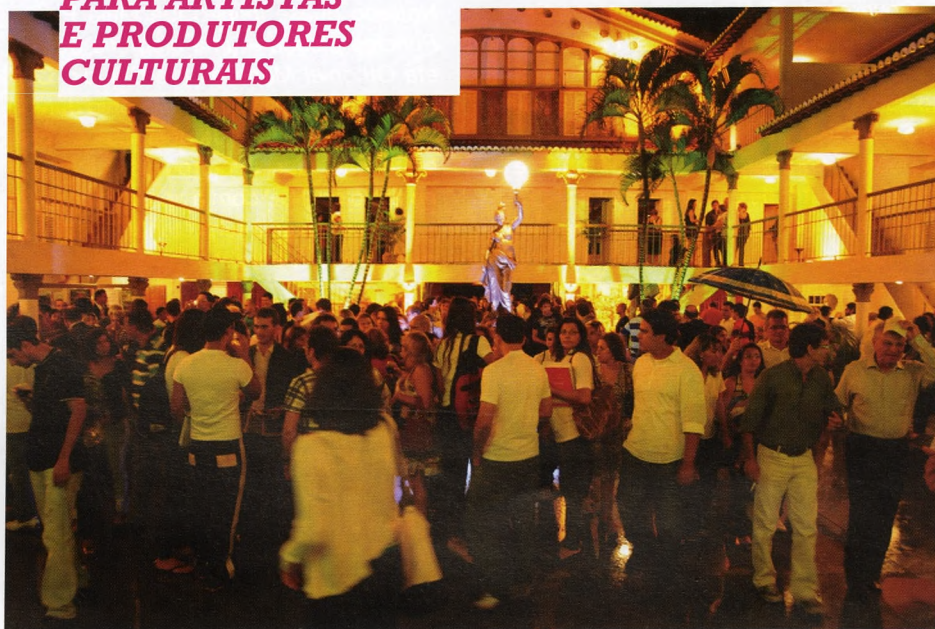


foto Anchieta Xavier

O aniversário de 107 anos do Teatro Alberto Maranhão contou com apresentações do Coral Canto do Povo, Coral Hamus e da Escola de Dança do TAM. Na programação, foram homenageados os ex-diretores Dorian Gray Caldas, Hilneth Correia, Diana Fontes, Olga Aranha e Ivonete Albano. O ponto alto da noite agradou os artistas e produtores culturais, que receberam como um presente a boa notícia transmitida, na ocasião, pela governadora Rosalba Ciarlini: o incremento de 50% no valor da renúncia fiscal da Lei Câmara Cascu-do para o exercício de 2011. Congelado há oito anos, este valor, que era de R\$ 4 milhões, subiu para R\$ 6 milhões. O aumento traduz os esforços e os objetivos do governo em apoiar, incentivar e prestigiar a cultura.

## SECRETARIA ANUNCIA PUBLICAÇÃO DE 70 LIVROS ATÉ 2012

Como parte do projeto de renovação da Editora e Gráfica Manimbu, a Secretaria Extraordinária de Cultura e a Fundação José Augusto apresentaram o Plano Editorial para 2011, que prevê a publicação de 40 títulos – 30 livros e 10 cordéis. Alguns títulos já estavam aguardando finalização na gráfica, outros são frutos dos estudos e pesquisas do Centro de Documentação Cultural Juvenal Lamartine, e ainda há aqueles provenientes de editais da Fundação de Apoio a Pesquisa do RN – FAPERN. Até o fechamento desta edição, seis livros já tinham sido lançados.

Dentro da política estadual do Livro e da Leitura, a Secretaria Extraordinária de Cultura publicou, em abril, o Edital Cultura Publicações 2012 de número 002. A minuta do documento ficou disponível para apreciação pública até o dia 8 de abril e recebeu sugestões de todos os setores da sociedade. Através deste edital, a comissão editorial da Coleção Cultura Potiguar escolherá os 30 títulos para publicação no próximo ano.

### Já publicados

*Conversas de poetas* - Adriano de Sousa  
*Caminhos da lembrança* - José Lacerda Alves Felipe  
*Noturno quase infinito* - Maia Pinto  
*Alma que voa* - Antônio Júnior  
*Vertentes criativas da gravura brasileira* - Dorian Gray Caldas  
*Brasil Colonial Mandatários I* - Tarcísio Rosas

### Edital FAPERN

*Conversa e prosa* - Isaura Rosado  
*Vozes do povo* - Chico Alves  
*Em cena* - Maria Bezerra  
*Vozes do canto* - Cláudio Galvão  
*Severo iconográfico* - Giovanni Sérgio, Laura Alaide, Olímpio Maciel e Isaura Rosado

### Reedições

*Gizinha* - Polycarpo Feitosa  
*Roseira brava* - Palmira Wanderley

### Gráfica Manimbu

*Dramacital* - Emanuel Antônio da Silva  
*Escrevendo, lendo, publicando* - Enélio Lima Petrovich  
*Bocas que murmuram/Repouso do Adônis* - Paulo Dumaresq

### Centro de Pesquisa Juvenal Lamartine

*Brobró - vocabulário e breve gramática* - Alcides Sales e Albano da Silveira  
*Chico Traira* - Jorge Rodrigues  
*Flauta Cabocla* - Alcides Sales e Albano da Silveira  
*Dramaturgia potiguar* - Racine Santos  
*Brasil Imperial Mandatários II* - Tarcísio Rosas

## CAPACITAÇÃO DE AGENTES E PAGAMENTO DOS PONTOS DE CULTURA

Em solenidade realizada no dia 1º de março no Teatro da Cultura Popular, foi encerrado o treinamento de 40 agentes de cultura e anunciado o pagamento de R\$ 960 mil aos Pontos de Cultura, saldando dívidas de 2009. A solenidade foi presidida pela governadora Rosalba Ciarlina, com a presença do empresário Antonio Gentil e de prefeitos dos municípios com Casas de Cultura.

Abrigados durante quatro dias no Centro de Treinamento da Emater, os candidatos a agentes de cultura discutiram experiências exitosas – como a da Casa de Cultura de Campo Grande – e a participação e o apoio dos municípios. Juntamente com técnicos do SEBRAE, os professores Deifilo Gurgel, Maria Bezerra e Josenilton Tavares orientaram os candidatos a agentes a elaborar o plano de atividades para este ano.



foto Anchieta Xavier



**PRIMEIRA EXPOSIÇÃO  
HOMENAGEIA AS  
MULHERES**

Disponibilizar acervos privados para a apreciação do público: esse é o objetivo do projeto “O Privado é Público”, que teve início em março deste ano na galeria Newton Navarro, na Fundação José Augusto. A iniciativa é da Secretaria Extraordinária de Cultura/FJA e vai trazer os melhores acervos privados do estado para o hall da entidade. O primeiro acervo exposto foi o da pesquisadora Leide Câmara, uma homenagem às mulheres potiguares que fazem música, com dezenas de fotos, partituras, documentos e figurinos. O projeto seguiu, em abril, com o acervo/exposição do artista Ricardo Veriano, Paixão de Espinho em Altar de Pedra.

**O Privado é Público - Programação**

**Maio**

Lúis Carlos Guimarães  
Acervo de Lêda Guimarães

**Junho**

Xananas e Baobás  
Acervo de Diógenes da Cunha Lima;

**Julho**

Augusto Severo  
Acervo de Olímpio Maciel

**Agosto**

As Cores do Folclore  
Acervo de Gutemberg Costa e  
Daliana Cascudo

**Setembro**

Dorian de Dorian  
Acervo de Dorian Gray Caldas

**Outubro**

A Arte que Convivo  
Acervo de Elenir Varela

**Novembro**

Sem título  
Acervo de Selma Bezerra

**Dezembro**

Presépios  
Acervo de Antônio Marques

**CIA DE DANÇA DO  
TAM RECEBÊ  
RECONHECIMENTOS  
INTERNACIONAIS**

A Companhia de Dança do Teatro Maranhão participou do Festival Internacional de Dança Tanzolymp, realizado entre os dias 13 e 20 de fevereiro deste ano, em Berlim, na Alemanha [veja crítica ao lado]. O grupo trouxe para O RN o prêmio máximo na categoria “Conjunto de Dança Moderna”.

Além disso, os bailarinos Breno Lucena e Meyriane Gonçalves receberam bolsas para o estudo de dança nos Estados Unidos. Eles participaram do Youth American Gran Prix (YAGP), realizado em Nova York, de 23 a 26 de setembro de 2010. Breno, do grupo infanto-juvenil da EDTAM, foi selecionado para estudar na Harid Conservatory, na Flórida, enquanto Meyriane Gonçalves, do grupo clássico, para o Rock School, também na Flórida. Ambos começam os estudos em janeiro de 2012.

Já a diretora da EDTAM, Wanie Rose, foi convidada para proferir palestra no Festival Brasil Move Berlim, que aconteceu na Alemanha entre 8 e 12 de abril.

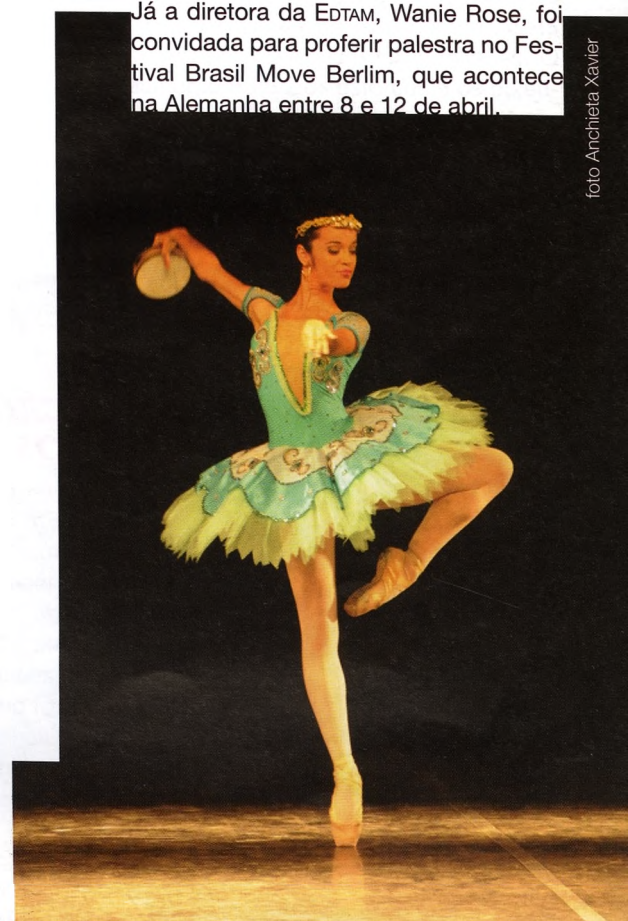


foto Anchieta Xavier



# DA RADICAL POÉTICA DO GESTO

por Chico Moreira Guedes | foto Divulgação

“Paul Valéry comparava a prosa à marcha e a poesia à dança.” Essa frase, lida décadas atrás, nunca me saiu da memória. Está num texto de Octavio Paz que trata do ritmo na poesia, um capítulo de *O arco e a lira*.

Mas aqui me interessa ir mais longe, inverter os termos da comparação; sustentar que dança é poesia, a *poiésis* radical da corporalidade, que “dançar é escrever com o corpo”, como no poema de Cleveane Pessoa, uma potiguar radicada em Minas Gerais que descobri ao garimpar na grande teia referências para este texto. Nesse garimpo, surpreendeu-me a grande variedade de ilustres poetas mortos que tocaram o tema da dança: Goethe, Schiller, e. e. cummings, Emily Dickinson, Yeats, Ezra Pound, Carl Sandburg, Jean Cocteau – e Philip Larkin, para não encompridar a lista.

E também o outro lado dessa relação: *O Corsário*, um dos grandes balés do repertório romântico é baseado num poema homônimo de Lord Byron; o American Ballet Theater criou uma coreografia para três homens inspirada em *Remanso*, fragmento final da *Suíte dos Espelhos*, de García Lorca; a Compagnie Jozsef Trefeli, de Genebra, adaptou o poema *Passionément*, do surrealista romeno-francês Gherasim Luca.

Há um caminho etimológico que me ajuda na provocação que anunciei acima, a de que dança é poesia. Sabe-se que *poiéo*, verbo que está na raiz grega de *poiésis*, diz fazer, executar, dar forma a, construir, antes de dizer compor, ou representar em poesia. Diz o gesto antes do discurso, o movimento antes do logos.

Mas elucubrar que o gesto precedeu ou até deu origem à poesia não é ainda dizer que ele é poesia. Deixemos de abstrações e consideremos, num caso real e próximo de nós, alguns paralelos *haventes* entre a elaboração de uma coreografia e seus *dançamentos*, e a construção de um poema “verbal” e suas múltiplas leituras.

5 num 5x5 na Figueiredo Magalhães é uma de três coreografias dançadas em Berlim, fevereiro passado, por jovens da Companhia de Dança do Teatro Alberto Maranhão, que lhes valeram o prêmio de melhor conjunto contemporâneo no festival Tanzolymp.

Autor da peça, Clébio Oliveira, dançarino e coreógrafo potiguar radicado na Alemanha, bebeu em tempos de penúria partilhados com mais quatro companheiros num minúsculo conjugado em Copacabana, e, como fazem os poetas, transmutou memória de alegrias e aperreios ali vividos em lin-

guagem – só que linguagem corporal. Não a narrativa teatral anedótica – não o poema prosaico – Clébio vai buscar no repertório dos gestos, na fala do corpo, as soluções poéticas constitutivas da sua obra viva, cinética, que, sendo dançada e re-dançada, se refaz polissemicamente para cada olhar individual que a assiste, como um poema que tem vigor refloresce e pode nos surpreender a cada nova leitura.

Sim, dança é poesia. E corpos que dançam a dança de hoje também refazem as eternas perguntas sem resposta; suas corpo-grafias revivem e recriam os medos, pasmos e epifanias que mobilizam também os poetas do verbo escrito em papel. E, como estes, podem fazê-lo com mais ou menos vigor, maior ou menor precisão, impacto e ficância. Para decidir, é preciso lê-los, é preciso vê-los, é preciso revê-los, como relemos o poema que nos intriga e instiga, sabendo que não se trata de decifrá-lo, mas de nos abrimos ao seu mistério.

Para “ouvir” o pulsante mistério da dança contemporânea é preciso não temer a radicalidade da poética dos corpos – inclusive, quem sabe, a do nosso próprio.

**Chico Moreira Guedes** é professor de inglês e tradutor de húngaro

♦ eles passarão, eu passarinho

PREÁ



## Larissa Gabrielle

@larigabi Mossoró - RN

Comunicação. Literatura. Samba. Botafogo. Cinema. Antiquidade. Fotografia. E outras coisas que não adianta explicar, você não vai entender.

<http://larisaraujo.blogspot.com>

+ Follow



# EU TUÍTO

por Larissa Gabrielle

“Você me ama?” não é pergunta que se faça. “Amo” não é resposta que se dê.

**30 de julho de 2010**

Curso pra gente indecisa aprender q há coisas que não são metades. Ex. não existe meio morto, não existe meio sozinho, não existe meio amor

**11:55 AM Feb 4th via web**

tudo que a gente vive ou vira saudade ou vira remorso.

**Thu Jan 06 2011 11:04:09 via web**

Achei que era amor, mas era tempo perdido.

**Thu Dec 30 2010 12:28:52 via web**

Quando virar a página não é suficiente, a gente cria coragem e rasga. #filosofia-daembriaguez

**4:13 AM Nov 7th, 2010 via Mobile Web**

Moral da história: a gente não alimenta o que deve morrer

**Mon Feb 14 2011 17:12:00 via web**

durmo pra viver os sonhos

**Wed Feb 16 2011 01:35:30 via web**

Apreendi tanto a ser só que tem horas que me abandono e nem me sinto falta.

**Tue Feb 22 2011 22:33:46 via web**

de todos os beijos, o mais inesquecível é aquele que ameaçou ser e não foi/ o que ameaça ser amor e não é

**8:08 PM Apr 13th, 2010 via web**

Ele. Que em algum instante da vida foi o que mais amei. Atravessava a rua, sem representar nada além de uma extinta estória de amor.

**11:20 AM Oct 11th, 2010 via web**

Não beba o que eu chorar que ainda é cedo.

**Wed Oct 13 2010 16:25:52 via web**

Desafiar uma mulher mossoroense não é uma boa estratégia. Homens, deveriam saber disso... ⇄

**10:27 PM Sep 28th, 2010 via web**

... quando o soldadinho de chumbo dá corda na bailarina.

**Thu Oct 07 2010 17:38:20 via web**

a gente se refaz

**Mon Nov 15 2010 13:59:23 via web**

Vou me repetir antes que chegue quarta-feira: 23/11 - Saudade só presta se for ingrata.

**11:19 PM Nov 23rd, 2010 via web**

Só gosto de desculpas esfarrapadas!

**Sat Feb 19 2011 22:23:10 via web**

Runn, estava aqui, pensando com as rendinhas da minha camisola.

**Wed Jan 19 2011 23:52:00 via Mobile Web**

Um aperto no peito. Vou ali diminuir um colchete do sutiã. Já volto!

**3:42 PM Oct 13th, 2010 via web**

As vezes abro a gaveta das calcinhas e penso: vou vestir você, que faz tempo que não te uso.

**11:28 AM Dec 3rd, 2010 via web**

Eu e minha arte de estar sempre na mira sem apertar o gatilho.

**about 5 hours ago via web**

Ah, eu prefiro a paixão quando eu tenho certeza de que vou morrer do que quando eu sei que vai passar.

**Fri Mar 11 2011 08:42:29 via web**

Desço o elevador sempre de coração partido e o que me parte o coração é saber que ele está na porta, contando os andares.

**17:11 PM Jan 29th, 2010 via web**

Adoro quando ele perde o sono, vai ler jornais e faz o café. Amo quando traz na cama pra mim. Morro quando se deita de novo.

**9:16 AM Nov 22th, 2009 via web**

Hoje eu fiz o caminho mais longo só porque por lá o movimento é mais bonito.

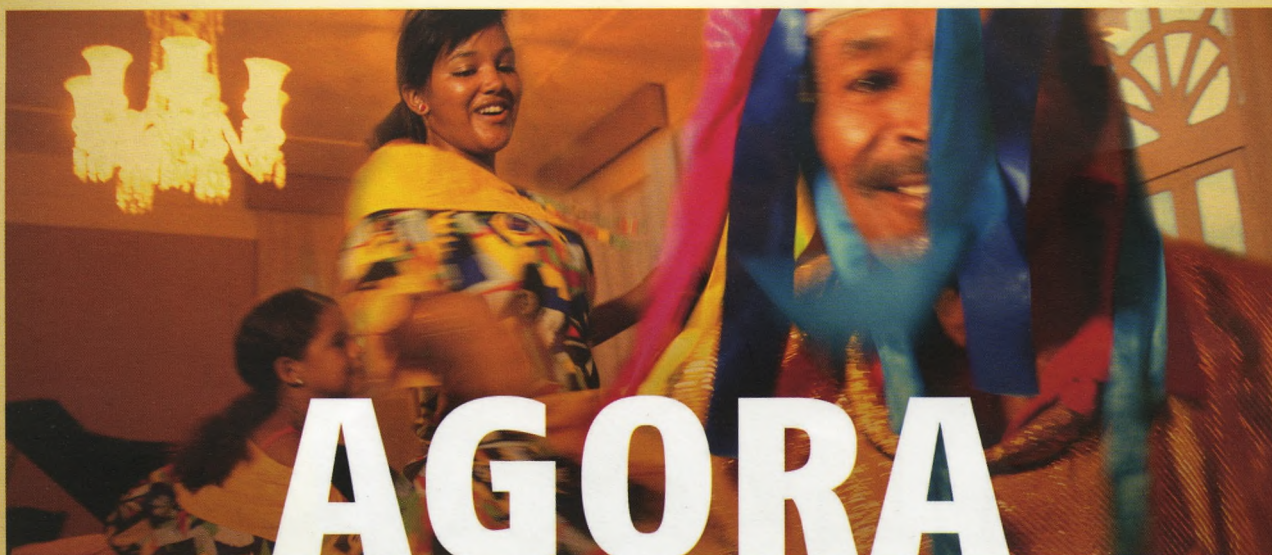
**Wed Feb 16 2011 08:57:56 via web**

Quanto tempo para o próximo anjo cair do céu?

**Thu Jul 22 2010 17:24:20 via web**

Quantos anos inteiros ainda me restam?

**1:27 PM Jun 8th, 2010 via web**



# AGORA É MÃOS À OBRA NA CULTURA

O Governo do Estado está dando à cultura o papel de destaque que ela merece no Rio Grande do Norte. Em tão pouco tempo, passos importantes já fazem a diferença. O primeiro deles foi a criação da Secretaria Extraordinária da Cultura. O Governo aumentou para R\$ 6 milhões a renúncia fiscal para o setor, um crescimento de 50% em relação aos últimos 8 anos.

Novos recursos levam a mais investimentos, que acontecem no incentivo às artes, música, literatura e em várias outras ações que dão novo fôlego à produção potiguar. E isso é apenas o começo. A cultura do RN não precisa mais esperar, porque agora é mãos à obra.

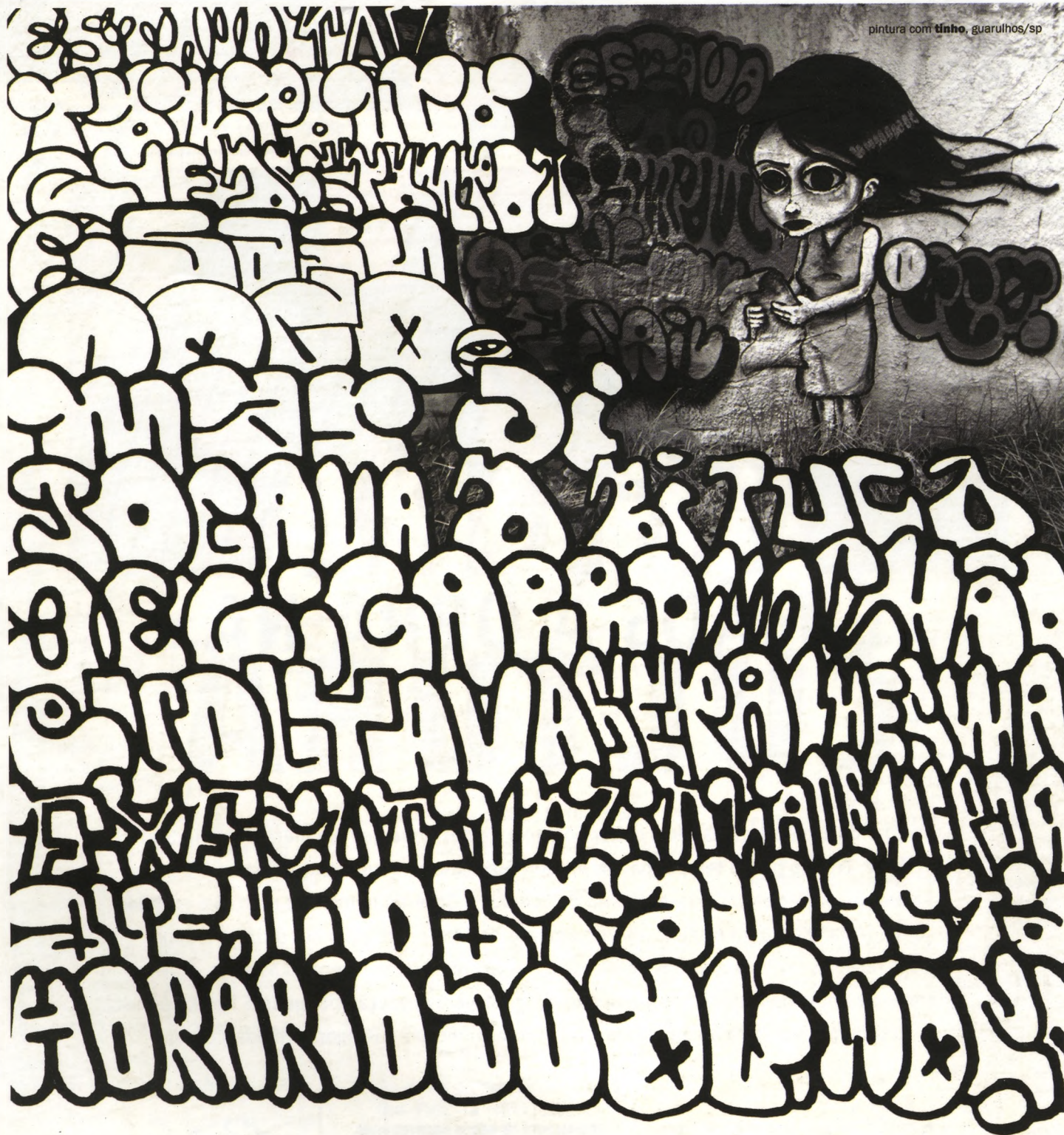
**REPASSE DE R\$ 960 MIL A 16 ASSOCIAÇÕES DOS AMIGOS DAS CASAS DE CULTURA.**

**PROPOSTA PARA CRIAÇÃO DO FUNDO ESTADUAL DA CULTURA ENCAMINHADA À ASSEMBLEIA LEGISLATIVA.**

**TREINAMENTO DE NOVOS AGENTES PARA AS CASAS DE CULTURA.**

**CRIAÇÃO DO PROGRAMA EDITORIAL DA SECRETARIA DA CULTURA, COM O LANÇAMENTO DE 30 LIVROS E 10 CORDÉIS.**

**RN**  
**GOVERNO**  
**DO ESTADO**  
RECONSTRUIR E AVANÇAR



**não entendeu nada?** então acesse [soundcloud.com/danielminchoni/o-oco](https://soundcloud.com/danielminchoni/o-oco) ou [soundcloud.com/danielminchoni/avenida-paulista](https://soundcloud.com/danielminchoni/avenida-paulista)  
e ouça as legendas das duas poesias. **versão bonus track remix** de avenida paulista também no [soundcloud.com/brunon/maria-bituca](https://soundcloud.com/brunon/maria-bituca)

**daniel minchoni** é um dos sócios dos [jovensescribas.com.br](http://jovensescribas.com.br), selo pelo qual lançou seu livro, **escolha o título**, em co-autoria com **eveline gomes**.  
adepto das novas línguas, publica seus poemas nos saraus e muros de sampaulo e também no [soundcloud.com/danielminchoni](https://soundcloud.com/danielminchoni)